



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO ACADÊMICO DE FILOSOFIA – CMAF

“DA PRUDÊNCIA” EM SANTO TOMÁS DE AQUINO

Andréa Cristina Benigno Dantas

FORTALEZA-CE
2013

Andréa Cristina Benigno Dantas

“DA PRUDÊNCIA” EM SANTO TOMÁS DE AQUINO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará – CMAF, como requisito parcial para a conclusão do Mestrado Acadêmico de Filosofia e obtenção do título de Mestre em Filosofia, na área de concentração de Ética Fundamental.

Sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Jorge Oliveira Triandopolis

FORTALEZA
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Biblioteca Central do Centro de Humanidades
Doris Day Eliano França - CRB-3/726

D192p Dantas, Andréa Cristina Benigno.

“Da prudência” em Santo Tomás de Aquino / Andréa Cristina Benigno Dantas. — 2013.

CD-ROM. 96 f.: 4 ¼ pol.

“CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico, acondicionado em caixa de DVD Slin (19 x 14 cm x 7 mm)”.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Filosofia, Fortaleza, 2013.

Área de Concentração: Filosofia.

Orientação: Prof. Dr. Eduardo Jorge Oliveira Triandopolis.

1. Homem. 2. Ética. 3. Prudência. 4. Tomás de Aquino, Santo. I Título.

CDD: 189.4

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

Mestrado Acadêmico em Filosofia

Título: DA PRUDÊNCIA EM SANTO TOMÁS DE AQUINO

Autor: Andréa Cristina Benigno Dantas

Professor Orientador: Professor Dr. Eduardo Jorge Oliveira Triandopólis

Exame de Qualificação em: 10 de abril de 2013

Defesa da Dissertação em: 16 de maio de 2013

Nota Obtida: 9,5

Banca Examinadora



Professor Dr. Eduardo Jorge Oliveira Triandopólis

Orientadora - UECE



Professor. Dr. Luis Carlos Souza

1º Examinador- UNILAB



Professora. Dra. Sylvania Leão Almeida

2º Examinadora- UECE

À
Roberto e Juscileide,
Ana Karla,
Eugênia
Vitória,
Você!

AGRADECIMENTO

Primeiramente a Deus, o qual é o único digno de toda Honra, toda Glória e todo Louvor, sei que sem Ele eu jamais poderia fazer nada.

Ao querido Professor Dr. Eduardo Triandópolis por sua atenção e orientação ao longo desses anos, a quem devo anos de agradecimentos, em quem descobri mais que um professor e sim, um amigo.

Ao professor Dr. Expedito Passos por sua atenção constante, companheirismo e incentivo.

Ao professor Dr. Luis Carlos por ter demonstrado total interesse na leitura desse trabalho trazendo significativas melhorias ao mesmo, por sua imensa paciência, atenção e compreensão.

À Professora Dra. Sylvia Leão por fazer parte deste trabalho, tendo demonstrado interesse em trazer contribuições ao mesmo, tendo me cedido parte de seu precioso tempo.

À FUNCAP pelo apoio financeiro nesses dois anos de Mestrado.

Ao homem que tenho orgulho de ter como pai, Roberto Viana Dantas, por ser um homem íntegro, honesto e justo, que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos, me ensinando o verdadeiro significado do que é ser uma pessoa de bem, e acima de tudo, sendo um exemplo em minha vida, um amigo fiel e sincero, por ter acreditado em meu potencial, mesmo quando minhas notas em Matemática diziam o contrário.

A minha mãe, Juscileide e a minha irmã, Ana Karla, que sempre me apoiaram e me estimularam a nunca desistir, que mesmo, muitas vezes em silêncio, são pedras fundamentais em minha vida, principalmente orando por mim.

A minha avó Eugênia por sua infinita paciência em corrigir meu texto, por seus “puxões de orelha” na hora certa, os quais me ajudaram a concluir mais essa etapa em minha vida, e a sentir-me preparada para as que virão.

Ao meu professor de latim Luiz André pela paciência, pelo ensino e acima de tudo, pela amizade e apoio incondicional ao longo desses anos, a quem devo, através de seu método, a possibilidade de conseguir compreender o que de fato foi escrito por Tomás de Aquino. Agradeço principalmente por acreditar em mim quando eu mesma pensava não ter traduzido correto.

A Rose, Fátima e Evandro e Igor, os quais foram anjos que Deus colocou na minha vida e nos quais descobri pessoas fantásticas. Agradeço aos demais funcionários, professores e colaboradoras da UECE.

Aos meus “irmãos de orientação” Jackson, Gleyciane, Erivaldo e Raquel, agradeço pela amizade e incentivo, pela atenção e carinho. Agradeço também a todos os colegas do grupo de Heidegger, por sempre me receberem tão bem.

A Vitória, Keilla, Jéssica, Guthiery, Anderson, Fátima Costa, Pr. Geilson, a Lorena Rocha, Ernani, Moisés, Eleandro, Nil, Jéssica, Adelena, Pedro Henrique e a todos os demais amigos que fiz e aos que cativei, os quais foram e continuarão a serem peças fundamentais em minha vida mesmo que os caminhos nos levem a lugares distantes.

Aos meus pastores e amigos da família iepense, que em cada palavra de incentivo ou até mesmo de crítica à Filosofia me deram impulsos a não desistir dessa Mãe e rainha de todas as Ciências. Agradeço a Família Hung Gar de Kung Fu, especialmente ao Sihing Ernandes e Sije Vânia, por seus ensinamentos que foram de grande valia na fase final de meu Mestrado.

Agradeço a todos os amigos, colegas, alunos, e para não ser injusta e esquecer o nome de alguém, agradeço a todos os que estiveram e continuam ao meu lado, só tenho a pedir a Deus que os abençoe e derrame maravilhosas bênçãos sobre suas vidas!!! Meu muito obrigada a todos.

Honrar um pensador não é elogiá-lo, nem mesmo interpretá-lo, mas discutir sua obra, mantendo-o, dessa forma, vivo e demonstrando, em ato, que ele desafia o tempo e mantém sua relevância.

Cornelius Castoriadis

RESUMO

A Humanidade tem passado, desde suas origens, por períodos de significativas transformações em suas bases fundamentais, dessa forma, ao lançarmos um olhar crítico, notamos que a emoção e a busca desenfreada pela felicidade têm gerado um retrocesso nas relações intra e interpessoais, sobrepondo-se à Razão. Entretanto, a Razão é, segundo a Filosofia, característica preponderantemente humana, da qual o Homem jamais pode dissociar-se. Retrocedendo-se vemos que o homem considerado essencialmente político, deve agir de acordo com os parâmetros e regras que lhe foram impostos racional ou culturalmente. Diante dessa exigência, situaremos o pensamento de Tomás de Aquino (1225-1274), o qual é, ainda hoje, um expoente da Filosofia, sobretudo, da Filosofia Medieval, em virtude de sua importância, pretendemos, na presente dissertação, abordar considerações acerca da ética por ele formulada, pois compreende o homem possuidor de uma obrigação moral, que deve agir por sua Razão, superando suas paixões e emoções. Através do estudo da Ética e da Moral propostas por Tomás de Aquino, percebemos que o homem deve sempre deliberar, sobre seus atos, jamais se permitindo agir por motivos banais. Dessa forma, em nossa dissertação, nos propomos a resgatar conceitos da obra de Tomás de Aquino, na tentativa de colocá-los em prática na Modernidade, principalmente no que se refere à Prudência, a qual Tomás situa como a principal virtude cardeal, responsável por possibilitar que o homem delibere, julgue e comande sobre seus atos e escolhas. Daremos ênfase, também ao homem prudente, o qual deve extirpar de si todo vício. Portanto iremos enfatizar o homem virtuoso e, sobretudo prudente, pois Tomás não trata de determinado indivíduo, mas focaliza-o enquanto Pessoa, dotado de consciência (synderesis), responsável e consciente de suas obrigações e direitos. Dessa forma, é essencial que o homem prudente seja sábio, justo, temperante e forte, pois somente com homens assim na Sociedade será possível a convivência pacífica entre os demais indivíduos.

PALAVRAS-CHAVE

Homem; Ética; Prudência; Tomás de Aquino

ABSTRACT

Humanity has passed since its origins, through periods of significant changes in their fundamentals, thus when we take a critical look, we note that the emotion and wild search of happiness have generated a throwback in intra and interpersonal relationships, overlapping to Reason. However, the reason is, according to Philosophy, feature predominantly human, of which man can never dissociate. Going back we can see that the man considered essentially political, must act in accordance with the parameters and rules that were imposed rational or culturally. Given this requirement, we will place the thought of Thomas Aquinas (1225-1274), who is still today, an exponent of the philosophy, especially Medieval Philosophy, due to his importance, we intend, in this dissertation, approach considerations about ethics formulated by him, as it includes the man possessed of a moral obligation, who must act on his Reason, overcoming his passions and emotions. Through the study of Ethics and Morals proposed by Thomas Aquinas, we realized that the man should always decide on their actions, never acting for trivial reasons. Thus, in our dissertation, we propose to rescue concepts in the work of Thomas Aquinas, trying to put them into practice in modernity, mainly in relation to prudence, which is set by Thomas as the main cardinal virtue, responsible for enabling the man deliberates, judges and commands over their actions and choices. We will emphasis also the wise man, which must extirpate from themselves every vice. So our goal is to show that the man should always act rightly in the face of major challenges that appear, so our dissertation is divided into three chapters, on the first we will expose about the *beatitudo*, where we expose the ultimate end of man, and its main characteristics, in the second chapter we expose about the ethics of Aquinas itself, we treat about *habitus* and virtues, the third and final chapter will emphasize the virtuous man, and especially the prudent one, because Thomas does not deal with a particular individual, but focuses it as a Person, endowed with consciousness (*synderesis*), responsible and conscious of their rights and obligations. Thus, it is essential that the prudent man be wise, just, temperate and strong, because only with such men in society it is possible the peaceful coexistence between other individuals.

KEYWORDS

Man, Ethics, Prudence, Thomas Aquinas

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Primeiro Capítulo. Da Beatitudo.....	15
1.1. O Fim Último e a Beatitudo.....	18
1.2. A Alma.....	23
1.3. O Intelecto.....	28
1.4. A Constituição do Homem.....	33
1.4.1. A Vontade.....	33
1.4.2. O Livre-arbítrio.....	38
1.5. Os Atos Humanos.....	40
1.6. As Paixões.....	43
Segundo Capítulo. Dos Hábitos e Das Virtudes.....	49
2.1. A Noção de Habitus.....	50
2.2. Sobre as Virtudes.....	52
2.3. As Virtudes Intelectuais.....	56
2.4. As Virtudes Morais.....	58
2.5. As Virtudes Cardeais.....	60
2.5.1. A Justiça.....	61
2.5.2. A Temperança.....	63
2.5.3. A Fortaleza.....	69
2.6. Os Vícios e os Pecados.....	74
Terceiro Capítulo. Da prioridade da Prudência.....	78
3.1. <i>Phronesis</i> grega e a <i>Prudentia</i> latina.....	79
3.2. Relação: Synderesis e o Homem Prudente.....	81
3.3. Prudência e Lei Natural: Fundamentos da Vida Social.....	85
Conclusão.....	98
Bibliografia.....	100

INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade, temos nos deparado com questionamentos que acabam por voltar-se ao centro de interrogações ontológicas, que tocam o homem no mais profundo de sua alma, o desejo de conhecer suas origens, torna-se uma constante em sua vida, pois é um ser inquieto, que procura alcançar o fim almejado. Assim, diante da tentativa de equacionar respostas a diversas interrogações, surgiram inúmeros pensadores que marcaram a Filosofia com suas teorias, conforme podemos observar ao longo dos seus vinte e sete (27) séculos de existência, pois dos gregos aos pensadores modernos, ressalta ao observador suas preocupações em trazer benefícios de esclarecimento ao Saber, e à Filosofia. Todavia, ao longo dos séculos, assuntos que muitas vezes eram apenas do âmbito da Filosofia tornaram-se objeto de estudo de outras Ciências, como podemos notar no tocante a Ética, que nas últimas décadas passou a estar presente em diversas Disciplinas Acadêmicas – nos cursos de Marketing, Ciências da Computação, entre outras. À medida que tais áreas vão sendo exploradas, a abrangência de suas investigações é transformada em campos de estudo que se entrelaçam e acabam por confundir-se, todavia, a importância de seus conceitos permanece. Dentre os pensadores que trouxeram significativas contribuições às Ciências e especialmente à Filosofia, nesta Dissertação, destacaremos Tomás de Aquino (1225-1274), o qual influenciou uma variedade de pensadores modernos e contemporâneos com suas considerações, principalmente pelos fundamentos metafísicos por ele abordados, sobretudo na Ética, influenciando filósofos, educadores, psicólogos, daí sua importância e atualidade.

Suas reflexões representam um sistema permeado por ideias capazes de englobar vários assuntos, uma vez que compreender um tópico de sua filosofia, é compreender todo o seu pensamento. Tomás de Aquino é um autor ímpar para a Filosofia, pois inverteu prioridades, andando, muitas vezes, na contramão dos acontecimentos e pensamentos de sua época, evidenciado ao longo de seu contexto histórico. Tomás escreveu diversas obras e opúsculos, produziu uma série de volumes de um saber profundo, dentre seus principais escritos, destacamos a *Summae Theologiae*, que é a sua obra mais importante e conhecida, embora inconclusa. Tomás de Aquino viveu num período denominado *Escolástica*, marcado por rígidas regras de ensino.

Estudioso do pensamento aristotélico, compreendia tal como o Filósofo, o homem como um ser político, embora o concebesse em concordância com as exigências da Teologia Cristã, isto é, como criatura de Deus. Não o posiciona como governado preponderantemente por seus instintos, mas por uma organização social que o conduz a submeter sua natureza à direção apresentada pela *razão*. O pensamento de Aquino é

marcado por um comprometimento com o saber e uma clareza admirável, capaz de decifrar e enfrentar os desafios do século XIII. Tomás pensou os mais variados temas que continham o Homem como figura central, o que é exposto ao longo de suas obras. Em suas *quaestiones disputatae*, pensava e expunha temas acerca da Filosofia, da Teologia e da Sociedade de modo geral. Através de suas considerações e inovações, seu pensamento não foi esquecido, mas permanece atual também no mundo moderno.

A notável complexidade de seu pensamento é demonstrada em sua consideração acerca do Homem como o centro de toda a Criação. O pensamento de Tomás de Aquino muitas vezes confunde-se com o pensamento aristotélico, ao conceber o homem como um ser político, que vive em sociedade, em constante relação com outros indivíduos, alcançando nessa relação, sua humanização¹. Entretanto, seu pensamento distingue-se do Filósofo, pelo fato de Tomás também formular o Homem como *criatura de Deus*, estando inserido entre o animal e o divino, é marcado por sua temporalidade e passividade, que está em constante busca por alcançar seu Fim Último, a *beatitudo*, alcançável apenas no retorno do homem ao seu Criador, pois apenas Nele encontra sua Felicidade. Salientamos uma das principais características humanas no pensamento de Tomás de Aquino, considerando o homem possuidor de livre-arbítrio, através do qual pode escolher como irá utilizá-lo, e isto exclui ser coagido por fatores externos, como também permite a espontaneidade da ação humana, através de sua capacidade de deliberar. O pensamento de Aquino é de uma riqueza surpreendente, pois apresenta o Homem com suas características mais naturais – seus desejos e suas aspirações, seus temores. Jamais nos deparamos com Tomás ignorando as características humanas, mas evidenciando-as, formula conceitos morais, éticos e religiosos, que permitem um crescimento coeso, racional e elevado.

Segundo seu pensamento, o Homem é possuidor de uma *obrigação moral*, é regido pelos *costumes* que são a principal manifestação externa da vida moral, transmitida de geração a geração, pois constituem o conjunto de atitudes, regras de comportamento, preceitos e proibições concernentes à vida individual, social e religiosa de determinado grupo. O homem possui o direito de escolher agir ou não de determinada maneira, dentro de certos limites, é responsável por suas ações, e principalmente deve seguir e obedecer leis impostas moralmente, como não matar, não roubar, esses são preceitos permitem a possibilidade de uma convivência pacífica entre os indivíduos de determinado grupo – religioso, civil, empresarial, e por se tratar de natureza moral, não podem ser universalizados, por isso é notável a existência de vários padrões referentes às ações humanas.

¹ ARISTÓTELES. *Política*. 1253a 7-8

Visando as instâncias formadoras do Homem, a importância da compreensão deste como um ser essencialmente racional, tanto no que se refere ao ideal da conduta humana quanto aos motivos que a impulsionam, nos propomos, no estudo da Filosofia, apresentar a Ética de Tomás de Aquino, resgatando conceitos presentes em sua obra, a fim de expor seu pensamento. Nossa Dissertação possui como objetivo destacar o pensamento de Tomás de Aquino em meio a uma variedade de pontuações, reflexões e concepções, ressaltando a Prudência, pois num contexto de pluralidades, Tomás traz uma gama de respostas às questões e inquietações sobre temas humanos, pois poucos estudiosos conseguiram tratar de assuntos divinos e pertinentes à humanidade.

Dessa forma, diante dessa *obrigação moral*, a presente dissertação está situada na linha da Ética Fundamental e foi desenvolvida com o intuito de apresentar os assuntos necessários à compreensão do pensamento de Aquino. Assim, querendo alcançar o objetivo de nossa proposta, dividimo-la em três capítulos: no primeiro, *De Beatitudo*, apresentamos o homem como criatura de Deus, que encontra Nele seu Fim Último, um ser marcado por sua natureza, pelo livre-arbítrio que é uma de suas principais características, pois exclui a coação promovendo a espontaneidade da ação humana. A liberdade é a propriedade interna dos próprios atos, bem como uma capacidade de autodeterminação, ou seja, o indivíduo deve sempre ter o direito de escolher agir ou não de determinada maneira, por isso é livre, responsável por seus atos, dotado de *razão*, *intelecto* e *vontade*, senhor de uma complexidade única, humana e divina.

É nosso objetivo tratar também *Dos Hábitos e das Virtudes* – 2º capítulo, que consistem, numa parte de extrema importância em nossa dissertação acerca da ética proposta por Aquino, não é nosso objetivo nos atermos as demais virtudes – morais, intelectuais, pois cada uma dessas é merecedora de um empenho grandioso, o que está além de nossa proposta de estudo, entretanto, vale ressaltar que abordaremos esse tema para salientar a prioridade da Prudência sobre aquelas virtudes. A Moral é uma ciência prática, referente ao Homem, o qual está constantemente em busca de alcançar o Fim julgado como sua Felicidade, daí a importância que Tomás atribui à necessidade que o homem possui de agir virtuosamente, pois por mais que seja livre, deve, obrigatoriamente, agir de forma moral, e, por conseguinte, ética, alcançada unicamente mediante o exercício da *razão*. O *habitus*, por sua vez, é uma disposição que permite a realização da ação humana, estudarmos os Hábitos e as Virtudes em nosso trabalho é essencial para fundamentar o terceiro e último capítulo de nossa pesquisa: *Da Prioridade da Prudência*. O estudo acerca da Prudência merece uma atenção especial, pois para uma maior fidelidade ao pensamento formulado por Aquino, é essencial dedicarmos um capítulo exclusivo a principal virtude, pois tem como tema fundamental a ação humana em toda a sua complexidade.

Em nosso trabalho utilizamos como obra central a *Summae Theologiae*, especialmente a I (questões de 1 a 114) e II (questões de 1 a 189) seção da II parte, entretanto, utilizamos também as obras “*De Virtutibus*” e o *Comentário ao “De Ethicorum”*, que consistem em obras importantes nas quais Tomás tratou da Ética propriamente dita e por sabermos que esse tema é de capital importância para o homem, tentaremos expô-lo em nossa dissertação, por isso incluímos também em nosso estudo parte da *Summae Contra Gentiles*.

PRIMEIRO CAPÍTULO DE BEATITUDO

No presente capítulo, estudaremos assuntos pertinentes à compreensão do pensamento de Tomás de Aquino, especialmente acerca da *beatitudo*², nele traremos as bases de seu pensamento acerca do Homem. Tomás baseando-se no pensamento grego e cristão, compreende-o como *criatura divina*, como o centro da Criação, atribuindo-lhe uma posição de destaque entre as “criaturas” – terrenas e divinas. É essencial nos atermos a sua consideração acerca do homem, como um ser finito, em constante busca por alcançar o que considera ser sua Felicidade, que para Aquino, é expressa pela *beatitudo*, seu Fim Último. Neste capítulo traremos expressas as bases do que consiste a antropologia por ele proposta, pois apenas poderemos realizar formulações éticas, pertinentes ao seu pensamento, se compreendermos o homem como uma criatura que volta ao seu Criador, e que encontra Neste seu fim último. Assim, esse capítulo é um “divisor de águas”, pois, traz as bases da concepção de Aquino acerca do Homem, bem como matizes de sua fundamentação metafísica, suas investigações acerca da *vontade*, do *livre-arbítrio*, dos *atos humanos* e das *paixões*.

Tomás de Aquino eleva o homem às últimas instâncias, trazendo-o como uma de suas considerações centrais, pois a Filosofia teve seu ponto de partida e sua fundamentação no próprio “indivíduo”, considerando-o como matéria-prima desta Ciência, capaz de realizar uma explicação racional do Mundo. Aquino traz a importância do homem também para sua filosofia, principalmente ao compreendê-lo como criatura de Deus, o que é essencial para compreender suas considerações acerca da vida humana e conseqüentemente, de sua formulação sobre a ética, pois o concebe composto por uma substância espiritual e corporal, a primeira é a principal, pois possui *essência*, *potência* e *operação*.³

A Filosofia sempre esteve preocupada com os mais variados temas de estudo, sempre fez da pergunta, “o que é o homem?” umas das principais, sobretudo na cultura ocidental, em áreas como Literatura e Psicologia. Todavia, é na Filosofia que esta interrogação assume posição privilegiada, mais propriamente após a época sofística grega, em meados do século V a.C. O pensamento de Tomás de Aquino sempre foi marcado por características únicas, embora se detenha no pensamento de autores que considerava

² Em nossa dissertação, visando uma melhor compreensão de termos utilizados por Tomás de Aquino, escolhemos continuar a usarmos o termo *beatitudo*, pois esse termo expressa o verdadeiro significado proposto por Aquino, isento de toda e qualquer forma de equívocos na tradução. A *beatitudo* significa a Bem-aventurança, isto é, o Fim Último da vida do Homem, aquilo que este julga ser a sua Felicidade, a plena realização de suas aspirações.

³ TOMÁS DE AQUINO. I, q.75

principais, pois tenta absorver de seus antecessores tudo o que traz riqueza e precisão à sua pesquisa, diante desta busca, muitas vezes incansável, Aquino é de uma importância ímpar para a Filosofia, especialmente por seu estudo do homem de forma irrestrita, compreendendo-o como o que há de mais perfeito no Universo, pois composto de *alma*, *corpo*, *inteligência* e *vontade*, é considerado um “espírito encarnado”⁴, compreendido como composto por uma união substancial de sua natureza, que não pode ser dissociada.

Tomás ao longo de suas análises não se dedica ao estudo de determinado homem ou de uma determinada sociedade, mas trata de sua grandeza enquanto *criatura*, isto é, enquanto *pessoa*, como um ser inserido numa determinada sociedade que necessita dela para realizar-se a si mesmo. Aqui parte a fundamentação de sua *ética*, compreendida como um ramo da Filosofia que visa, dentre suas acepções, equacionar as atitudes humanas, relacionando-as entre si em “equilíbrio”, pois o Homem é detentor de *inteligência*, *vontade* e *razão*.⁵ Assim, Tomás compreende-o como um animal múltiplo, principalmente no tocante às suas atividades e manifestações em relação ao tempo e ao espaço, que consistem em desafios complexos em interação formando a *individualidade* e estimulando a *racionalidade*.⁶

Tomás considera o homem um ser perfeito, mas também um animal, porque assim como os animais irracionais, agem instintivamente, o homem também possui *instinto*.⁷ Entretanto, devemos abordar um fator preponderante na formação humana – a *razão*, responsável por dirigir o homem e, sobretudo, suas ações de modo supremo, sobre as coisas a serem realizadas ou evitadas, permitindo a este, atitudes da mais alta relevância ou da mais severa reprovação. O homem é político por natureza⁸, deve se posicionar em forma de comum acordo com a sociedade em que está inserido, conciliando suas motivações, interesses, desejos e sua ação em determinadas circunstâncias. É essencial que este seja ético consigo e com o outro, compreendendo como a consumação de seus atos interfere no ambiente social, e que, por conseguinte, afetam o seu próximo. Dessa forma, há uma

⁴ Ao tratarmos de espírito encarnado nos propomos resgatar o conceito de espírito na filosofia de Tomás, uma vez que este conceito é um dos mais importantes em seu pensamento, dessa forma, por espírito Tomás considera: “uma ‘forma’ à qual pertence ser por si princípio e sujeito de existência e de operação. Pode informar a matéria a ponto de constituir com ela uma única substância. A forma constitutiva do ser humano é a um só tempo alma e espírito”. (Cf. vocabulário da Suma Teológica. Edições Loyola. Volume 1). Dessa forma, espírito encarnado, na filosofia de Tomás de Aquino quer dizer que o homem possui anseios e vontades, mas esses se desenvolvem em virtude do corpo. (Cf. MONDIN, B. Humanismo Filosófico de Tomás de Aquino. P. 25)

⁵ SCIACCA, M.F. *El hombre, este desequilibrado*. Luis Miracle Editor. Barcelona – ES. 1958. P.23

⁶ Idem. Ibidem. P. 52

⁷ Conforme afirma SCIACCA, “a vida instintiva pode naturalmente desenvolver-se por si mesma e constituir a individualidade de um homem”. (SCIACCA, M.F. *El hombre, este desequilibrado*. Luis Miracle Editor. Barcelona – ES. 1958. P. 52. “*la vida instintiva puede naturalmente desarrollarse por sí sola y constituir la individualidad de un hombre*”)

⁸ ARISTOTELES. *Política*. 1253 a 7,8

dialética entre o *indivíduo* e *sociedade*, pois todos os homens são seres na constante busca de alcançar determinado Fim,⁹ são indivíduos em constante relação e em contato com muitos outros que possuem também seus desejos e aspirações, assim, há a necessidade que ele aja através do exercício de sua *razão*.

A filosofia de Aquino concebe o homem como privilegiado, está entre as substâncias espirituais e as animais, constituído por matéria e forma, alma e intelecto, sujeito às paixões, composto por ato e potência, é, sujeito de constantes mudanças. Tomás procura conhecê-lo como de fato é, não tenta fundamentá-lo ou concebê-lo como um super-homem, ou um ser fechado, completo em si mesmo, mas, como em constante desenvolvimento, que procura alcançar a sua perfeição. O homem deve escolher o melhor caminho a seguir, pois mesmo sujeito de suas potências, é capaz de agir com base em suas predeterminações e características próprias¹⁰, está muito além da mera união de *corpo* e *alma*, é, segundo a definição de Aquino, um “animal perfeito”, que se dirige para aquilo que quer através de seus sentidos e de seu apetite, que é a inclinação natural de uma coisa para um objeto dado.¹¹ O homem é um ser em constante inquietude¹², pois está sempre em busca do soberano Bem que o guia em sua caminhada na vida terrena, alcançando, através de regras de condutas, a Felicidade, mas também é conhecedor e dominador de suas paixões, capaz de extirpar de si mesmo vícios, para que adquira e preserve as virtudes, procurando a Felicidade nas operações mais meritórias.

Dessa forma, o homem é corruptível como qualquer outro animal, e por isso tende a considerar o pequeno horizonte que o cerca como o modelo composto de parâmetros e ideais a serem seguidos e alcançados em todas as situações, por isso precisa, muitas vezes, renunciar a um ideal de vivências (cultura), para agir de acordo com os verdadeiros princípios do agir racional, com a finalidade de encontrar meios de exercitar sua *razão*. Para Aquino o homem é um ser múltiplo e racional, possuidor de *sensações* e *sentidos*, que lhes foram atribuídos para a satisfação de suas necessidades e equipado com um intelecto voltado para o *conhecimento*¹³, pois para Aquino, o Homem conhece melhor aquilo que

⁹ ARISTÓTELES. *Ética*. 1095 a, 19,20

¹⁰ TOMÁS DE AQUINO. I, q.77, a.5. “*dicendum quod illud est subiectum operative potentiae, quod est potens operari: omne enim accidens denominat proprium subiectum*”.

¹¹ Idem. I, q.78, a.1

¹² O homem é um ser inquieto, insatisfeito, desejoso, que está constantemente procurando, até mesmo, algo mais profundo, buscando um sentido maior para a sua vida, que apenas pode ser Deus, o que é advindo da filosofia de Agostinho, e que tal compreensão é aceita por Tomás de Aquino. Desde o pensamento de Agostinho, o homem é possuidor de uma inquietude, tipicamente humana, entretanto, nos referimos a uma inquietude num sentido antropológico e não teológico, embora tais instâncias acabam por unir-se no pensamento de Aquino, todavia, nos referimos ao homem como um ser inquieto no tocante a questões antropológicas, pois a natureza humana é uma natureza que possui apenas em Deus seu descanso, seu fim último, pois como criatura de Deus, é para Ele que o homem deve voltar-se.(AGOSTINHO. *Confissões*. I, 1, 1)

¹³ TOMÁS DE AQUINO. I, q.91, a.3

pode ser percebido pelos sentidos, através dos quais a *mente*, faculdade humana central, mediante a racionalidade, poderá direcioná-lo às ações moralmente corretas.

Graças a sua natureza complexa, o homem se apresenta sujeito a fortes paixões e profundas emoções, ou seja, a natureza humana é marcada por uma variedade de situações, sentimentos e modos de agir, se torna uma árdua tarefa analisarmos o homem a partir de conceitos predeterminados ou matemáticos, daí a importância da Filosofia, para que este não seja estudado de modo superficial, mas profundamente. Portanto, conhecer quem é o homem, estudar a complexidade de sua natureza é algo exaustivo até mesmo para um estudioso como Tomás de Aquino, porque a natureza humana é possuidora de uma série de componentes físicos, biológicos e intelectivos e sua tendência primordial é alcançar o Fim Último.

1.1. O Fim Último e a Beatitudo

O homem, metafisicamente considerado, em sua essência, é composto por forma e matéria, ser finito, pois a matéria está sujeita a transformações, à finitude, e consciente desta, lança-se em frenética busca por alcançar aquilo que julga ser sua Felicidade, a qual segundo o pensamento de Aquino, consiste na *beatitudo*, na satisfação íntima e pessoal da realização de dever cumprido. Diante dessa busca e consideração do que vem a ser a *beatitudo* como Fim Último do Homem, refletimos, que este deve direcionar sua vida para alcançar essa finitude, uma vez que, “cada pessoa deseja determinado fim, deseja aquilo que julga ser sua perfeição, ser seu bem perfeito e completo de si, o fim último deve preencher todos os desejos humanos, de modo que nada lhe falte, só pode ser considerado o fim último”¹⁴. Cada pessoa humana é um indivíduo distinto, único e por cada um buscar aquilo que julga ser a sua felicidade, faz-se necessário que existam, na sociedade, regras de conduta que permitam a convivência e um relacionamento satisfatório entre esses.

A partir da compreensão de sua finitude, o homem deve pautar sua vida, na constante busca da perfeição, o fim pleno, o prêmio que coroa sua vida. Tomás insere neste fim último uma notável relevância, referindo-se constantemente a esse tema. Daí a importância de iniciarmos nossa dissertação reservando um lugar de destaque ao Fim Último, assunto demasiado pertinente na obra de Aquino. É, mediante a importância atribuída por ele ao seu estudo, que a Prudência, virtude essencial, possui um maior significado. Segundo seu pensamento, todas as criaturas estão ordenadas a Deus, contudo, o homem, por ser racional deve buscar assemelhar-se a Deus através de sua inteligência e

¹⁴ TOMÁS DE AQUINO. I, q.1, a.5

de sua consciência,¹⁵ pois por sua liberdade, por seu livre-arbítrio, pode escolher o caminho que deseja seguir, seja desfrutando de uma vida que visa retornar a Deus, usando de temperança em todas as suas metas ou distanciar-se Dele,¹⁶ e assim o fará mediante o uso de seu *livre-arbítrio*. Para Tomás de Aquino, o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, e deve, voluntariamente, buscar retornar para Ele, pois apenas através de suas ações, alcançará a *beatitudo*. Todas as coisas tendem ao seu fim, seja a curto ou longo prazo, o mesmo ocorre com a vida humana, e especialmente, com os meios pelos quais sua felicidade será alcançada ou evitada. O homem é senhor de seus atos, age deliberadamente, movido pelo bem que deseja alcançar, o qual impelirá ou impedirá sua ação, conforme afirma Aquino,

Os que são dotados de razão movem-se para o fim, porque têm o domínio de seus atos pelo livre-arbítrio, que é a faculdade da vontade e da razão. As coisas, porém, carentes de razão, tendem para o fim por inclinação natural, movidas que são por outras, não por si mesmas, porque não conhecem a razão de fim. Assim, não podem ordenar coisa alguma para o fim, mas são somente ordenadas por outrem para o fim. Assim, toda natureza irracional está para Deus como instrumento para o agente principal. Portanto, é próprio da natureza racional tender para o fim agindo por si mesma e se conduzindo para o fim; da natureza irracional, porém, atuada ou conduzida por outro, quer para o fim apreendido, como os animais, quer para o fim não apreendido, como acontece com as coisas que totalmente carecem de conhecimento.¹⁷

Dessa forma, o homem, mediante o uso de sua *razão*, conhece o fim que deseja alcançar. Entretanto, este fim, como o senso comum nos adverte, é a última coisa a ser alcançada no tocante à vida humana, mas na compreensão de Tomás de Aquino, é o primeiro na ordem da ação, porque à medida que o homem conhece o fim desejado, guiará suas ações de modo que possa alcançá-lo, conforme afirma, “o fim não é extrínseco ao ato, pois o fim se refere ao ato como princípio”¹⁸. No entanto, o homem é essencialmente livre, composto de uma natureza complexa, capaz de tomar as decisões mais brilhantes ou as mais banais, mas, é moral, inserido em padrões predeterminados, muitas vezes, antes mesmo de seu nascimento¹⁹. Diante da complexidade da natureza e das relações humanas, Aquino afirma, “os fins morais são acidentais às coisas naturais; por sua vez, a razão de fim

¹⁵ GILSON, E. *Il Tomismo*. Introduzione Allá filosofia di San Tommaso d'Aquino. Com un saggio introdutório di Costante Marabelli. Di fronte e attraverso Jaca Book. Biblioteca di Cultura Medievale. Edizione italiana condotta sulla sesta edizione francese. Titolo originale: introduction à la philosophie de Saint Thomas d'aquin. Milano – IT. 2 011. P.582

¹⁶ TOMÁS DE AQUINO. I, q.1, a.1

¹⁷ Idem. I-II, q.1, a.2

¹⁸ Idem. I-II, q.1, a.3

¹⁹ Podemos citar como exemplo a Constituição Brasileira, uma criança que ao nascer nesse exato momento, será educada a partir de preceitos já determinados pela Constituição Brasileira.

natural é accidental à moralidade”²⁰, dessa forma, o homem é um ser natural, é criatura de Deus, mas sobretudo, é livre, não pode ter sobre si jugo nenhum de coação, se tal acontece, vemos a luta incansável do indivíduo subjugado para libertar-se. Ademais, o homem é um ser moral, que poderá agir como quiser, seguindo ou não os parâmetros predeterminados socialmente, nesse pormenor cabe ao indivíduo a responsabilidade de haver agido ou não corretamente. Segundo Aquino,

Tudo aquilo que o homem deseja, deseja-o sob a razão de bem. E se este não é desejado como bem perfeito, que é o último fim, é necessário que seja desejado enquanto tende para o bem perfeito, porque sempre o início de alguma coisa se ordena para sua consumação, como se vê tanto nas coisas feitas pela natureza, como também nas feitas pela arte. Por isso, todo início de uma perfeição se ordena para a perfeição terminada que se tem pelo último fim.²¹

O Bem perfeito para o homem é o seu Fim Último, mas não é necessário que “o homem pense sempre no último fim, todas as vezes que algo é desejado ou feito. Contudo, a potência da primeira intenção, que se ordena para o último fim, permanece em todo desejo de qualquer coisa, mesmo que não se pense em ato no último fim”²². Para Tomás de Aquino o homem sabe exatamente o que deseja alcançar em sua vida, e esse conhecimento se reflete ou deve se refletir em suas ações, isso se torna evidente ao compreendermos que este traça um roteiro para sua vida e irá guiar-se constantemente por ele para alcançar o fim desejado.

Para Aquino, todo agente age visando determinado fim, que pode ou não ser alcançado. O Fim Último é aquele que contém em si tudo aquilo que o homem espera alcançar e considerar-se-á plenamente realizado quando alcançá-lo porque não existe, para a filosofia de Aquino, fim infinito²³, pois nada é impulsionado por algo que não possa ser atingido.²⁴ Segundo Aquino,

Todo agente opera em vista de um bem. Todo agente opera em vista de um fim, porque todo o agente tende atingir determinada meta. Ora, aquilo para o qual o agente determinadamente tende lhe é conveniente, pois para tal não tenderia a não ser havendo alguma conveniência. E ainda, o que é conveniente a uma coisa, para ela é o bem. Logo, todo

²⁰ TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.1, a.3

²¹ Idem. I-II, q.1, a.6

²² Idem. I-II, q.1, a.6

²³ Existem fins intermediários que estão entre o homem e o fim procurado, natural ou intelectualmente (TOMÁS DE AQUINO. III CG, II), para Tomás, existem ações que são um fim em si mesmas ou tendem para determinado fim, são ações corriqueiras da própria natureza humana, como o ato de alimentar-se ou até mesmo dormir, as quais são ações próprias dos seres vivos, não possuem nenhuma explicação ou razão de existir por um motivo maior, por isso são consideradas um fim em si mesmas.

²⁴ TOMÁS DE AQUINO. III CG, II

agente opera visando ao bem. Logo, toda ação e todo movimento visam ao bem²⁵

O pensamento de Tomás de Aquino é permeado pelas reflexões aristotélicas, encontrando no Filósofo e em sua concepção do Primeiro Motor, a fundamentação de seu pensamento no que se refere a Deus, daí compreender-se Deus como a procedência e o regresso de todas as coisas, até mesmo como o Fim Último do homem. No âmbito dessa reflexão, conclui-se que, o homem é criatura de Deus, foi criado “a Sua imagem e semelhança”, e por isso possui em Deus a completude de seu ser.²⁶ Isto é, é natural que o homem, por possuir uma vida terrena, possua fins particulares que lhe propiciem satisfações alcançadas no seu interagir com outros indivíduos, capazes de desfrutarem das mesmas afinidades. Entretanto, o homem não deve buscar apenas as satisfações passageiras, deve, acima de tudo, alcançar a *beatitudo*, deve viver uma vida voltada para aproximar-se de Deus, o que é possível pelo exercício das virtudes, vivenciando uma vida regrada e pautada em sua racionalidade, dominando seus instintos pelo pensamento racional.

O Fim Último não é a negação dos fins particulares, mas, uma sublimação desses fins, alcançado mediante o uso da *razão* e do relacionamento entre os indivíduos, que devem pautar sua vida na direção de seu objetivo final, o qual será encontrado em Deus,²⁷ pois o homem é um ser imperfeito que deve buscar incessantemente a sua perfeição, conforme afirma Tomás, “aquilo para o qual uma coisa tende, enquanto está fora dela, e no qual repousa ao atingi-lo, é o seu fim. Ora, cada coisa que não possui a perfeição tende para ela, no que depende de si. Ao atingi-la, nela repousa. Ora, a perfeição de cada coisa é o seu bem. Logo, a coisa se ordena para o bem, como para o seu fim”²⁸. O Sumo Bem é um só, que para Aquino, é Deus, conforme afirma, “Deus é causa da bondade de todo fim, enquanto fim, porque este é tal enquanto é bom. Ora, aquilo que faz com que uma coisa seja é mais do que aquela coisa; portanto Deus é, de modo máximo, o fim de todas as coisas”²⁹. Portanto, o homem é criatura de Deus, ao qual está ordenado, posto ser apenas Nele que reside o Sumo Bem, do qual depende o bem de todas as coisas.

Para Aquino, quanto mais o homem se aproxima de Deus, procurando as coisas de natureza mais elevada, mais se aproxima de uma satisfação plena, consiste em sua perfeição superior, embora independa totalmente de riqueza, honra, fama, glória ou poder,³⁰

²⁵ TOMÁS DE AQUINO. *III CG*, III

²⁶ GILSON, E. *II Tomismo*. Introduzione Allá filosofia di San Tommaso d'Aquino. Com un saggio introdutório di Costante Marabelli. Di fronte e attraverso Jaca Book. Biblioteca di Cultura Medievale. Edizione italiana condotta sulla sesta edizione francese. Titolo originale: introduction à la philosophie de Saint Thomas d'aquin. Milano – IT. 2 011. P.582

²⁷ Idem. *Ibidem*. P.589

²⁸ TOMÁS DE AQUINO. *III CG*, XVI

²⁹ Idem. *Ibidem*, XVII

³⁰ TOMÁS DE AQUINO. I, q.2, a.1

pois esses fatores referem-se apenas a bens terrenos, passageiros, capazes de promoverem apenas satisfações voláteis. Nas considerações de Aquino sobre a *beatitudo*, fica evidente que muitas coisas que os homens buscam desenfreadamente, na verdade não trazem nenhum benefício à sua vida futura, pois mesmo pelo alcance de muitas conquistas, permanece em sua alma um “vazio” que apenas será saciado com o conhecimento das coisas divinas, com o encontro com Deus.

Portanto, importa para Tomás de Aquino a relação entre homem e Deus, entre criatura e divindade. A compreensão dessa perspectiva é o que vai nortear sua formulação das virtudes, porque para ele, o homem deve agir de modo virtuoso não apenas porque se encontra em sociedade, mas porque deve, através de uma vida regrada, alcançar a Felicidade, que é Deus. Assim, o verdadeiro prêmio da virtude é a *beatitudo*.³¹ O principal objetivo do homem, na concepção de Aquino, é retornar a Deus e nisto consiste a orientação de sua vida, pois por meio de boas ações, realizadas ao longo da vida cotidiana, irá aproximar-se ou afastar-se de Dele.

Deus é o Fim Último do homem, à medida que este coordena suas atitudes, aprimorando suas realizações pelo crivo das virtudes, suas aspirações e desejos tornam-se cada vez mais elevados, aproximando-o de Deus. Apenas poderemos tratar da ética e da moral propriamente dita, para Tomás de Aquino, se compreendermos que tais instâncias são dependentes da concepção do Fim Último, onde o homem encontrará o aperfeiçoamento de sua natureza, conseqüentemente, o Sumo Bem e sua Felicidade. Dessa forma, torna-se evidente que o homem encontra no Fim e no Bem, sua finalidade moral e seu fundamento metafísico.³² O homem busca seu fim conscientemente, persegue-o através de sua inteligência, e que está intimamente relacionado às suas ações.

Portanto, o homem é racional e consciente, pois todo ser humano possui, ainda que não plenamente, certa noção de Bem e de Fim, os quais são a origem e o resultado das ações humanas, são a origem, porque partindo delas o homem dirige seus atos e são o retorno, porque a partir de ações corretas, a Felicidade, o Sumo Bem será alcançado, pois para Aquino, “cada coisa deseja ao máximo o seu fim último. Ora, o que o intelecto humano mais deseja, ama e nele se compraz, é o conhecimento das coisas divinas, embora apreenda menos delas do que do perfeito conhecimento que tem das coisas ínfimas”³³, o Bem e o Fim são compreendidos como a perfeição, a Felicidade,³⁴ a qual pode ser

³¹ TOMÁS DE AQUINO. I, q.2, a.2

³² JOLIVET, R. *Tratado de Filosofia IV: Moral*. Tradução de Gerardo Dantas Barretto, livraria Agir Editora. Rio de Janeiro – RJ. 1966. P.50

³³ TOMÁS DE AQUINO. III, CG, XXV

³⁴ JOLIVET, R. *Tratado de Filosofia IV: Moral*. Tradução de Gerardo Dantas Barretto, livraria Agir Editora. Rio de Janeiro – RJ. 1966. P. 51

alcançada, preponderantemente pela grande aliada do homem ao que se refere as suas ações e desejos – sua *alma*.

1.2. A Alma

A marca da complexidade humana é sua *alma*. Ela consiste num dos principais assuntos estudados pela Antropologia, pela História, pela Teologia, e acima de tudo, pela Filosofia. Seu estudo é tão antigo quanto a própria humanidade³⁵; já Sócrates³⁶ começou a pensá-la e a formulá-la como parte integrante do homem; a contribuição dada por aquele filósofo foi de extrema importância para a Filosofia. Assim, o estudo da *alma*³⁷ está intimamente relacionado à ideia da *personalidade moral*³⁸.³⁹ A *alma* é inerente ao Homem, é individual, indivisível, una e única, constituidora de cada um dos seres humanos.⁴⁰ Para Tomás de Aquino, o homem é composto de corpo e alma, embora esta possua prioridade, pois *alma* (*anima*⁴¹) quer dizer a *forma*, isto é, está presente no ser material, corruptível, é o

³⁵ AMATUZZI, M.M. *A Alma Humana em Tomás de Aquino: um debate antigo e atual*. Alínea Editora. Campinas – SP. 2008. P. 13

³⁶ No diálogo platônico “*Fédon*” percebemos o tratado socrático acerca da imortalidade da alma, percebemos que Sócrates um despreendimento das coisas materiais das imateriais, neste diálogo é possível percebermos que o prazer do homem não se encontra nas coisas materiais ou que possuem relação com a matéria, é necessário que o homem volte-se para sua alma, para a verdade e para o conhecimento. Há, para Sócrates, uma divisão entre alma e corpo, donde cabe ao homem transpor o sensível a fim de que consiga chegar à verdade, pois o corpo, devido as suas limitações, atrapalha a alma a apreender a verdade das coisas, já que os sentidos são incertos, e não dão ao homem uma exatidão de como as coisas se lhes apresentam.

³⁷ Existem duas correntes principais que referem-se ao estudo da alma, são elas: a *concepção materialista* – considera a alma como algo constitutivo de *todo* ser vivo, isto é, tanto de animais irracionais quanto do homem, donde a alma representa apenas uma estrutura dinâmica responsável por sua sobrevivência em todos os sentidos necessários. E a *concepção espiritualista* – a qual afirma ser a alma uma “entidade subsistente, independente da matéria corpórea”. Tomás de Aquino realiza sempre uma análise crítica dos fatos e apresenta como solução ao estudo da alma, a união dessas duas correntes, portanto, a alma para Aquino passa a ser considerada algo constituinte e constitutivo dos seres vivos de modo geral, mas que também é uma entidade subsistente, que existe independente da materialidade corpórea, com suas sensações, limitações e outras barreiras que possam prejudicar sua existência e autonomia. (AMATUZZI, M.M. *A Alma Humana em Tomás de Aquino: um debate antigo e atual*. Alínea Editora. Campinas – SP. 2008. P. 22)

³⁸ Aprofundado ao longo do pensamento tomista mais especificamente nas questões 75 a 78 da I parte da *Summae Theologiae*, para a qual a alma representa “o primeiro princípio de vida dos seres vivos. Na *Summae Theologiae*, notamos que Tomás desenvolve uma reflexão filosófica sobre os mais variados temas, sobre a natureza humana, pois trata da ética, do mundo, da felicidade, seu pensamento é tão abrangente que se insere no âmbito da antropologia, da política e da metafísica. TOMÁS DE AQUINO. *Summae Theologiae*. A. 1. Q. 75. Parte I

³⁹ ARISTÓTELES. *De Anima*. Introdução, tradução e notas por Carlos Humberto Gomes. Textos Filosóficos. Edições 70. Lisboa – PT.

⁴⁰ GARDEIL, H.D. *Iniciação à Filosofia de S. Tomás de Aquino*. Tradução de Pe. Augusto J. Chiavegato. Duas Cidades. São Paulo – SP. 1967. TOMO III – Psicologia. P. 169

⁴¹ O termo *anima*, por sua vez, segundo o Dicionário Latino-Português de Amós Coêlho da Silva e Airto Ceolin Montagner, consiste em: sopro, emanção, vento, alma, vida. E segundo o Dicionário da Suma Teológica, Edições Loyola, consiste no homem enquanto *forma*. Notamos que a alma considerada neste sentido consiste onde estão presentes todas as definições do homem.

que o constitui, como “princípio vital”⁴² que move o corpo, pois todo ser vivo, é possuidor de alma. Dessa forma, é um motor que move todas as potências corpóreas, pois é dela que parte a essência humana, é a responsável por desenvolver as potencialidades dos homens, como por exemplo, aptidões, desejos, vontades, e assim, as operações e os movimentos.

A alma é o primeiro princípio da vida dos seres vivos. É através dela, que há o conhecimento e o movimento, conforme afirma Aquino, “há um motor totalmente imóvel, que não se move nem por si, nem acidentalmente, e que pode mover o movido de maneira sempre uniforme. Há outro motor que não é movido por si, mas o é acidentalmente, e assim, não move o movido de modo sempre uniforme. Este motor é a alma”⁴³. É, por assim dizer, “a estrutura do corpo humano vivo”⁴⁴. Dessa forma, a alma é parte da espécie humana,⁴⁵ capaz de subsistir por si mesma, jamais podendo ser corrompida, pois não possui matéria.⁴⁶ Entretanto, a alma humana também pode ser considerada *espírito (mens)*⁴⁷, sendo compreendida como o princípio animador de todo ser corpóreo – vivo, sensível e livre, compreende-se que, a alma como espírito (*mens*) é superior à alma (*anima*).⁴⁸

A abordagem de Tomás de Aquino parece, à primeira vista, contraditória, inusitada, principalmente no que se refere ao estudo da Antropologia, e, sobretudo, ao estudo da alma. Para ele, a alma também é responsável pelo movimento e não apenas o corpo, porque o homem é uma substância composta intimamente interligada, ou seja, por ser assim caracterizado, deve agir impulsionado por sua esfera espiritual – almática, e pela esfera material – corpórea.⁴⁹ Dessa forma, a união de *alma* e *corpo*, para Aquino, influenciado pelo pensamento aristotélico, vai muito além da compreensão de uma simples união, se refere a uma junção profunda, substancial e duradoura, responsável por proporcionar a constituição íntima do ser humano⁵⁰, numa *dualidade perfeita*⁵¹, indissociável na formação do indivíduo,

⁴² TOMÁS DE AQUINO. I, q. 75, a.1

⁴³ Idem. I, q.75, a.1

⁴⁴ AMATUZZI, M.M. *A Alma Humana em Tomás de Aquino: um debate antigo e atual*. Alínea Editora. Campinas – SP. 2008. P. 30

⁴⁵ TOMÁS DE AQUINO. I, q.75, a.2

⁴⁶ Idem. I, q.75, a.5

⁴⁷ Tomás de Aquino atribuiu à alma o termo *mens*, que segundo o Dicionário Latino-Português de Amós Coêlho da Silva e Airto Ceolin Montagner, quer dizer: pensamento, ideia, alma, coração, consciência, inteligência, entendimento, reflexão, conhecimento, valor, ânimo, mente, modo de pensar, opinião, ou seja, a alma considerada como mens, refere-se a alma enquanto princípio formador do Homem, como aquilo que dá-lhe o sentido e a configuração de homem enquanto Homem.

⁴⁸ NICOLAS, M-J. Vocabulário da *Suma Teológica*. Volume 1. Verbeté Alma

⁴⁹ MONDIN, B. *O homem, quem é ele?: elementos de antropologia filosófica*. Tradução de R. Leal ferreira e M.A.S. Ferrari. Título original: l'uomo: chi è? Edições Paulinas. 2ª edição. 1977. P. 279

⁵⁰ Idem. Ibidem. Tradução de R. Leal ferreira e M.A.S. Ferrari. Título original: l'uomo: chi è? Edições Paulinas. 2ª edição. 1977. P. 280

⁵¹ TOMÁS DE AQUINO. I, q. 76, a.1

embora na alma existam potências que vão muito além da capacidade corpórea, como *intelecto e vontade*.⁵²

No estudo das potências, situando-as como faculdades da alma, que é una e indivisível, e sendo as potências múltiplas, torna-se necessário estudá-las separadamente para um melhor entendimento, colocando-as em três ordens distintas, sendo que a primeira e a segunda ordem são consideradas em relação ao grau de dependência uma da outra. A terceira ordem refere-se ao objeto. Concluindo: a 1ª ordem da natureza, a 2ª da geração e do tempo e a 3ª do objeto. Quanto à ordem da natureza, a potência intelectual antecede às sensitivas que obedecem ao seu comando. Por sua vez as potências sensitivas são anteriores às vegetativas. No que se relaciona com a geração e tempo, as potências vegetativas vêm em primeiro plano, pois condicionam o corpo para que as potências sensitivas possam exercer sua ação. Nessa ordem de fatores as potências sensitivas antecedem às intelectivas. A ordem dos sentidos tem características peculiares: certas potências sensitivas são ordenadas entre si, como – a visão, a audição e o olfato. Em sequência vê-se o objeto, reconhece-se o som produzido, para depois definir o seu cheiro. As potências são, portanto, interligadas e graças a elas, distinguimos a grande variedade da natureza ao nosso redor.⁵³ Assim,

Deve-se dizer que todas as potências pertencem à alma, não como a seu sujeito, mas como a seu princípio, pois é pela alma que o composto humano tem o poder de operar todas as operações. [...], todas essas potências estão na alma antes de estar no composto humano, todavia, não como em seu sujeito, mas como em seu princípio.⁵⁴

Para Aquino a alma humana é responsável pela capacidade humana de realizações de sua natureza, bem como pela realização de operações grandiosas baseadas na intuição, dedução e envolvimento do intelecto.⁵⁵ A alma é uma *capacidade* de conhecer e de desejar as coisas que aparecem agradáveis ao homem por seu *sentido* e seu *intelecto*⁵⁶, através das potências sensitivas (inferiores) e da potência intelectual ou racional (superiores).⁵⁷ Assim, o homem é um ser individual, que embora possua características semelhantes a

⁵² TOMÁS DE AQUINO. I, q.76, a. 8

⁵³ Idem. I, q. 77, a.4

⁵⁴ TOMÁS DE AQUINO. I, q.77, a.5 “*ergo dicendum quod omnes potentiae dicuntur esse animae, non sicut subiecti, sed sicut principii: quia per animam coniunctum habet quod tales operationes operari possit*”

⁵⁵ AMATUZZI, M.M. *A Alma Humana em Tomás de Aquino: um debate antigo e atual*. Alínea Editora. Campinas – SP. 2008. P.59

⁵⁶ GILSON, E. *Il Tomismo*. Introduzione Allá filosofia di San Tommaso d’Aquino. Com un saggio introdutório di Costante Marabelli. Di fronte e attraverso Jaca Book. Biblioteca di Cultura Medievale. Edizione italiana condotta sulla sesta edizione francese. Titolo originale: introduction à la philosophie de Saint Thomas d’Aquain. Milano – IT. 2 011. P. 399

⁵⁷ Idem. Ibidem. P. 400

vários outros homens, trata-se de um ser distinto, possuidor de forma e matéria⁵⁸, semelhante, mas jamais idêntico.

O homem é um ser predisposto à realização de ações que lhe são próprias, as quais desenvolve a partir do *corpo* que é, como a alma, essencial ao ser vivo, porque no caso dos seres possuidores de capacidade de movimento e locomoção, é através deste corpo que desempenha a função de alcançar aquilo que predetermina sua alma, porque o *corpo* é “indispensável à sensação”⁵⁹, e por conseguinte, ao intelecto, pois ambos, corpo e intelecto, possuem uma relação de codependência. Dessa forma, a partir da existência desses componentes humanos, e dessa relação, o Homem ocupa a posição mais elevada na hierarquia das coisas terrenas, pois, dentre todos os seres vivos, corpóreos, ele é o mais importante, por sua capacidade intelectual, racional e sensitiva.⁶⁰

Para Aquino, o homem é possuidor de uma natureza complexa, seus componentes – corpo e alma, constituem-se de uma necessidade essencial, pois são responsáveis para a plenitude da vida humana, porque o homem “[tem] todas as potências⁶¹ e instrumentos para o conhecimento e para os movimentos”⁶², cujos membros, “não se movem a si mesmos, mas são movidos pelas potências da alma, e algumas destas estão mais próximas da razão do que as potências da alma vegetativa”⁶³.

Todavia, o ser ou determinado objeto é caracterizado pelo que lhe é principal, no caso do Homem, o principal se resume na predominância de sua *razão*, segundo Tomás afirma, “se chama homem o que é nele o principal. Uma vez, é a parte intelectual, o que corresponde à verdade, que é denominada homem interior; outras vezes, é a parte sensitiva, nela compreendido o corpo, segundo a opinião de alguns que só se detêm no que é sensível, e é denominada homem exterior”⁶⁴, porque o homem é uma união de alma e corpo, de predeterminações racionais e sensíveis, é dominado ora pelas potências

⁵⁸ Devemos salientar que Tomás de Aquino é um autor fundamental na Metafísica, por isso, constantemente aparece em seu pensamento, conceitos como “forma” e “matéria” que referem-se a constituição de determinada coisa, pois tudo que existe, todo “ente” possui sua constituição a partir dessas duas componentes.

⁵⁹ TOMÁS DE AQUINO. I, q.76, a.1

⁶⁰ Idem. I, q.76, a.3

⁶¹ Desde os primórdios da Filosofia, mais especificamente com Aristóteles, nós, pesquisadores, estamos acostumados ao termo *potência*, das quais podemos distinguir entre as potências passivas, ativas, vegetativas, sensitivas, intelectuais, cognitivas, apetitivas, locomotoras, entre outras, todavia, cada uma dessas potências é de extrema importância para o homem, pois através delas somos afetados e o modo como reagimos diante desta influência, através das potências podemos “penetrar intelectualmente na realidade” e principalmente diante destas potências temos a capacidade de deliberar, escolher ou evitar, o que é típico da Vontade (AMATUZZI, M.M. *A Alma Humana em Tomás de Aquino: um debate antigo e atual*. Alínea Editora. Campinas – SP. 2008. P.98)

⁶² TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.18, a.1

⁶³ Idem. I-II, q.17, a.9

⁶⁴ Idem. I, q.75, a.4

intelectivas, ora pelas potências sensitivas, daí a necessidade deste posicionar sua *razão* como fundamento de sua ação, ainda conforme Aquino,

A alma intelectual, porém, conhece uma coisa em sua natureza, de maneira absoluta. [...]. A alma intelectual, portanto, é forma absoluta, e não um composto de matéria e forma. Se a alma intelectual fosse um composto de matéria e forma, as formas das coisas seriam nela recebidas como individuais. Desse modo não conheceria senão as coisas singulares, como acontece nas faculdades sensitivas que recebem as formas das coisas em órgãos corporais, porque a matéria é o princípio da individuação das formas. Deve-se concluir, portanto, que a alma intelectual, e toda substância intelectual que conhece as formas de maneira absoluta, não é composta de forma e de matéria.⁶⁵

Portanto, concluímos que o homem se constitui como um ser superior aos demais seres vivos, pois graças à complexidade de sua natureza, às potências de sua alma, ele é capaz de prover as suas necessidades, pois através de sua racionalidade e do desempenho de suas potencialidades, o homem agirá de forma correta para si, trazendo benefícios a todos ao seu redor. Assim, usa suas potências intelectivas e sensitivas para dominar o meio onde vive, o qual apenas pode ser avaliado por seu *intelecto*.

1.3. O Intelecto

A alma humana é composta de potências, dentre as quais, devemos ressaltar a potência intelectual, pois mesmo o homem possuindo limitações, porque apenas conhece o que está em ato, pode, através de seu raciocínio chegar ao conhecimento da Verdade.⁶⁶ O intelecto⁶⁷ humano está em potência em relação ao que pode ser conhecido pelo homem, pois está sujeito a tudo aquilo que o cerca e que lhe chega aos sentidos, está em potência quanto ao conhecer.⁶⁸ O *intelecto*, como a *razão* humana, segundo Aquino, é uma das características humanas mais relevantes. O intelecto, juntamente com seus componentes

⁶⁵ TOMÁS DE AQUINO. I, q.75, a.5 “*specialite rex ratione humanae animae, inquantum est intellectiva. Manifestum est enim quod omne quod recipitur in aliquo, recipitur in eo per modum recipiens, Sic autem cognoscitur unum quodque, sicut forma eius est in cognoscente. Anima autem intellectiva cognoscit rem aliquam in sua natura absolute, puta lapidem inquantum est lapis absolute. Est igitur forma lapidis absolute, secundum propriam rationem formalem, in anima intellectiva. Anima igitur intellectiva est forma absoluta, nona utem aliquid compositum ex matéria et forma. – Si enim anima intellectiva esset compósita ex materia et forma, formae rerum reciperentur in ea ut individuales: et sic non cognoscer et nisi singulare, sicut accidit in potentiis sensitivis, quaere capiunt formas rerum in organo corporali: materia enim est principium individuationis formarum*”

⁶⁶ Idem. I, q.79, a.4

⁶⁷ O intelecto humano está em potência do que conhece porque o homem, ser limitado, apenas conhece o que lhe é imposto por seus sentidos, e por suas vivências, o homem pode conhecer algo por alto, mas apenas o conhecerá profundamente quando aquilo passar por seus sentidos. Apenas o intelecto divino é ato puro, isso porque Deus, como origem e formador de todo o Universo, Ato Puro, é essencialmente ato, não possuindo nada de materialidade.

⁶⁸ TOMÁS DE AQUINO. I, q.79, a.2

alma e corpo, torna o indivíduo completo, merecedor de uma especial atenção. Disto resulta que o *intelecto* é uma potência fundamental para o ser humano, embora nele próprio não exista um órgão corporal, uma vez que este,

É de uma natureza mais estável e permanente do que a matéria corporal. Se, portanto, a matéria corporal conserva as formas que recebe, não só quando é posta em ato por elas, mas ainda quando essa atividade cessou, o intelecto receberá de uma maneira bem mais estável e invariável as imagens inteligíveis, quer provenham dos sentidos, ou mesmo emanem de um intelecto superior.⁶⁹

O *conhecimento* é fruto do intelecto⁷⁰, é um ato particular que ocorre no momento presente, embora não se descarte o conhecimento passado.⁷¹ O homem, é composto de *intelecto – potência intelectual* que lhe permite conhecer determinadas coisas, que “atesta, obriga ou incita, reprovava ou repreende”⁷², isto é, a consciência somente é possível mediante o conhecimento formado sobre algo. Assim a *potência intelectual* é uma potência apetitiva que deseja o que é apresentado exteriormente ao corpo, especialmente aos sentidos, todavia, esta potência também pode desejar o que é metafísico, o que não pode ser apreendido pelos sentidos, como os bens imateriais, como a *Ciência* e a *Virtude*.⁷³ Pode-se afirmar que o *intelecto* é a possibilidade do alcance daquilo que desejamos, tanto no mundo físico, como no mundo intelectual, pois todo homem deseja o que lhe é apresentado intelectualmente agradável, através do exercício da *razão*, que auxiliada pela *vontade*, visa, como Fim Último e principal, o Bem Universal, conforme afirma Aquino,

Pela vontade não desejamos somente o que pertence à potência da vontade, como também aquilo que pertence a cada uma das potências e ao homem. O homem naturalmente não somente quer o objeto da vontade, mas também as coisas que convêm as outras potências, como o conhecimento da verdade que convém ao intelecto, como o ser e o viver, e outras coisas que se referem à constituição moral, tudo isso está compreendido no objeto da vontade, como bens particulares.⁷⁴

⁶⁹ TOMÁS DE AQUINO. I, q.79, a.6

⁷⁰ Tomás realiza a distinção entre dois tipos de intelecto, o *intelecto agente*, que é por ele compreendido como parte da alma, é através dele que podemos conhecer as primeiras noções inteligíveis intrínsecas à espécie humana. E o *intelecto passível*, responsável por tornar cada coisa singular a partir da recepção de suas imagens. É interessante notarmos que para Aquino, o intelecto é uma potência passiva que se aperfeiçoa a partir do que está em ato, ou seja, o intelecto humano somente alcançará seu fim, que é conhecer, a partir de algo que já esteja em ato, que muitas vezes lhe é exterior, porque o intelecto de modo geral conhece melhor aquilo que pode ser percebido pelos sentidos. (TOMÁS DE AQUINO. I, q.79, a. 5 e 6)

⁷¹ TOMÁS DE AQUINO. I, q.79, a. 6

⁷² Idem. I, q.79, a.13

⁷³ Idem. I, q.80, a.2

⁷⁴ Idem. I-II, q.10, a.1 “*non enim per voluntatem appetimus solum eaquae pertinent ad potentiam voluntatis; sed etiam eaquae pertinent ad singulas potentias, et ad totum hominem. Unde naturaliter homo vult non solum obiectum voluntatis, sed etiam alia quae conveniunt aliis potentiis: ut cognitionem veri, quae convenit intellectui; et esse et vivere et alia huius modi, quare spiciunt*

Para Aquino o conhecimento humano deve pressupor a relação entre o *sujeito* do conhecimento e seu *objeto*.⁷⁵ Segundo Aquino, “o nosso conhecimento intelectual procede das coisas mais conhecidas para as menos conhecidas”⁷⁶. O homem é finito, busca a infinitude, através de sua inteligência, passa a estar aberto ao universal, ao horizonte que o cerca⁷⁷. Assim, é pelo *intelecto* que o homem pode conhecer a natureza dos corpos, conforme ele afirma, “o princípio intelectual, que se chama mente ou intelecto, opera por si sem participação do corpo. Ora, nada pode operar por si, a não ser que subsista por si”⁷⁸. Ainda segundo Aquino,

O desejo nas coisas dotadas de conhecimento, corresponde ao conhecimento. O sentido, por sua vez, não conhece o ser, senão referindo ao aqui e agora. O intelecto, porém, apreende o ser de modo absoluto e sempre. Por isso todo ser dotado de intelecto deseja naturalmente existir sempre. Ora, um desejo natural não pode ser vão. Logo, toda substância intelectual é incorruptível.⁷⁹

Portanto, para Tomás, “a operação própria do homem, enquanto homem é conhecer”⁸⁰. Cada homem por sua racionalidade, é particular, único, possui um modo único de raciocinar e de conceber as representações, por isso garante que existe um *intelecto individual* em cada ser humano, porque o *intelecto*⁸¹ é “a principal coisa que pertence ao homem”⁸², logo, “minha ação intelectual poderia distinguir-se da tua em razão da diversidade de nossas representações imagináveis, porque a representação da pedra em mim não é a mesma que em ti”⁸³.

consistentiam naturalem; quae omnia comprehenduntur sub obiecto voluntatis, sicut quadam particularia bona”.

⁷⁵ AMATUZZI, M.M. *A Alma Humana em Tomás de Aquino: um debate antigo e atual*. Alínea Editora. Campinas – SP. 2008. P.81

⁷⁶ TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.7, a.1

⁷⁷ Idem. *Il Male e la liberta*. P. 57. “solo in quanto l’intelligenza è apertura all’universale, all’orizzonte dell’intero, può riflettere e giudicare sul próprio giudizio, perché i contenuti particolare. [...]. E anche perché quella realtà, quel bene particolare che è il mio giudizio lo posso valutare solo in virtù dell’intelligenza”.

⁷⁸ TOMÁS DE AQUINO. I, q.75, a.2

⁷⁹ Idem. I, q.75, a.6 “*desiderium autem in rebus cognoscentibus sequitur cognitionem. Sensus autem non cognoscit esse nisi sub hic et nunc: sed intellectus apprehendit esse absolute, et secundum omne tempus. Unde omne habens intellectum naturaliter desiderat esse semper. Naturale autem desiderium non potest esse inane. Omnis igitur intellectualis substantia est incorruptibilis*”

⁸⁰ TOMÁS DE AQUINO. I, q.76, a.1

⁸¹ O homem é um ser corpóreo, por conseguinte, é um ser sensível, para Tomás de Aquino, justamente pelo homem ser sensível, ele é possuidor dos cinco sentidos, dotado em sua natureza, por cinco sentidos, mas o tato é o principal meio pelo qual o homem sente, e através do qual pode pensar e formular determinadas concepções, como afirma Tomás, “o homem, é entre todos os animais, aquele que tem o melhor tato. E entre os homens, aqueles que têm o tato melhor são aqueles de melhor intelecto” (TOMÁS DE AQUINO. I, q.76, a.5)

⁸² TOMÁS DE AQUINO. I, q.76, a.2

⁸³ TOMÁS DE AQUINO. I, q.76, a.2

Intelecto e vontade fazem parte da *alma intelectual*⁸⁴ – potência que ultrapassa a capacidade corpórea⁸⁵, embora sua operação inicie-se nos sentidos, pois é a partir desses que o intelecto conhece determinada coisa.⁸⁶ Dessa forma, *intelecto* e *razão* são potências humanas que não podem ser dissociadas, pois são semelhantes e se completam.⁸⁷ O *intelecto*, nos permite conhecermos as coisas que se nos apresentam, sendo responsável por receber as imagens dos corpos materiais e mutáveis, ainda que de modo imaterial e imutável, universal e necessário.⁸⁸ *Intelecto e corpo (sentidos)* estão relacionados, embora o *intelecto* seja superior aos sentidos corporais mesmo que dependa deles, pois somente poderá conhecer melhor e em profundidade o que pode ser conhecido pelos sentidos.⁸⁹ Conforme Tomás afirma,

O intelecto não erra sobre a quiddidade da coisa. Mas o intelecto pode enganar-se sobre os elementos que têm relação com a essência ou quiddidade, quando ele ordena um elemento para o outro, por composição, divisão ou mesmo raciocínio. Por isso, o intelecto tampouco pode se enganar sobre as proposições, que são imediatamente compreendidas desde que se compreende a quiddidade dos termos, como acontece com os primeiros princípios.⁹⁰

O *intelecto* conhece o ato da *vontade*, pois ambos estão interligados⁹¹, por isso Aquino afirma, “o que está na vontade, está também de certa maneira no intelecto”⁹². O *intelecto*⁹³ é incorruptível, consiste numa potência própria de cada indivíduo⁹⁴, que lhe permite conhecer conceitos universais, e nisto reside a sua superioridade em relação aos animais irracionais.⁹⁵ Através de sua *inteligência e vontade*, decide desenvolver ou não suas aptidões, deixando-se influenciar pelas instâncias que se lhe apresentam, agindo bem ou

⁸⁴ TOMÁS DE AQUINO. I, q.79, a.1

⁸⁵ Idem. I, q.76, a.8

⁸⁶ Idem. I, q.78, a.4

⁸⁷ Idem. I, q.79, a.8

⁸⁸ Idem. I, q. 84, a.1

⁸⁹ Idem. I, q.84, a.8

⁹⁰ Idem. I, q.85, a.6 “*obiectum autem proprium intellectus est quidditas rei. Unde circa quidditatem rei, per se loquendo, intellectus non fallitur. Sed circae aquae circumstant rei essentiam vel quidditatem, intellectus potest falli, dum unum ordinat ad aliud, vel componendo vel dividendo vel etiam ratiocinando. Et propter hoc etiam circa illas propositiones errare non potest, quae statim cognoscuntur cognita terminorum quidditate, sicut accidit circa prima principia*”.

⁹¹ TOMÁS DE AQUINO. I, q.87, a.4

⁹² Idem. I, q.87, a.4

⁹³ Ao lermos a Suma Teológica principalmente a questão 86, onde está situado o seu estudo acerca do Intelecto, observamos que Tomás frequentemente trata do Intelecto Possível, que consiste na faculdade que o homem possui para conhecer conceito universais, que é a faculdade de cada homem singular, pois o mesmo homem pode conhecer intelectual e sensitivamente, assim, o intelecto possível é passivo. (ROVIGHI, S.V. *Introduzione a Tommaso D’Aquino*. I Filosofi. Editori Laterza. Bari – IT. 1973. P. 98)

⁹⁴ ROVIGHI, S.V. *Introduzione a Tommaso D’Aquino*. I Filosofi. Editori Laterza. Bari – IT. 1973. P. 86

⁹⁵ ROVIGHI, S.V. *Introduzione a Tommaso D’Aquino*. I Filosofi. Editori Laterza. Bari – IT. 1973.. P.98

mal, graças ao teor de suas escolhas. Tomás não desconsidera o individual, mas por pensar acima de tudo no *bem coletivo*, compreende como necessário ordenar *intelecto* e *vontade* particulares para que o universal não seja influenciado negativamente.

O homem, por sua complexidade, possui uma inclinação natural que recebe o nome de *apetite natural*, referente à sua alma, é uma inclinação relacionada aos *sentidos* e ao *intelecto*, através da qual ele tende para o que conhece. Esta potência apetitiva é comum a todos os animais, independente de suas naturezas – quer racional ou irracional, pois são possuidores de *sentido* e *inteligência* de acordo com suas limitações, mas é através das *potências apetitivas* que as demais potências são movidas para o seu fim,⁹⁶ é uma inclinação para a própria coisa.⁹⁷ Segundo Aquino, “as potências sensitivas submetem-se ao império da razão, mas a ela não se submetem as potências naturais, por isso, todos os movimentos dos membros que são movidos pelas potências sensitivas estão submetidos ao império da razão. Os movimentos dos membros que seguem as potências naturais não estão submetidos ao império da razão”⁹⁸.

Para Aquino, “a potência apetitiva é de certo modo passiva, enquanto é movida pelo objeto apetecível é princípio de atos humanos”⁹⁹, ao passo que o apetite sensitivo tende para o bem particular apreendido pela potência sensitiva.¹⁰⁰ Contudo, ao tratarmos das *potências apetitivas* devemos dedicar uma atenção especial à *sensibilidade*, que consiste no conhecimento quanto aos *apetites*, aos *instintos* e às *emoções* para mover-se em busca do objeto de desejo. Sabemos que sendo o homem composto de *razão* e *intelecto*, de pensamento e sensações, somente lhe é possível conhecer melhor aquilo que passa pelo crivo dos *sentidos*, daí a importância da *sensibilidade*, que consiste “no nome do apetite sensitivo”¹⁰¹. Segundo Tomás,

Sendo o apetite sensitivo uma inclinação que se segue à apreensão dos sentidos, como o apetite natural é uma inclinação que se segue à forma natural, deve portanto, haver na parte sensitiva duas potências apetitivas: uma, pela qual a alma é absolutamente inclinada a buscar o que lhe convém na ordem dos sentidos, e a fugir do que pode prejudicar, é a *concupiscível*; a outra, pela qual o animal resiste aos atacantes que combatem o que lhes convém e causam dano, é a *irascível*.¹⁰²

⁹⁶ TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.11, a.1

⁹⁷ Idem. I-II, q.15, a.1

⁹⁸ Idem. I-II, q.17, a.9

⁹⁹ Idem. I-II, q.18, a.2

¹⁰⁰ Idem. I-II, q.19, a.3

¹⁰¹ Idem. I, q.81, a.1

¹⁰² TOMÁS DE AQUINO. I, q.81, a.2 “*quia igitur appetitus sensitivus est inclinatio consequens apprehensionem sensitivam, sicut appetitus naturalis est inclinatio consequens formam naturalem; necesse est quod in parte sensitiva sint duae appetitivae potentiae. Una, per quam anima simpliciter inclinatur ad prosequendum eaque sunt convenientia secundum sensum, et ad refugiendum nociva: et haec dicitur concupiscibilis. Alia vero, per quam animal resistit pugnantis, quae convenientia impugnant et nocumenta inferunt: et haec vis vocatur irascibilis*”

Portanto, ao complexo de conhecimento, sensações e desejos, comandados pela *razão*, sob o domínio da *vontade*, denominamos Homem o composto por ato e potência, forma e matéria, que interage mutuamente com seus semelhantes e constitui a humanidade. Dessa forma, mais uma vez torna-se evidente a importância da vida social pautada na *razão*, pois todos os homens são compostos por intelecto, ao qual se deve que determinada ação seja realizada ou evitada, pois somente quando o homem posiciona seu *intelecto* e sua *razão* na posição que lhes são devidos, isto é, como norteadores de suas decisões, a humanidade será composta por homens de fato racionais, e não apenas por homens que agem impulsionados por sensações e impulsos momentâneos. O bom uso do intelecto deve ser prioridade dos indivíduos em suas ações, pois o *bem coletivo* é sempre mais importante que o bem individual, o que apenas será possível de ser alcançado numa sociedade em que homens de fato racionais, pensam e agem não em seu benefício próprio, mas visando o bem comum, alcançado mediante ações baseadas sob o crivo da *razão*.

1.4. A Constituição do Homem

O homem é racional, animal e sensível, tenta suprir suas necessidades básicas, na tentativa de alcançar o Fim por ele proposto, por isso trataremos dos componentes humanos, que fazem dele dominador sobre os demais seres vivos, sobre a natureza e principalmente em contato com outros homens. Todavia ao tratarmos dos homens e de sua relação com o próximo, devemos refletir sobre os componentes que o cercam para que possamos formular questões e preceitos éticos, pois somente ao analisarmos sob a luz de sua racionalidade, poderemos pensá-lo no constante exercício da *razão*, *vontade* e *liberdade*, agindo moralmente através de seus atos e seguindo racionalmente a *paixão*¹⁰³, pois tem a *vontade*, como fator muito importante.

1.4.1. A Vontade

O homem dotado de faculdades superiores, é livre, deseja naturalmente aquilo que lhe parece apetecível, possui a *vontade* como um farol que o guia.¹⁰⁴ A *vontade* para Aquino é a expressão da racionalidade humana¹⁰⁵ que consiste “numa faculdade da liberdade”, pois

¹⁰³ ROVIGHI, S.V. *Introduzione a Tommaso D'Aquino*. I Filosofi. Editori Laterza. Bari – IT. 1973. P. 97

¹⁰⁴ O tema da *vontade* é assunto presente na questão 82 da II seção da I parte da Suma Teológica.

¹⁰⁵ GILSON, E. *Il Tomismo*. Introduzione alla filosofia di San Tommaso d'Aquino. Com un saggio introdutório di Costante Marabelli. Di fronte e attraverso Jaca Book. Biblioteca di Cultura

é através dela que o homem escolhe livremente como exercitar sua capacidade de *escolher* e *desejar*. A *vontade* é o fundamento dos atos humanos porque é um apetite racional, que tende sempre para o Bem, embora possa, alguma vez, tender para o mal, ainda que não o faça propositadamente, mas a partir de um mau julgamento.¹⁰⁶ Dessa forma, a *vontade* é uma *potência apetitiva* necessária à ação humana, é uma de suas marcas fundamentais, conforme afirma Tomás,

Impõe-se que toda natureza intelectual haja uma vontade. O intelecto, com efeito, é atuado pela forma inteligível, enquanto faz ato de intelecção, como a coisa da natureza é atuada, em seu ser natural, por sua própria forma. Ora, a coisa da natureza tem, em virtude da forma que a determina em sua espécie, uma inclinação para as operações e para o fim que lhe convém. Semelhantemente convém que à forma inteligível se siga, no que faz ato de inteligência, uma inclinação para suas operações e seu fim próprio. Esta inclinação, na natureza intelectual, não é outra coisa que a vontade, que é o princípio das operações que existem em nós, pelas quais o que faz ato de inteligência age em vista de um fim: o fim, com efeito, ou o bem, é o objeto da vontade.¹⁰⁷

Assim, a *vontade* exclui qualquer forma de coação,¹⁰⁸ para Tomás consiste num princípio de determinação¹⁰⁹ que se refere ao desenvolvimento de determinada ação, é fruto do espírito, podemos considerá-la a raiz da liberdade.¹¹⁰ O homem é considerado bom quando age de acordo com a boa disposição de sua *vontade*¹¹¹, pois a *vontade* é movida a partir do bem percebido,¹¹² a qual é uma componente humana, com características próprias,

Medievale. Edizione italiana condotta sulla sesta edizione francese. Titolo originale: introduction á la philosophia de Saint Thomas d'Aquin. Milano – IT. 2011. P. 407

¹⁰⁶ TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.8, a.1

¹⁰⁷ Idem. IV CG,19 apud GARDEIL, H. *Iniciação à Filosofia de S. Tomás de Aquino*. P. 152

¹⁰⁸ Para Tomás “a razão está em que o ato da vontade nada mais é que certa inclinação procedente de princípio interior que conhece, como o apetite natural é em certa inclinação de um princípio sem conhecimento. Dessa forma, o homem é um ser movido pela Vontade, que é uma “tendência ao bem em geral” (ROUSSELOT, P. *A Teoria da Inteligência segundo Tomás de Aquino*. Tradução de Paulo Meneses e apresentação de Henrique Vaz. Coleção Filosofia. Edições Loyola. São Paulo – SP. 1973. P. 179)

¹⁰⁹ ROUSSELOT, P. *A Teoria da Inteligência segundo Tomás de Aquino*. Tradução de Paulo Meneses e apresentação de Henrique Vaz. Coleção Filosofia. Edições Loyola. São Paulo – SP. 1973. P. 179

¹¹⁰ Conforme afirma ROUSSELOT, “em cada decisão particular, a percepção intelectual é razão da direção voluntária, de tal forma que o livre-arbítrio parece afinal identificar-se com a lucidez característica do espírito” (ROUSSELOT, P. *A Teoria da Inteligência segundo Tomás de Aquino*. Tradução de Paulo Meneses e apresentação de Henrique Vaz. Coleção Filosofia. Edições Loyola. São Paulo – SP. 1973. P. 179)

¹¹¹ ROUSSELOT, P. *A Teoria da Inteligência segundo Tomás de Aquino*. Tradução de Paulo Meneses e apresentação de Henrique Vaz. Coleção Filosofia. Edições Loyola. São Paulo – SP. 1973. P. 178

¹¹² Conforme afirma, “o bem percebido move a vontade, da mesma maneira que o homem que aconselha ou persuade: quer dizer, fazendo ver a bondade de um objeto”. (ROUSSELOT, P. *A Teoria da Inteligência segundo Tomás de Aquino*. Tradução de Paulo Meneses e apresentação de Henrique Vaz. Coleção Filosofia. Edições Loyola. São Paulo – SP. 1973. P. 180)

merecedora de nossa atenção, pois o homem é considerado pleno quando dotado de *conhecimento* e *vontade* – instâncias naturais em íntima relação no ser individual, e, por conseguinte, intrínsecas, permitindo-lhe dirigir-se àquilo que desperta seu interesse.

A *vontade* é *elícita*, isto é, permite escolher entre mais de uma opção de fatos, mas cabe unicamente ao homem escolher o melhor meio para alcançar o fim esperado.¹¹³ A *vontade* também é *volúvel* – diretamente influenciada pelos objetos, mudando facilmente de determinado objeto para outro, tão logo se apresente mais apetecível, pois o homem busca acima de tudo o que julga ser sua Felicidade, logo, aquilo que lhe parece oposto ao alcance desta será por ele evitado. Assim, a *vontade* é uma amostra da liberdade humana, pois o homem é livre e reivindica para si uma autonomia sobre o seu poder de escolha sobre os atos a serem realizados.¹¹⁴ É fundamental no Homem, pois é através dela que este alcança aquilo que quer, conforme afirma Tomás de Aquino, “deve-se dizer que o que tem vontade é chamado bom quando sua vontade é boa; pois é pela vontade que dispomos de tudo o que temos. Por isso, não se chama bom o homem que tem um bom intelecto, mas aquele que tem uma vontade boa. Ora, o objeto próprio da vontade é o fim”¹¹⁵.

Dessa forma, *intelecto* e *vontade* são correlacionados, permitem ao homem o alcance do fim desejado, pois o *intelecto* visa os primeiros princípios e a *vontade* adere ao Fim Último. A *vontade* tende para determinada coisa que lhe parece boa a partir do exercício da *razão* e do *intelecto*, pois “a vontade, querendo e agindo, pode, e às vezes deve, impedir o não agir e o não querer”¹¹⁶. Assim, a *vontade* é a expressão da *razão*, é responsável por escolher os meios pelos quais o homem deve agir, portanto, cabe à *vontade*, a realização ou não dos atos predeterminados racionalmente¹¹⁷, ou seja, a relação entre esses componentes humanos trata-se de uma relação não de superioridade de um sobre o outro, mas de interdependência, embora a *vontade* ao desejar determinado objeto seja também movida pelos sentidos, pois as coisas mais sensíveis são as primeiro conhecidas. Conforme afirma Aquino,

A vontade é intermediária entre o intelecto e a ação exterior, pois o intelecto propõe à vontade o seu objeto, e esta causa a ação exterior. O princípio do movimento da vontade está no intelecto, que apreende algo como bem universal. O termo ou a perfeição do movimento, da vontade, considera-se em ordem à ação, pela qual alguém tende para conseguir a coisa, já que o movimento da vontade é da alma para as coisas. A perfeição do ato da vontade se considera segundo que seja algo bom para alguém fazê-lo. A vontade não é perfeita senão querendo o

¹¹³ MONDIM, B. *O homem quem ele é?: elementos de antropologia filosófica*. Tradução de R. Leal ferreira e M.A.S. Ferrari. Título original: l'uomo: chi è? Edições Paulinas. 2ª edição. 1977. P. 106-107

¹¹⁴ Idem. Ibidem. P. 108

¹¹⁵ TOMÁS DE AQUINO. I, q.5, a.4

¹¹⁶ Idem. I-II, q.6, a.3

¹¹⁷ TOMÁS DE AQUINO, I, q.14, a.1 apud *Il Male e la Liberta*. P. 68

possível, que é o bem daquele que quer. A vontade é imperfeita querendo o impossível, chamada por alguns de veleidade, porque se deseja algo se fosse possível, a eleição é ato da vontade já determinado para o que se deve fazer.¹¹⁸

A *vontade* realiza um ato complexo, percebe, visualiza e age, pois tanto *quer* como *pode fazer* alguma coisa, conforme Aquino afirma, “a vontade, cujo objeto próprio é o fim, é movente universal de todas as potências da alma, cujos objetos próprios são os objetos dos atos particulares”¹¹⁹. Dessa forma, o homem é guiado, sobretudo, pela *razão* e sua expressão máxima é ditada pela *vontade*, que receberá a missão de classificar o desejo, se em conformidade com a *razão*, é considerado bom, daí a necessidade da *razão* ser a senhora da vida humana, norteadora dos atos e decisões.¹²⁰

Tomás formulou uma ciência teleológica, finalista, no sentido de focar o fim a ser alcançado e, a partir desse objetivo, poder julgar a bondade ou a maldade, frutos da *vontade* dos atos humanos, ou do próprio homem, em relação a intenção de fim, porque a *vontade* tende para o objeto proposto racionalmente. Portanto, é essencial que o homem aja mediante a *razão*, conforme Aquino afirma, “a razão precede de algum modo à vontade e ordena o seu ato, uma vez que a vontade tende para seu objeto seguindo a ordem da Razão, porque a potência apreensiva apresenta à apetitiva o seu objeto”¹²¹. Dessa forma, a *vontade* humana desenvolve-se a partir da deliberação, porque evolui de forma livre e racional, é uma componente humana passiva de responsabilidade em relação às suas escolhas, logo, o homem, mediante sua *vontade*, jamais age por necessidade ou obrigação, pois é livre, é responsável por aquilo que deseja e por suas consequências. A *vontade* não é algo irracional, mas consiste num apetite orientado pela *razão* tendo em vista o alcance do Fim Último, está, portanto, intimamente ligada à *escolha*.¹²²

¹¹⁸ TOMÁS DE AQUINO. I-II, q. 13, a.5 “*ergo dicendum quod voluntas media est inter intellectum et exteriorem operationem: nam intellectus proponit voluntatis uum obiectum, et ipsa voluntas causat exteriorem actionem. Sic igitur principium motus voluntatis consideratu rex parte intellectus, qui apprehendit aliquid ut bonum in universali: sed terminatio, sed perfectio actus voluntatis attenditur secundum ordinem ad operationem, per quam aliquis tendit ad consecutionem rei; nam motus voluntatis est ad anima ad rem. Et ideo perfectio actus voluntatis attenditur secundum hoc, quod est aliquid bonum alicui ad agendum. Hoc autem est possibile. Et ideo voluntas completa non est nisi de possibili, quod est bonum volentí. Sed voluntas incompleta est de impossibili: quae secundum quosdam velleitas dicitur, quia scilicet aliquis vellet illud, si esset possibile. Electio autem nominat actum volantatis iam determinatum ad id quod est huic agendum*”

¹¹⁹ Idem. I-II, q.18, a.7

¹²⁰ Idem. I-II, q.19, a.7

¹²¹ Idem. I-II, q.13, a.1

¹²² Conforme afirma PIANCKERS, “A escolha é a chave do ato humano, mas também o nó de todas as dificuldades da análise do agir. Aristóteles vê nisso um desejo e um juízo tão intimamente ligados que prefere não atribuir a escolha seja ao apetite, seja à razão. Para Tomás, a escolha é substancialmente um ato da vontade, mas tão estreitamente associado ao juízo da razão que se une como matéria e forma, corpo e alma, de maneira tal. O voluntário atribuirá toda decisão à vontade” (PIANCKERS, S. Suma Teológica. Volume 3. Edições Loyola. São Paulo – SP. 2005. P. 186)

Portanto, a *escolha (eleição)* também consiste no ato da *vontade*, porque para Tomás o homem escolhe livremente¹²³, assim, a *vontade* é própria do livre-arbítrio em busca do alcance de determinado bem, o Bem universal,¹²⁴ por isso ele concebeu-a como de extrema importância para o homem. Dessa forma, o indivíduo não faz nenhuma ação involuntariamente, exceto ações naturais de seu próprio corpo físico, denominadas por Aquino como *atos do homem*¹²⁵, mas ao que se refere às *ações humanas*, isto é, quando há *intenção, eleição e deliberação*, são sempre voluntárias, realizadas a partir do exercício de sua *razão – arbítrio*¹²⁶, ou seja, o homem age liberal e conscientemente e por isso, seus atos exteriores possuem *caráter moral*¹²⁷, a *vontade*, considerada como o apetite superior, tende às escolhas concretas que tocam a vida terrena do homem, visando o alcance do Bem Universal¹²⁸, pois tende primeiramente à bondade, àquilo que é considerado racionalmente bom.

O homem deve, constantemente, exercitar sua Razão para desejar e realizar as coisas corretas, pois está exposto às mais variadas formas de circunstâncias, daí a importância que ele possui de julgar e agir corretamente, movendo-se por completo ao que lhe proporcione de modo seguro o alcance de seu determinado Fim. Dessa forma, o ser humano tem desejos e vontades, mas precisa conservar-se, pois nenhum homem procura a infelicidade, mas buscam sempre alcançar o Bem considerado como o melhor a ser adquirido, nisto consiste uma *inclinação ou tendência natural*.¹²⁹ O fim do homem é a Felicidade, que Aquino, denomina como *beatitudo*, compreendida como “a plena realização de nosso ser” e por isso, deve agir conforme sua *vontade*, e assim, e sua *razão*. É através de sua vontade que o homem alcançará sentimento de realização plena, eliminando frustrações e culpas, conforme afirma Aquino,

A vontade parece ser uma potencia mais elevada que o intelecto, pois ela move o intelecto para o seu ato, e o intelecto, quando alguém quer,

¹²³ TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.13, a.6

¹²⁴ PINCKAERS, S. *Suma Teológica*. Volume 3. Edições Loyola. São Paulo – SP. 2005. P. 194

¹²⁵ Tomás realiza a distinção entre *atos humanos* e *atos do homem*, para ele, *atos humanos* consistem nas ações voluntárias que são desempenhadas pelos homens, são, frequentemente ações predeterminadas racionalmente. Ao passo que os atos do homem são ações involuntárias que o homem desempenha, estão voltados para o movimento corpóreo, como por exemplo, os batimentos do coração, o piscar de olhos, são ações que independem da vontade do homem.

¹²⁶ ROVIGHI, S.V. *Introduzione a Tommaso D'Aquino*. I Filosofi. Editori Laterza. Bari – IT. 1973. P. 110

¹²⁷ Idem. Ibidem. P. 116

¹²⁸ TOMMASO D'AQUINO. *Il Male e la Libertà*. (dalle questioni sul male). Introduzione e note di Umberto Galeazi. Traduzione di Umberto Galeazzi e Raffaella Savino. Biblioteca Universale Rizzoli. Classici del pensiero. Milano – IT. 2002. P. 59. “ma próprio perché la volontà tende al bene sotto ogni aspetto, al bene totale, è libera, non è necessitata a volere questo o quel bene particolare, su cui vertono le scelte concrete nella dimensione terrena dell'uomo”.

¹²⁹ ROVIGHI, S.V. *Introduzione a Tommaso D'Aquino*. I Filosofi. Editori Laterza. Bari – IT. 1973. P. 108

conhece atualmente aquilo que tinha em hábito. Assim o ato da vontade mostra-se superior ao do intelecto. Assim sendo, vê-se que o fim último, que é a beatitude, consiste mais no ato da vontade que no do intelecto.¹³⁰

Portanto, o homem não é um ser inerte, passivo a aceitar as coisas como são, mas tem a possibilidade de guiar-se a si próprio de forma correta, justa, virtuosa, posto ser racional. É possuidor de *desejos* e *vontades*, que pode ordená-los a fim de alcançar aquilo que lhe apetece, não a partir de experiências de outrem, mas de suas próprias experiências e convicções. Tomás traz uma grande contribuição à Filosofia: a de compreender o homem não a partir da *predestinação*, mas posiciona-o como senhor de seus atos, responsável por suas escolhas, pois se o homem é livre e racional, a *predestinação* retira dele toda liberdade, fadando-o à passividade, tolhendo-lhe qualquer ato de evolução. Dessa forma, para Aquino, o indivíduo não age mal porque foi forçado ou influenciado erroneamente, mas se assim o fizer é porque ele próprio o quis fazer. Assim, o homem é responsável por si e pelos outros e principalmente, pelas suas ações, pois, pode alargar seu horizonte, através do *livre-arbítrio*.

1.4.2. O Livre-arbítrio

O homem fundamentalmente racional é livre e não poderia ser coagido a agir de determinada maneira, pois possui *livre-arbítrio*, pode agir espontaneamente como também a partir de motivações externas.¹³¹ *Livre-arbítrio* é a faculdade da *vontade* e da *razão* pelas quais o homem tem domínio de suas ações,¹³² pois jamais age de determinada maneira sem seu próprio consentimento, mas age sempre mediante um julgamento de seus atos, conforme afirma Tomás,

O homem, porém, age com julgamento, porque, por sua potência cognoscitiva julga que se deve fugir de alguma coisa ou procurá-la. Mas como esse julgamento não é o efeito de um instinto natural aplicado a uma ação particular, mas de uma certa comparação da razão, por isso, o homem age com julgamento livre, podendo orientar-se por diversos objetos. [...]. Por conseguinte, é necessário que o homem seja dotado de livre-arbítrio, pelo fato mesmo de ser racional.¹³³

¹³⁰ TOMÁS DE AQUINO. III, CG, XXVI

¹³¹ GARDEIL, H. D. *Iniciação à Filosofia de S. Tomás de Aquino*. TOMO III – PSICOLOGIA. Tradução de Pe. Augusto J. Chiavegato. Duas Cidades. São Paulo – SP. 1967. P. 167

¹³² TOMÁS DE AQUINO. I, q.1, a.1

¹³³ TOMÁS DE AQUINO. I, q.83, a.1 “*sed homo agit iudicio: quia per vim cognoscitiva miudicat aliquid esse fugiendum vel prosequendum. Sed quia iudicium istud non est ex naturali instinctu in particulari operabili, sed ex collatione quadam rationis; ideo agit libero iudicio, potens in diversa Ferri. Ratio enim circa contingentia habet viam ad opposita; ut patet in dialecticis syllogismis, et rhetoricis persuasionibus. Particularia autem operabilia sunt quaedam contingentia: et ideo circae a*

Toda ação humana é realizada mediante a *vontade*, daí a necessidade que o homem aja racionalmente, e acima de tudo, de forma ética, porque é através da reta razão que a ação humana será julgada correta e virtuosa. Ser livre é uma exigência da própria natureza do indivíduo, porque somente a partir da *liberdade*, de *arbítrio*, o indivíduo se moverá a si mesmo para a ação, para a *escolha*, que lhe é própria.¹³⁴ Segundo Aquino,

Embora o livre-arbítrio, segundo a significação própria desse termo, designe um ato, entretanto, segundo o modo comum de falar, designamos livre-arbítrio o princípio desse ato, isto é, o princípio pelo qual o homem julga livremente. Ora, o princípio de nossos atos é a potência e o *habitus*, pois conhecemos seja por meio da ciência, seja pela potência intelectual. O livre-arbítrio deve ser, portanto, ou uma potência, ou um *habitus*, ou uma potência com um *habitus*.¹³⁵

Tomás dedicou ao estudo da *liberdade* um lugar especial em sua obra¹³⁶, na concepção do homem como um ser livre, embora não de modo absoluto, mas parcial, é livre em relação ao desempenho de suas ações, pois escolhe determinado fato e afasta-se de outros, mas não o é para escolher suas aptidões e potências. Dessa forma, é livre e efetiva sua liberdade quando põe em prática a sua capacidade de *julgar*,¹³⁷ pois frequentemente realiza juízos a partir de seu *livre-arbítrio* e de sua *consciência*, embora cada uma dessas instâncias o ajude a julgar de modo diverso.¹³⁸ Portanto, através de sua *vontade* e de sua *liberdade*, o homem pode mover-se a si mesmo de acordo com um juízo realizado através de sua *inteligência*, a partir da qual ele pode refletir e julgar.¹³⁹ O homem é livre e por isso pode escolher de modo autônomo o que deseja realizar a partir de seu próprio julgamento,

iudicium rationis ad diversa se habet, et non est determinatum ad unum. Et pro tanto necesse est quod homo sit liberi arbitrii, ex hoc ipso quod rationalis est".

¹³⁴ TOMÁS DE AQUINO. I, q.83, a.1

¹³⁵ Idem. I, q.83, a.2 "*quam vis liberum arbitrium nominet quendam actum secundum propriam significationem vocabuli; secundum tamen communem usum loquendi, liberum arbitrium dicimus id quod est huius actus principium, scilicet quo homo libere iudicat. Principium autem actus in nobis est et potentia et habitus: dicimur enim aliquid cognoscere et per scientiam, et per intellectivam potentiam. Oportet ergo quod liberum arbitrium vel sit potentia, vel sit habitus, vel sit potentia cum aliquo habitu*".

¹³⁶ MONDIM, B. *O homem quem ele é?: Elementos de Antropologia Filosófica*. Tradução de R. Leal ferreira e M.A.S. Ferrari. Título original: *l'uomo chi è?* Edições Paulinas. 2ª edição. 1977. P. 113

¹³⁷ ROUSSELOT, P. *A Teoria da Inteligência segundo Tomás de Aquino*. Tradução de Paulo Meneses e apresentação de Henrique Vaz. Coleção Filosofia. Edições Loyola. São Paulo – SP. 1999. P. 180

¹³⁸ ROVIGHI, S.V. *Introduzione a Tommaso D'Aquino*. I Filosofi. Editori Laterza. Bari – IT. 1973. P. 123

¹³⁹ TOMMASO D'AQUINO. *Il Male e la Libertà*. (dalle questioni sul male). Introduzione e note di Umberto Galeazzi. Traduzione di Umberto Galeazzi e Raffaella Savino. Biblioteca Universale Rizzoli. Classici del pensiero. Milano – IT. 2002. P. 57. "*la libertà come capacità di muovere se stessi mediante un giudizio dell'intelligenza (non orientato deterministicamente in senso unidirezionale) su cui si ha la possibilità di riflettere e giudicare, l'autonomia, cioè, come capacità di 'giudicare Del proprio giudizio'*".

possuindo também a capacidade de escolher entre o que julga ser o bem particular tendo em vista o fim a ser alcançado.¹⁴⁰ Concluímos este tópico afirmando que o homem é possuidor de natureza física e racional, encontra-se num mundo real, mas sempre sob uma tensão originada na possibilidade da escolha, isto devido a sua condição finita, temporal e principalmente livre. O homem torna-se responsável por suas escolhas, feitas à luz da *razão*, essas mesmas *escolhas* podem tornar-se uma coroa em sua vida, como poderão tornar-se também um grilhão que o acorrentará. Para usar livremente sua *vontade*, o homem deve estar atento ao *intelecto* e a *razão*, só assim sua *vontade* o conduzirá para fim perfeito. O homem pode extirpar de si vícios, pode afastar-se de suas inclinações e não utilizar suas aptidões, mas jamais poderá abster-se de suas *escolhas*, de seu *livre-arbítrio*, de sua liberdade, pois tal atitude consiste numa contradição da natureza humana, especialmente, porque o homem é permeado, tanto em sua vida individual quanto social a “fazer escolhas”, que pode ser traduzido por atos humanos.¹⁴¹

1.5. Os Atos Humanos

Neste estudo acerca da antropologia proposta por Aquino, temos salientado a responsabilidade que o homem possui sobre seus atos, tanto no âmbito individual quanto no coletivo, pois por estar no mundo, ser cercado por outros homens semelhantes a ele, também possuidores de desejos, anseios e aspirações, e também possuidores de uma *obrigação moral* de agir de forma ética e virtuosa, deve selecionar ações que se refiram a aquisição do bem comum. O homem possui a natureza intelectual, agregando em si todos os componentes humanos que lhe permitem agir de acordo com seus sentidos e sensações, mas que deve agir principalmente de acordo com sua *racionalidade* e com suas *necessidades*, uma vez que ele afirma,

Os chifres e as garras, que são as armas de certos animais, a espessura da pele, a multidão dos pêlos ou das penas, que são seu revestimento, atestam a abundância neles (animais irracionais) do elemento terrestre; ora, tal abundância repugna à igualdade e à delicadeza da compleição humana, por isso essas coisas (pele e garras) não cabiam ao homem. Em segundo lugar, porém, o homem possui a razão e as suas mãos,

¹⁴⁰ TOMMASO D'AQUINO. *Il Male e la Libertà*. (dalle questioni sul male). Introduzione e note di Umberto Galeazzi. Traduzione di Umberto Galeazzi e Raffaella Savino. Biblioteca Universale Rizzoli. Classici del pensiero. Milano – IT. 2002.. P. 60. “*i due aspetti della liberta considerati, cioè l'autonomia del giudizio e la possibilità di scegliere tra Beni particolari pur in presenza della tensione al fine ultimo, a parte il fatto che si implicano reciprocamente, sono accomunati dall'essere fondati sull'apertura trascendentale dell'intelligenza e, quindi, del desiderio dell'uomo*”.

¹⁴¹ GALEAZZI, U. *La Felicità*. A cura di Umberto Galeazzi. Introduzione, traduzione, note e apparati di Umberto Galeazzi. Bompiani Testi a Fronte. Milano – IT. 2010. P. 25

graças às quais pode obter armas, vestimentas e outras coisas necessárias à vida, e isso segundo modalidades infinitas.¹⁴²

Percebemos que somente há voluntariedade nos indivíduos, porque são os únicos possuidores de *razão*, a partir da qual devem guiar suas ações, segundo os critérios por ela prescritos, pois ao agir dessa forma, ele agirá de acordo com o que é considerado correto, sem se deixar influenciar por suas impressões, emoções e necessidades básicas, mas agirá corretamente apesar de tudo o que o cerca e o influencia.¹⁴³ O homem é ordenado pela *razão* a agir correta e conscientemente,¹⁴⁴ pois ela sempre irá *advertir, intimar e imperar* sobre as decisões humanas, fazendo com que este realize sempre as melhores escolhas.

A *razão* possui lugar de destaque em relação a toda a natureza humana, principalmente nos atos humanos. O homem age racionalmente, não a partir de apetites naturais, por isso Tomás afirma categoricamente que ele agirá bem somente quando agir em conformidade com a *razão*,¹⁴⁵ a qual deve ser o crivo para a consideração acerca dos atos humanos – se bons ou maus,¹⁴⁶ conforme afirma Aquino, “é culpado deste pecado o homem enquanto homem, e enquanto moral”¹⁴⁷. Diante da *obrigação moral*, o homem não pode fazer mal nem a si mesmo e nem aos outros, pois quem vive em determinada sociedade é parte e membro de toda ela, segundo Aquino,

O ato de um homem, bom ou mau, embora não se ordene para o bem ou para o mal de outra pessoa singular, ordena-se para o bem ou mal de outro da mesma comunidade. O homem que tem o domínio de seu ato, enquanto é parte de uma comunidade merece ou desmerece enquanto dispõe bem ou mal de seus atos.¹⁴⁸

O mal que é feito a um membro da sociedade recai sobre todos os demais, e nisto reside a *justiça*, a partir da qual há a atribuição de mérito ou demérito ao homem realizador de determinada ação, conforme Aquino afirma,

Quando alguém ordena diretamente seu ato para o bem ou para o mal de todo grupo, lhe é devida a retribuição primeiro e principalmente de todo grupo, e de todas as partes do grupo. Quando alguém age para seu

¹⁴² TOMÁS DE AQUINO. I, q.91, a.3 “*cornua et unguulae, quae sunt quorundam animalium arma, et spissitu docorii, et multitudo pilorum aut plumarum, quae sunt tegumenta animalium, attestantur abundantiae terrestri elementis; quare pugnata equalitati et teneritudini complexionis humanae. Et ideo haec homini non competebant. Sed loco horum habet rationem et manus, quibus potest parare sibi arma et tegumenta et alia vitae necessaria, infinitis modis*”.

¹⁴³ ROUSSELOT, P. *A Teoria da Inteligência segundo Tomás de Aquino*. Tradução de Paulo Meneses e apresentação de Henrique Vaz. Coleção Filosofia. Edições Loyola. São Paulo – SP. 1973. P. 190

¹⁴⁴ TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.17, a.2

¹⁴⁵ Idem. I-II, q.18, a.1

¹⁴⁶ Idem. I-II, q.18, a.5

¹⁴⁷ Idem. I-II, q. 21, a.2

¹⁴⁸ Idem. I-II, q.21, a.3

próprio bem ou mal, também lhe é devida a retribuição enquanto isto reverte para a comunidade, porque é parte do grupo, embora não lhe seja devida retribuição enquanto é um bem ou mal da pessoa singular que é a mesma que age, a não ser talvez a si mesma, por uma certa semelhança, enquanto existe a justiça do homem para consigo.¹⁴⁹

Os atos humanos sempre fazem referência ao *deliberar*, ao *eleger* e ao *consentir*, pois a execução destes possui uma relação com a *razão*, esses fatores primordiais servem como fio condutor, conduzindo o homem em busca do Fim, uma vez que o “consentimento designa a aplicação do movimento apetitivo a alguma coisa já existente”¹⁵⁰. Nesse sentido, o homem é um ser que anseia e deseja principalmente aquilo que não tem em si ou que tenha, mas não de modo pleno; a tendência humana é buscar alcançar aquilo que lhe parece mais prazeroso, pois para Aquino, o ser humano sempre caminha para a perfeição, “aplicando o movimento apetitivo a algo apetecível”¹⁵¹, isto é, está sempre em busca do que parece melhor, porque todo imperfeito está em busca da perfeição.

Portanto, são nos atos humanos que o homem se apresenta como Homem, como ser possuidor de *razão*, que não deve e nem pode agir simplesmente de acordo com seu querer, impulsionado por circunstâncias exteriores e momentâneas, mas *deve* agir sempre racionalmente diante de todas as circunstâncias ao seu redor. Os atos humanos devem ser ordenados seguindo critérios normativos¹⁵², racionais, pois o homem deve empregar o discernimento correto aos seus atos, porque quando falta tal medida, agirá somente a partir da paixão e assim, será conduzido ao erro, daí a importância da *razão* ser senhora dos atos humanos. Concluímos que o homem se não agir mediante sua *razão*, estará agindo por impulsos que podem direcioná-lo a equívocos e prejuízos, pois apenas a *razão* lhe prescreve o que trará sua felicidade, nunca deve se deixar dominar pela *paixão*.

1.6. As Paixões

¹⁴⁹ TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.21, a.3 “*quando vero aliquis ordinat actum suum directe in bonum vel malum totius collegii, debetur ei retributio primo quidem et principaliter a toto collegio: secundario vero, abominibus collegii partibus. – Cum vero aliquis agit quod in bonum proprium vel malum vegit, etiam debetur ei retributio, inquantum etiam hoc vergit in commune secundum quod ipse est pars collegii: licet non debeatur ei retributio inquantum est bonum vel malum singularis personae, quae est eadem agentis, nisi forte a seipso secundum quandam similitudinem, prout est iustitia hominis ad seipsum*”.

¹⁵⁰ Idem. I-II, q.15, a.3

¹⁵¹ Idem. I-II, q.16, a.1

¹⁵² GALEAZZI, U. Tommaso: *Le passioni e l'amore*. A cura di Umberto Galeazzi. Saggio introduttivo, traduzione, note e apparati di Umberto Galeazzi. Bompiani Testi a Fronte. Milano – IT. 2012. P. 15

Paixão¹⁵³, em latim *passio*, na Idade Média, significa: padecer, sofrer, ser afetado por coisas ou eventos; tem um significado muito mais amplo no estudo do homem. Para Aquino, até mesmo ao que se refere às paixões, a *razão* deve ser o centro, pois os sentimentos e as paixões, por muitas vezes referirem-se aos impulsos, tendem ao excesso ou à deficiência, se o homem posicionar a *razão* como o crivo de suas ações e organização de seus atos e sua natureza, as paixões irão completá-lo.¹⁵⁴ Para Aquino, “a diferença entre as paixões do concupiscível e as do irascível é que os objetos das paixões do concupiscível são o bem e o mal, absolutamente falando; enquanto os objetos das paixões do irascível são o bem e o mal que tenham certa grandeza ou arduidade”¹⁵⁵.

As paixões são compreendidas por Aquino, como o que influencia exteriormente o sujeito, fazendo-o mudar diante do objeto, estando presente na alma acidentalmente. Embora seja racional e sensível, o homem sofre certas influências, é passivo às circunstâncias e influências exteriores, age impulsionado por diversos estímulos, de ordem intelectual ou motora, pelas *paixões*, o que implica relação direta com a mudança do objeto a ser alcançado e a forma como assim o será¹⁵⁶, nesse caso específico, o homem como senhor de seus atos, deve agir consciente e racionalmente, segundo Aquino,

São duas as faculdades motoras. Uma que comanda o movimento, a saber, o apetite, cuja operação não se exerce na alma sensitiva sem o corpo. Assim é que a ira, a alegria e as outras paixões existem com alguma mudança do corpo. A outra faculdade motora executa os movimentos; por ela os membros tornam-se aptos para obedecer ao apetite, cujo ato não é mover, mas ser movido.¹⁵⁷

¹⁵³ Na linguagem moderna notamos que o termo “paixão” tem frequentemente um sentido pejorativo, como uma incontrolável emoção, mas para Tomás, as paixões são dinâmicos poderes e a origem da energia psicológica como o serviço do homem. Tomás adiciona à paixão também um efeito no organismo, em particular na Razão. O termo *paixão* deriva do termo grego *pathos* descrito por Aristóteles como “alterações na base orgânica”. (ELDERS, ELDERS, L.J. The Ethics of st. Thomas Aquinas. Happiness, Natural Law and The Virtues. Peter Lang. 2000. P. 95 “*in modern languages the term “passion” has often a pejorative sense, sc. that of uncontrolled emotion, but for Thomas the passions are dynamic powers and sources of psychological energy at the service of man. Aquinas adds that they have an effect soon the organism, in particular on the rate*”). Esse termo foi aceito e incorporado pela patrística e pela escolástica. Assim, na visão tomista, a “paixão” refere-se ao apetite sensitivo. (MONDIM, B. O homem quem ele é. P. 119)

¹⁵⁴ Cf in <http://institutumsapientiae.files.wordpress.com/2011/07/sc-2011-07-joc3a3o.pdf> acessado em 29/04/2013 às 00:50

¹⁵⁵ TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.46, a.3

¹⁵⁶ GILSON, E. *Il Tomismo*. Introduzione alla filosofia di San Tommaso d’Aquino. Com un saggio introdutório di Costante Marabelli. Di fronte e attraverso Jaca Book. Biblioteca di Cultura Medievale. Edizione italiana condotta sulla sesta edizione francese. Titolo originale: introduction á la philosophie de Saint Thomas d’Aquin. Milano – IT. 2011. P. 415

¹⁵⁷ TOMÁS DE AQUINO. I, q.75, a.3 “*vis motiva est duplex. Una quae imperat motum, scilicet appetitiva. Et huius operatio in anima sensitiva non est sine corpore; sed ira et gaudium et omnes huius modi passionnes sunt cum aliqua corporis immutatione. Alia vis motiva est ex equens motum, per quam membra redduntur habilia ad obediendum appetitui: cuius actus non est movere, sed moveri*”

Dessa forma, o homem é passivo à influência das *emoções*, *paixões* e de sua *vontade*, são os *apetites sensitivos*¹⁵⁸, impulsionados ao receberem estímulos dos objetos sensíveis, podendo ir de sentimentos tranquilos a sentimentos vorazes.¹⁵⁹ Conforme Aquino afirma,

No sentido comum, a paixão encontra-se na alma, como também em qualquer criatura, porquanto qualquer criatura tem em si mesma algo de potencial e por isso, cada criatura subsistente é receptiva de alguma coisa. Segundo o sentido próprio, paixão encontra-se somente lá onde há movimento e contrariedade. Ora, o movimento encontra-se somente nos corpos e a contrariedade das formas e das qualidades dessas coisas mais geráveis e corruptíveis. Por isso somente dessas coisas se pode dizer que sofre deste modo: e também se recebe algo, isso não acontece mediante transmutação de um contrário ao outro, mas só por causa do influxo do agente, do mesmo modo que o ar é iluminado pelo sol. Enfim, segundo o sentido translativo, a paixão 'pode ser dita também da alma: ela sofre quando a sua operação é impedida'.¹⁶⁰

Para Tomás de Aquino, há *paixão* somente nos seres compostos de forma e matéria, dotados de alma, conforme ele afirma,

A paixão que comporta exclusão e transmutação é própria da matéria. A paixão enquanto implica mera recepção, não é necessariamente própria da matéria, mas pode dar-se em qualquer coisa existente em potência. E a alma, ainda que não seja composta de matéria e forma, tem algo de potencialidade, segundo a qual lhe convém receber e padecer no sentido em que entender é padecer.¹⁶¹

A paixão faz o homem ultrapassar os seus limites, dando-lhe uma força que lhe era desconhecida; a paixão pode ser compreendida como uma força propulsora e positiva, consiste num elemento constitutivo do agir humano.¹⁶² A relação entre *razão* e *emoção* é conflitante, deve ser estudada no âmbito da antropologia, pois tais questões tocam o homem

¹⁵⁸ GARRIGOU-LAGRANGE, R. *La vida eterna y la profundidad del alma*. Traducción de Ansenio Pagios Lopez. Libros de Espiritualidad. Ediciones Rialps. 2ª edición. Patmos. Madrid – ES. P. 11

¹⁵⁹ Conforme afirma GARRIGOU-LAGRANGE, “é inegável que no homem a paixão sempre deve ser regulada e disciplinada pela reta razão e pela vontade; e em tal caso se convertem em forças úteis para defender uma grande causa. Pelo contrário, as paixões desordenadas e indisciplinadas vêm a ser vícios” (GARRIGOU-LAGRANGE, R. *La vida eterna y la profundidad del alma*. Traducción de Ansenio Pagios Lopez. Libros de Espiritualidad. Ediciones Rialps. 2ª edición. Patmos. Madrid – ES. P.12 “*en el hombre las pasiones deben ser reguladas y disciplinadas por la recta razón y por la voluntad; e en tal caso se convierten en fuerzas útiles para defende una gran causa. Por el contrario, las pasiones desordenadas e indisciplinadas vienen a ser vicios*”)

¹⁶⁰ TOMÁS DE AQUINO. *De Veritate*. Apud MONDIM, B. *O homem quem ele é?: Elementos de Antropologia Filosófica*. Tradução de R. Leal ferreira e M.A.S. Ferrari. Título original: *l'uomo chi è?* Edições Paulinas. 2ª edição. 1977. P. 119

¹⁶¹ Idem. I-II, q.22, a.1

¹⁶² GALEAZZI, U. *Tommaso: Le passioni e l'amore*. A cura di Umberto Galeazzi. Saggio introduttivo, traduzione, note e apparati di Umberto Galeazzi. Bompiani Testi a Fronte. Milano – IT. 2012. P. 16

em sua natureza mais íntima.¹⁶³ Assim, as *paixões* podem ser boas ou más, pecaminosas ou virtuosas, são pecaminosas quando contrariam a ordem racional e a lei natural, fazendo-o ultrapassar os limites da *razão*.¹⁶⁴ A *paixão* merece atenção especial porque pode conduzir o homem ao erro de desejar o que não deveria,¹⁶⁵ está relacionada ao ato da vontade seja como procedente ou como consequente dela.

O homem é particular, deseja naturalmente viver e conhecer. É político por natureza, necessita agir responsabilmente tanto consigo quanto com o outro, para isto necessita de virtudes visando alcançar seus objetivos e viver de forma correta, na tentativa de conseguir o Fim considerado como sua Felicidade. A vida vivenciada pelo homem, marcada por seus atos, deve estar de acordo com o Fim que por ele deve ser alcançado, pois é nos *atos humanos* onde reside o bem e o mal, o melhor e o pior, e principalmente, o mérito ou demérito das *ações humanas*. Dessa forma, a consideração das circunstâncias é o objeto da moral, pois é em cada circunstância que há a presença ou o afastamento da virtude¹⁶⁶. As circunstâncias influenciam o homem, pois este passa a agir em determinado tempo e hora de acordo com vários fatores e situações que o cercam.

O homem estando inserido num mundo social e cultural, deve nortear suas ações, pelos critérios de sua racionalidade na tentativa de dirigir-se a um fim determinado - o Fim Último, o qual recebe uma atenção especial na filosofia de Aquino e em sua antropologia, pois o bem que o homem espera alcançar é o Fim Último de sua vida, compreendido filosoficamente como Felicidade, a qual preenche todos os desejos humanos. Dessa forma, é essencial que o indivíduo norteie sua vida, pautando suas ações, desejos e vontades de acordo com o Fim Último a ser alcançado, combinando, obrigatoriamente *desejo* e *necessidade* na tentativa de conseguir aquilo que quer, nesse estágio reside o estudo da Ética. O homem é passível de sofrer paixões, e às vezes é obcecado por elas, sob o domínio delas, as sensações recebidas, envolvem o indivíduo de tal modo, que podem emudecer sua *razão*, estando sujeito ao endeusamento daquela paixão, que passará a ser um parâmetro. A paixão é algo que afeta o homem exteriormente, mas que é capaz de mudar suas considerações e interesses internos. Para Aquino existem dois tipos de *paixões*: concupiscíveis (06) e irascíveis (05), conforme expomos no quadro abaixo.

¹⁶³ Idem. Ibidem. P. 9

¹⁶⁴ TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.24, a.2

¹⁶⁵ Idem. I-II, q.10, a.3

¹⁶⁶ Idem. I-II, q.7, a.2

POTÊNCIA SENSITIVA	NOME DA PAIXÃO	DESCRIÇÃO	OBJETO
Concupiscível	Desejo	Apreensão de um bem presente (inclinação conatural ao bem)	Bem (simplesmente considerado)
	Alegria	Movimento voltado a um bem enquanto futuro	
	Ódio	Apreensão de um mal presente	Mal (simplesmente considerado)
	Fuga	Movimento de distanciamento do mal futuro	
Irascível	Tristeza	Mal que se encontra no sujeito	Bem árduo (de difícil consecução)
	Esperança	O bem futuro já se encontra no sujeito	
	Desespero	Bem futuro é impossível de alcance	
	Audácia	O mal futuro demonstra superável	Mal árduo (difícil de ser repellido)
	Temor	O mal futuro se demonstra insuperável	
	Ira	Mal (árduo) se encontra no sujeito	

Quadro 1. Sobre os tipos de paixões. (Fonte: <http://institutumsapientiae.files.wordpress.com/2011/07/sc-2011-07-joc3a3o.pdf>)

Portanto, o homem possuidor de intelecto ativo, sempre inclinado a observar, a deduzir e a intuir no seu ambiente natural, recebe sensações e impulsos, os quais precisa analisar, usar ou arquivar, dada a importância da sensação recebida. Nesse processo, elege como fator importante aquele fato que lhe desperta paixão. O homem pode, quando impulsionado por determinada paixão, desejar intensamente algo pouco provável de alcançar. As paixões são de extrema valia para a natureza humana, pois o homem é composto por sua natureza espiritual e corpórea, pode ser sujeito às sensações e influências, mas pela sua racionalidade, pode agir de acordo com o que venha aperfeiçoar sua ação, pois é responsável por conservar sua vida, mas ao agir impulsionado por paixões que não acrescentam benefícios a sua vida e suas ações, estará fadado a ações erradas, que poderão trazer resultados irreparáveis. Dessa forma, cabe, exclusivamente ao homem, agir corretamente, não abandonando suas paixões, e nem agindo totalmente impulsionado por elas, deve sempre, buscar o meio-termo de tudo aquilo que o cerca.

Resumindo esse breve estudo das *paixões* salientamos que se tratam de uma potência humana, *potência sensitiva*, nelas reúnem-se sentimentos tais como: *desejo, alegria, ódio, fuga, tristeza, esperança, desespero, audácia, temor, ira*. Esses sentimentos estão inseridos na alma humana, devem ser pensados racionalmente com isenção de emoções. Essa máquina perfeita corpo e alma, formam o indivíduo – física e

espiritualmente, equipado com um intelecto desenvolvido, capaz de tomar decisões e efetuar tarefas de alta complexidade, mas esse mesmo indivíduo não pode descuidar-se da tênue linha que separa um homem dominado pelas paixões, daquele que usa sua *razão* para cultivar a virtude. Esse divisor invisível – *razão*, faz toda a diferença, porque somente exercitando-a, dominando a vontade, controlando as paixões ele poderá conquistar a última batalha, em síntese, conquistar o Fim Último fazendo de sua vida um exercício constante do *habitus* e das virtudes.

SEGUNDO CAPÍTULO

DOS HÁBITOS E DAS VIRTUDES

O presente capítulo trata de questões acerca da Ética¹⁶⁷ formulada por Tomás de Aquino. Através do estudo de seu pensamento a partir de algumas de suas obras, a exemplo das *Quaestiones Disputate De Virtutibus*, do *Sententia De Ethicorum* e, principalmente, da *Summae Theologiae*, podemos notar que seu estudo acerca das virtudes, possui como objetivo central, analisar as ações humanas, a fim de que o homem alcance uma vida virtuosa. O estudo das Virtudes é de fundamental importância para o pensamento de Aquino porque para ele, o Homem¹⁶⁸ é um ser privilegiado, que possui uma *obrigação moral* de agir conforme sua *razão*, não impulsionado por instintos, através do exercício constante de sua racionalidade e de seu autodomínio, através dos quais será capaz de construir sua história e, sobretudo, o bem-estar individual e social.

No constante exercício das Virtudes e da racionalidade humana pode-se conceber a Ética e a Moral no pensamento de Tomás de Aquino. Diversas são as marcas e suas contribuições, dentre elas, Tomás formulou uma ética voltada para as pessoas, cujo objetivo é a Felicidade, alcançada pelo exercício das Virtudes, não pela aquisição ou relação com os bens materiais – compreendidos como *acessórios*, e não condição *sinequanon* para a Felicidade.¹⁶⁹ O estudo das Virtudes para Aquino, está fundamentado na racionalidade humana, porque através dela o homem faz-se um ser moral, governado por obrigações legais, denominadas *leis* – responsáveis por proporcionarem o bem a todos os indivíduos de

¹⁶⁷ A Filosofia e, sobretudo, o estudo acerca da Ética e da Política, tiveram seu início com os gregos, recebendo, mais propriamente de Platão e Aristóteles, o nome de ARETÉ *excelência*, que indica perfeição no exercício contínuo. Entretanto, foi na Idade Média quando essa excelência proposta pelos gregos, passou a ser compreendida como *virtus*, que significa “virtude, mérito, superioridade, excelência, qualidades da alma e do corpo que adornam e enobrecem o homem, bondade, habilidade, força, robustez”(Dicionário latino – Português. Amós Coêlho da Silva e Aírto Ceolin Montagner). É desse termo latino *virtus* que deriva a palavra *virtude* conhecida atualmente. É interessante notarmos que o Homem sempre possuiu um lugar privilegiado na filosofia grega, sobretudo aristotélica, e conseqüentemente na filosofia tomista, dessa forma devemos salientar que o termo *virtus* deriva da palavra latina *vir* (Homem), logo, a virtude é algo que está intrinsecamente relacionada ao homem, passando a ser compreendida como uma qualidade referente a ele próprio homem, e assim, a ação propriamente boa, realizada de forma racional, receberá a consideração de ser uma ação virtuosa.

¹⁶⁸ O homem possui uma posição ímpar no pensamento de Aquino, mas sempre o social e o coletivo possuirão uma maior importância para ele, porque o homem está sempre se guiando para o que julga ser a Felicidade, para alcançá-la plenamente, contudo o homem é um ser que está no mundo, em contato com outros homens que assim como ele, também procuram o alcance da Felicidade, assim, diante dessa busca, muitas vezes desenfreadas, os homens encontram-se numa relação conflituosa, a qual será resolvida para Tomás de Aquino, mediante o exercício das virtudes.

¹⁶⁹ TOMÁS DE AQUINO. *The Cardinal Virtues: prudence, justice, fortitude, and temperance*. Introdução de REGAN, R. P.VIII

determinada sociedade.¹⁷⁰ Entretanto, no tocante ao estudo da Ética precisamos recordar que ela, enquanto Ciência, exclui qualquer tipo de imposição ou coerção, embora aceite a *obrigação*, o *dever* e a *lei*. Assim, a Ética proposta por Aquino possui as Virtudes como conceito fundamental, visando a transformação do ser humano na relação entre *corpo* e *paixão*, uma vez que através delas o homem tenta regular-se, moderar-se e fortalecer-se a fim de não agir de forma desordenada.¹⁷¹

A Ética e as Virtudes visam a plena realização da natureza humana, pois a Felicidade e sobretudo, a *beatitudo*, somente será alcançada pelo homem mediante o exercício de uma vida virtuosa, a qual traduz o ideal da perfeição a ser alcançada por ele.¹⁷² Dessa forma, a ética formulada por Aquino possui na prática do bem a necessidade de fundamentar o agir humano¹⁷³, porque o homem é membro de uma sociedade, devendo agir em conformidade com os preceitos pré-estabelecidos por ela, denominados *costumes*¹⁷⁴.¹⁷⁵

2.1. A Noção de Habitus

Antes de estudarmos as Virtudes, tema central deste capítulo, é necessário que estudemos o *habitus*¹⁷⁶. O *habitus* é uma noção filosófica herdada da filosofia grega, mais especificamente da filosofia aristotélica (*hexis*), refere-se para as filosofias de Aristóteles e de Tomás de Aquino (*habitus*), a um caráter moral que orienta os sentimentos e desejos em relação à conduta humana. Tomás de Aquino compreende-o como uma *disposição durável*, que possui relação direta com a potencialidade, estando inserido na potência sensível, pois possui relação com os sentidos, com a percepção acerca do bem e do mal, e especialmente, com a *memória*, pois se refere a disposições práticas que influenciam a tomada de decisões.¹⁷⁷ Assim, o *habitus* é uma capacidade, boa ou má, que permite a realização das ações humanas, tais capacidades quando boas, recebem o nome de *virtude*

¹⁷⁰ TOMÁS DE AQUINO. *The Cardinal Virtues: prudence, justice, fortitude, and temperance*. Introdução de REGAN, R. P. XIII

¹⁷¹ JOSAPHAT, C. *Paradigma Teológico de Tomás de Aquino: sabedoria e arte de questionar, verificar, debater e dialogar: chaves de leitura da Suma de Teologia*. Editora Paulus. 1ª edição. São Paulo – SP. 2012. P. 451

¹⁷² Idem. Ibidem. P.454

¹⁷³ Idem. Ibidem. P. 492

¹⁷⁴ Devemos compreender *costumes* podem ser compreendidos como leis ou regras, válidas para todos os membros de determinada Sociedade

¹⁷⁵ BIGONGIARI, D. *Introdução a The Political Ideas of St. Thomas Aquinas*. The Free Press. New York – USA. 1997. P. VIII

¹⁷⁶ O *habitus* é uma qualidade, uma disposição interna do homem, derivada da palavra latina *habere*, que significa ter, levar consigo. Em nossa dissertação, visando maior fidelidade ao texto original, iremos permanecer a escrever o termo latino *habitus*, pois a palavra “hábito” utilizada no português, traz muitas vezes uma conotação que contradiz o que pretendemos expor nesse trabalho. Devemos salientar que *habitus* está no nominativo singular, por isso o utilizaremos como singular.

¹⁷⁷ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.89, a.5

e quando más, o nome de *vícios*.¹⁷⁸ E ainda, o *habitus* que atua de acordo com a *razão* é considerado uma virtude moral.¹⁷⁹

Segundo Tomás, “o *habitus* são da mesma ordem que os atos pelos quais são adquiridos”¹⁸⁰, o *habitus* funciona como a *razão* pela qual o indivíduo deve direcionar sua ação, conseqüentemente pela frequência de seus atos gera o hábito, tornando as ações flexíveis e agradáveis. O *habitus* possui relação direta com a *memória*, que por serem disposições permanentes, influenciam os homens na realização de suas ações¹⁸¹, as quais são influenciadas muitas vezes por experiências passadas na vida dos indivíduos, que estão fixadas na mente,¹⁸² assim, podem ser compreendidos como um “complemento da natureza humana”¹⁸³, uma segunda natureza¹⁸⁴.

O primeiro princípio dos atos humanos é a *razão*, de onde derivam todos os demais princípios, dessa forma, para que o homem aja *bem* é necessário que a *razão* seja bem disposta através do *habitus*¹⁸⁵ da virtude intelectual e moral,¹⁸⁶ pois é um princípio inferior que rege a atitude moral.¹⁸⁷ A ampla inovação e contribuição proposta por Aquino no que se refere ao *habitus* é unir Ética e Antropologia, inserindo uma categoria ética na constituição evolutiva do ser humano, relacionando ato e potência, visando o aperfeiçoamento interno e

¹⁷⁸ NASCIMENTO, Carlos A. R. do. *Tomás de Aquino – Um mestre no ofício*. Editora Paulus. 1ª edição. São Paulo – SP. 2011. P. 84

¹⁷⁹ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.169, a.2

¹⁸⁰ Idem. II-II, q.89, a.5

¹⁸¹ GILSON, E. *Il Tomismo*. Introduzione alla filosofia di San Tommaso d’Aquino. Com un saggio introdutório di Costante Marabelli. Di fronte e attraverso Jaca Book. Biblioteca di Cultura Medievale. Edizione italiana condotta sulla sesta edizione francese. Titolo originale: introduction á la philosophia de Saint Thomas d’Aquin. Milano – IT. 2011. P. 427

¹⁸² Idem. Ibidem. P. 427

¹⁸³ Idem. Ibidem. P. 429-430. “O *habitus* constitui precisamente este complemento da natureza, estas determinações adicionais, que estabelecem os negócios definitivos entre o intelecto e os seus objetos ou as suas operações possíveis. Isto significa que um dado intelecto real resulta, de fato, inseparável da totalidade dos *habitus* dos quais é enriquecida ou que o degrada”. “*gli habitus costituiscono precisamente questi complementi di natura, queste determinazioni aggiuntive, che stabiliscono rapporti definiti tra l’intellecto reale risulta, difatto, inseparabile dalla totalità degli habitus dicui è arricchito o che lo degradano*”

¹⁸⁴ A natureza humana é formada principalmente por potências: sensitiva, intelectual e vegetativa, as quais possibilitam que o homem de fato exista, que conheça e sinta aquilo que o cerca, no entanto, o *habitus* é uma segunda natureza, porque através da memória, o homem, a partir de experiências passadas, poderá ter meios de viver corretamente no presente e solucionar novos desafios. O *habitus* é considerado uma segunda natureza porque advém de várias funções humanas, a exemplo da união das potências supracitadas.

¹⁸⁵ Tomás dedica ao estudo do *habitus* as questões 49 a 54 da I seção da II parte da Suma Teológica, embora possamos encontrar também acerca deles nos comentários à Ética e à Virtude por ele realizados em relação a obra aristotélica.

¹⁸⁶ GILSON, E. *Il Tomismo*. Introduzione alla filosofia di San Tommaso d’Aquino. Com un saggio introdutório di Costante Marabelli. Di fronte e attraverso Jaca Book. Biblioteca di Cultura Medievale. Edizione italiana condotta sulla sesta edizione francese. Titolo originale: introduction á la philosophia de Saint Thomas d’Aquin. Milano – IT. 2011.. P. 435

¹⁸⁷ Idem. Ibidem. P. 436

operacional do homem como disposição.¹⁸⁸ O *habitus* é uma potencialidade da natureza humana, responsável por possibilitar o homem a agir corretamente.

O *habitus* considerado como disposição, em conformidade com a *razão*, é um conceito chave para a compreensão do que vem a ser a ética formulada por Tomás de Aquino, pois sua finalidade é aperfeiçoar o ser e o agir,¹⁸⁹ uma vez que se refere aos entes e às operações, é capaz de qualificar e aprimorar as potências referentes às ações humanas.¹⁹⁰ Dessa forma, o *habitus* é responsável pela efetivação de seu aperfeiçoamento face à prática do bem moral.¹⁹¹ Portanto, para Tomás de Aquino, é primordial que o homem aja baseado em sua *razão*, pois se assim o fizer, ele estará agindo corretamente, e os resultados da ação serão louváveis, nesse sentido, a importância da ação reside muito mais no que levou o homem a agir do que nos resultados por ele alcançados.¹⁹² Assim, compreendê-lo como criatura de Deus é essencial para compreendermos o *habitus*, pois Deus está na origem desses *habitus* virtuosos, os quais são responsáveis por aperfeiçoarem a criatura humana,¹⁹³ incitando-a ao primeiro contato com as virtudes.

2.2. Sobre as Virtudes

O homem é racional, pode, como nenhum outro, ir da ação mais louvável à mais reprovável em instantes, quando fazendo calar as instâncias da *razão*, deixa assomar as potências negativas, penetrando num labirinto de sentimentos inferiores, encontrando no mal o principal inimigo de sua existência.¹⁹⁴ Nesse contexto, a Virtude possui sua imponência na tentativa de fazer com que o homem e suas ações sejam boas,¹⁹⁵ o que ocorre apenas quando em conformidade com a *razão*, segundo a qual o homem *deve* orientar seus atos e sua vontade. A Virtude é compreendida como o *habitus* oriundo da *razão* em conformidade com sua natureza,¹⁹⁶ conforme afirma Tomás de Aquino, “a virtude implica a disposição de alguma coisa que se encontra bem conforme à sua natureza. A

¹⁸⁸ JOSAPHAT, C. *Paradigma Teológico de Tomás de Aquino: sabedoria e arte de questionar, verificar, debater e dialogar: chaves de leitura da Suma de Teologia*. Editora Paulus. 1ª edição. São Paulo – SP. 2012. P. 443

¹⁸⁹ Idem. Ibidem. P. 446

¹⁹⁰ Idem. Ibidem. P. 447

¹⁹¹ Idem. Ibidem. P.448

¹⁹² TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.152, a.2

¹⁹³ TORREL, Jean-Pierre. *Santo Tomás de Aquino: Mestre Espiritual*. Tradução de J. Pereira. 2ª edição revista e acrescida de um Posfácio. Edições Loyola. São Paulo – SP. 2008. P.338

¹⁹⁴ Idem. II Male e la Libertà. P. 7

¹⁹⁵ REGAN, R. Aquinas: *The Cardinal Virtues – prudence, justice, fortitude, and temperance*. Translated and edited, with introduction and glossary, by Richard J. Regan. Hackett Publishing Company, Inc. Indianapolis/Cambridge. 2005. P. 35

¹⁹⁶ TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.73, a.2

Virtude é uma bondade, porque a bondade consiste para cada um em encontrar-se bem segundo o modo de sua natureza. E o fim da virtude são as boas ações”.¹⁹⁷

No pensamento de Tomás de Aquino comumente encontramos referência à vida futura¹⁹⁸. Ele concebe o homem como um ser real, orientado para obter a *beatitudo*, alcançada na vida futura, mediante o exercício das Virtudes, é, assim, guiado por uma finalidade eterna.¹⁹⁹ A Virtude é uma disposição capaz de aperfeiçoar o homem mediante o uso de sua *razão*.²⁰⁰ Para Aquino a Virtude é digna de louvor por si mesma, mas também pelo bem que proporciona, é responsável por tornar o homem bom, confiável, buscando atitudes superiores.²⁰¹ Afirma Aquino,

O homem no estado de inocência possuía, de uma maneira ou de outra, todas as virtudes. Ora, as virtudes não são mais que as perfeições pelas quais a razão se ordena a Deus e as potências inferiores se dispõem segundo a regra da razão. Por conseguinte, a retidão do estado primitivo exigia que o homem tivesse, de uma maneira ou de outra, todas as virtudes.²⁰²

E ainda para Aquino,

Entre as virtudes, algumas não implicam em sua razão imperfeição alguma, por exemplo, a caridade e a justiça. Tais virtudes existiam no estado de inocência, de modo total seja como hábito, seja como ato. Outras virtudes implicam em sua razão uma imperfeição, quer da parte do ato, quer da parte da matéria. Se esta imperfeição não é incompatível com a perfeição do estado primitivo, essas virtudes podiam existir nesse estado.²⁰³

Entende-se a Virtude como “aquilo que faz um homem bom e que torna boa a sua ação. O bem do homem consiste em se orientar pela razão. Cabe assim à Virtude fazer o homem bom e levar sua ação a ser segundo a Razão”²⁰⁴, disto deriva que toda virtude é

¹⁹⁷ TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.71, a.1

¹⁹⁸ Para Aquino, a o homem é um ser que veio de Deus e a Ele retornará, o homem deve buscar, incansavelmente, agir de forma virtuosa para que possa, alcançar a beatitude, possa encontrar Deus. O homem está ordenado a Deus como seu fim que ultrapassa a compreensão racional. Para Aquino, o homem, por ser composto de forma e matéria, possui limitações quanto a conhecer a natureza divina, assim, no final de sua vida terrena, ele poderá vir a conhecer a plenitude da substância espiritual que é Deus.

¹⁹⁹ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.152, a.3

²⁰⁰ GARRIGOU-LAGRANGE, R. *La vida eterna y la profundidad del alma*. Tradução de Ansenio Pagios Lopez. Libros de espiritualidad. Patmos. 2ª edición. Ediciones Rialps. Madrid – ES. 1951. P. 29 “*la virtud perfecciona al hombre, lo dirige hacia un fin recto y hace de el no sólo un buen pintor, buen escultor, un buen matemático, sino un hombre de bien. El vicio es un habito malo, que impulsa a obrar en sentido contrario a la recta razón; deforma por completo al hombre em la conducta y em la vida, porque toca la voluntad y la inclina hacia un fin malo*”.

²⁰¹ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.145, a.1

²⁰² Idem. II-II, q.95, a.3

²⁰³ Idem. II-II, q.95, a.3

²⁰⁴ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.123, a.1

racional. Também pode ser compreendida como “é um *habitus* que faz alguém agir bem”²⁰⁵, ou seja, é uma potência. A Virtude está voltada para o que supera a condição e natureza humana, porque visa sempre o ponto mais alto, isto é, visa o que possui uma maior importância e que trará maiores resultados,²⁰⁶ a exemplo do bem do Estado e da Sociedade^{207, 208} pois para Aquino, “as obras das virtudes são deleitáveis, principalmente em razão do fim”²⁰⁹. As Virtudes comumente conservam o Bem, ajustando as paixões na tentativa de não afastar o homem do que é predeterminado por sua *razão*. Assim, as Virtudes²¹⁰ sempre fazem referência a conservação e preservação da vida do homem.²¹¹

A Virtude²¹² é considerada como *meio-termo*, responsável por conduzir o homem a uma boa ação, ela é posta em prática *por escolha*.²¹³ Para Aquino, “as virtudes que recebem o nome de uma qualidade comum a toda virtude reclamam para si, de modo específico, aquela matéria na qual é mais difícil e mais perfeito preencher essa qualidade”²¹⁴. Assim, “a virtude humana consiste, essencialmente, em ser regulada pela razão”²¹⁵. Dessa forma, as Virtudes podem ter seu alcance impedido de duas maneiras: pelo pecado ou por um bem menor, estão mais próximas da redução que do exagero.²¹⁶ As ações são proporcionais às suas capacidades.²¹⁷ Para Aquino, “a virtude administra as pequenas coisas segundo a regra da razão”²¹⁸, e ainda,

²⁰⁵ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.123, a.2

²⁰⁶ Idem. II-II, q.123, a.4

²⁰⁷ Em diversas passagens do pensamento tomista, notamos que seu pensamento confunde-se com o pensamento aristotélico, devido a grande importância que o pensador grego lhe trouxe, assim, ao longo de seus escritos, sobretudo em seus escritos éticos e políticos, notamos que o homem é frequentemente citado como um ser social, que possui a obrigação moral de colocar o bem da sociedade acima dos seus próprios, e assim, sempre a Sociedade, o Estado terão maior peso nas decisões dos homens. E assim, a virtude será considerada melhor quanto mais pessoas ela beneficiar, isto é, quanto mais ela contribuir para o bem da multidão (TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.141, a.8)

²⁰⁸ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.124, a.5

²⁰⁹ Idem. II-II, q.123, a.8

²¹⁰ O Estudo das Virtudes proposto por Tomás de Aquino é um tratado possuidor de uma complexidade considerável, porque ao que se refere as virtudes, não podemos ser taxativos acerca das ações, julgando-as simplesmente como virtuosas ou viciosas, mas devemos realizar uma análise profunda, porque o homem não é um ser completo, mas que está em constante desenvolvimento, assim, é necessário uma análise aprofundada da natureza de seus atos. Para Tomás de Aquino apenas se pode considerar uma Virtude aquilo que se o que é alcançado mediante o constante treino e exercício, e assim, demora um certo tempo.

²¹¹ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.124, a.1

²¹² É interessante notarmos que a Virtude conduz o homem à perfeição, embora nem todo “bem” praticado seja suficiente para construí-la, bem como nem tudo o que é oposto a virtude é necessariamente um vício, mas todo defeito cria um vício (TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.144, a.1). Dessa forma, as virtudes impedirem que o espírito humano se una ao prazer ilícito (TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.151, a.2)

²¹³ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.144, a.1

²¹⁴ Idem. II-II, q.149, a.1

²¹⁵ Idem. II-II, q.151, a.1

²¹⁶ Idem. II-II, q.157, a.2

²¹⁷ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.130, a.1

²¹⁸ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.135, a.1

As virtudes, segundo sua razão, se ordenam para o bem pois, ‘a virtude é aquilo que torna bom quem a possui e torna boa a sua obra’. Assim, a virtude será tanto maior e mais poderosa quanto mais ela ordenar para o bem e de modo mais forte e mais direto. É o caso daquelas virtudes constitutivas do bem, porque elas ordenam o homem para o bem de maneira muito mais direta do que as virtudes que são impeditivas de tudo o que afasta do bem. E entre estas virtudes constitutivas do bem, uma pode ser mais poderosa que outra, enquanto estabelece o homem em um bem maior, como por exemplo a fé, a esperança e a caridade, por comparação com a justiça e a prudência.²¹⁹

Portanto, as Virtudes são responsáveis por fazerem os atos humanos moralmente corretos, através da obediência de suas ações aos preceitos da reta *razão*.²²⁰ E assim, a obra da Virtude pode comportar bondade ou dificuldade,²²¹ porque o homem é racional, mas também composto por uma natureza animal, a qual lhe deu o *instinto*, o que muitas vezes o impede de guiar-se preponderantemente por sua *razão*.²²² As virtudes são a justamedida das ações humanas, pois o homem pode pecar por excesso e também por falta, conforme o quadro abaixo.

Vício (Deficiência)	VIRTUDE	Vício (Excesso)
Covardia	CORAGEM	Temeridade
Insensibilidade	TEMPERANÇA	Libertinagem
Avareza	LIBERALIDADE	Esbanjamento
Vileza	MAGNIFICÊNCIA	Vulgaridade
Modéstia	RESPEITO PRÓPRIO	Vaidade
Moleza	PRUDÊNCIA	Ambição
Indiferença	GENTILEZA	Irascibilidade
Descrédito próprio	VERACIDADE	Orgulho
Rusticidade	AGUDEZA DE ESPÍRITO	Zombaria
Enfado	AMIZADE	Condescendência
Desavergonhado	MODÉSTIA	Timidez
Malevolência	JUSTA INDIGNAÇÃO	Inveja

Quadro 2. Virtudes por excesso e por falta (Fonte: <http://www.ifch.unicamp.br/cpa/boletim/boletim05/08silva.pdf>)

2.3. As Virtudes Intelectuais

Tomás de Aquino classifica as *virtudes intelectuais* denominando-as: *inteligência, ciência, sapiência e prudência*.²²³ Essas virtudes pertencem a uma esfera superior, são o suporte em que se baseia a Ética de Aquino, uma Ciência voltada para as ações humanas

²¹⁹ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.136, a.2

²²⁰ ELDERS, L. *The Ethics of st. Thomas Aquinas: Happiness, natural Law and The Virtues*. Peter Lang. 2000. P. 271

²²¹ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.136, a.1

²²² OLIVEIRA, C. *Introdução as virtudes sociais. Suma Teológica*. Volume 6. Edições Loyola. São Paulo – SP. 2005. P. 527

²²³ GILSON, E. *Il Tomismo*. Introduzione alla filosofia di San Tommaso d’Aquino. Com un saggio introdutório di Costante Marabelli. Di fronte e attraverso Jaca Book. Biblioteca di Cultura Medievale. Edizione italiana condotta sulla sesta edizione francese. Titolo originale: introduction à la philosophia de Saint Thomas d’Aquino. Milano – IT. 2011. P. 436

ordenadas a determinado fim e que excluem processos orgânicos. A ética de Aquino baseia-se nessas quatro (04) virtudes intelectuais, no sentido de não determinarem simplesmente o que deve ser feito em linhas gerais, mas são responsáveis por aperfeiçoarem o intelecto especulativo e o prático para o bem agir do homem e para que haja uma boa ação,²²⁴ proporcionam ao homem uma caminhada virtuosa para determinado Fim. Portanto, é graças as Virtudes Intelectuais que a mente humana pode procurar a perfeição, não se deixando guiar puramente pelo *instinto* ou pelos *desejos*.²²⁵ Tais virtudes possuem como principal objeto o saber e a contemplação, são virtudes cuja aquisição requer experiência e tempo para seu desenvolvimento. A *ciência* é uma aptidão, uma possessão; o *intelecto* refere-se às conclusões dedutíveis dos princípios; a *sapiência* é responsável por realizar julgamentos advindos do intelecto e da ciência; e a *prudência*, refere-se ao domínio prático.

As Virtudes Intelectuais não se referem diretamente às ações, não determinam o que deve ser feito de modo geral, pois a *inteligência* (habilita o intelecto, a consciência das verdades imediatamente evidente ou princípios), a *sapiência* e a *ciência*, são intelectuais e subordinadas à *prudência*.²²⁶ As virtudes se definem pela relação com o bem, ou porque se refere à faculdade de agir bem ou pela faculdade que faz bom uso da *razão*, aperfeiçoam a parte intelectual, acionam a faculdade da boa ação fortalecendo o indivíduo na prática de todas as virtudes.²²⁷

Para Aquino, “as virtudes intelectuais dizem respeito ao que faz o homem feliz, seja porque os atos dessas virtudes podem ser meritórios; seja porque constituem o começo da beatidão perfeita, que consiste na contemplação da verdade”²²⁸. A virtude intelectual especulativa aperfeiçoa o intelecto especulativo em relação à verdade. O *habitus* da virtude é determinado para o bem e jamais para o mal, isso se torna evidente principalmente nas virtudes intelectuais, uma vez que o bem do intelecto refere-se à verdade e o seu mal, refere-se à falsidade.²²⁹ A *prudência* é uma das principais virtudes intelectuais,

A prudência está para os atos humanos, que são o exercício das potências e dos hábitos, como a arte, para as coisas exteriores, porque uma e outra são a razão perfeita em relação com as coisas às quais se aplicam. (...). A prudência, que é a reta razão do agir, exige que se esteja bem disposto em relação aos fins, o que supõe um apetite reto. Por isso também a prudência exige a virtude moral, que torna reto esse apetite²³⁰.

²²⁴ TOMÁS DE AQUINO. *Sententia Ethicorum*. Liber 2. Lectio1

²²⁵ Idem. Ibidem. P. 271

²²⁶ Idem. Ibidem. P.436

²²⁷ TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.57, a.1

²²⁸ Idem. I-II, q.57, a.1

²²⁹ Idem. I-II, q.57, a.2

²³⁰ TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.57, a.4

A Prudência a quarta virtude intelectual, é fundamental, especialmente porque é “boa conselheira em tudo o que concerne à conduta humana e ao fim último da vida”²³¹. Dessa forma, as virtudes intelectuais, por relacionarem-se diretamente ao *intelecto* e à *razão*, são predisposições imprescindíveis à conservação da vida humana, pois quando bem dispostas, e como senhoras da vida humana, ditam as regras que devem ser seguidas, a fim de que a vida humana seja conservada, uma vez que, quando o homem obedece aos ditames da *razão*, usufruindo essas virtudes infusas por Deus, possui meios de viver uma vida feliz, e principalmente, voltada para a conservação de sua espécie, desse modo, o homem estará agindo mediante escolhas corretas, e não a partir de *impulsos* ou *paixões*. É destinado a alcançar o Fim Último de sua vida, dispõe de virtudes, que aperfeiçoam a parte apetitiva da alma, visando o Bem e o Fim segundo o *habitus* da *razão*, pois cabe a esta aconselhar e escolher os melhores meios necessários à sua vida. As virtudes intelectuais, são essenciais ao homem para que ele viva bem e não apenas para que ele seja bom.²³² Portanto, são virtudes imprescindíveis à vida individual e coletiva, porque aconselham, julgam e mandam; aconselhar e julgar correspondem ao *intelecto especulativo*, e o mandar é próprio do *intelecto prático*,²³³ são virtudes independentes das virtudes morais, com exceção da Prudência.

2.4. Virtudes Morais

O homem é racional e possuidor de uma vida ativa – propriamente humana, é confrontado comumente por suas ações, deveres e escolhas, diante da necessidade constante de exercitar sua *razão*, sobretudo, através do exercício das Virtudes Morais.²³⁴ O homem possui a *beatitudo* como Fim Último de sua vida, apoiado nas Virtudes Morais apenas como disposição, pois pertencem primeiramente à Felicidade ativa, isto é, as virtudes permitem que o homem desenvolva uma vida feliz no mundo presente, pois ao ser justo, forte e temperante, nenhuma punição lhe sobrevirá por desobedecer as regras legalmente impostas, pois ao agir de acordo com sua natureza e com as regras sociais, ele estará apto a alcançar a *beatitudo*. As Virtudes Morais são responsáveis por refrearem as paixões e acalmarem o tumulto das ocupações exteriores.²³⁵

²³¹ TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.57, a.4

²³² Idem. I-II, q.57, a.5

²³³ Idem. I-II, q.57, a.6

²³⁴ Idem. Q.d. *De Virtutibus*. q.5, a.1 “*vita ergo proprie humana est vita activa, quae consistit in exercitio vitutum moralium*”

²³⁵ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.180, a.2

As Virtudes Morais norteiam os meios úteis para o alcance de determinado Fim desejado pelo homem, Fim este relacionado ao Sumo Bem,²³⁶ são responsáveis por cultivar o bem da *razão* em relação as paixões contrapostas a ela, as quais impedem sua prioridade.²³⁷ Para Aquino, o bem do homem consiste em viver segundo a *razão*, e nisto reside o valor e a importância das Virtudes Morais, as quais são responsáveis por garantirem o bom uso da *razão* contra a veemência das paixões, as quais são desviadas dos homens através de uma virtude especial,²³⁸ porque a *razão* deve sempre ter prioridade no tocante à vida humana, pois sua função principal é de “orientar as coisas a um fim e nessa ordem está, essencialmente, o bem racional, pois o bem possui a natureza de fim, e este é em si mesmo a regra das coisas que se ordenam a ele”²³⁹. Para Aquino, “é próprio de toda virtude moral preservar o bem da razão contra as coisas que podem impedi-lo. Por isso, onde houver algum impedimento especial à razão, aí, necessariamente, deve haver uma virtude especial para eliminá-lo”²⁴⁰.

A Virtude Moral pertence à vida ativa, porque é responsável por refrear as paixões e apaziguar a agitação de eventos exteriores ao homem, que possam conduzi-lo a afastar-se da prioridade de sua *razão*, por isso dentre elas encontra-se a Temperança – responsável por reprimir a concupiscência que impede o bom uso da *razão*.²⁴¹ Dessa forma, a Virtude Moral possui como principal objeto as paixões e as ações humanas, pois são “as virtudes que moderam as paixões colaboram em relação ao mesmo efeito, com as virtudes que moderam as ações”²⁴².

A essência da Virtude Moral está na obediência do apetite sensitivo à *razão*, devendo ordenar de forma racional todas as coisas que constituem a humanidade do homem. Assim, as Virtudes Morais, para Aquino, “são ordenadas para o bem enquanto conservam o bem da razão contra o assalto das paixões”²⁴³. São consideradas perfeitas, não porque “suprime totalmente as paixões, ela as ordena. ‘É próprio da moderação, com efeito, desejar que se deve e como se deve’”.²⁴⁴ São consideradas virtudes humanas na medida em que estão em conformidade com a *razão*²⁴⁵, ou seja, o ato moral sempre é

²³⁶ JOSAPHAT, C. *Paradigma Teológico de Tomás de Aquino: sabedoria e arte de questionar, verificar, debater e dialogar: chaves de leitura da Suma de Teologia*. 1ª edição. Editora Paulus. São Paulo – SP. 2012. P. 452

²³⁷ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.141, a.3

²³⁸ Idem. II-II, q.146, a.2

²³⁹ Idem. II-II, q.141, a.6

²⁴⁰ Idem. II-II, q.149, a.2

²⁴¹ Idem. II-II, q.180, a.2

²⁴² Idem. II-II, q.157, a.1

²⁴³ Idem. II-II, q.136, a.1

²⁴⁴ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.95, a.2

²⁴⁵ GILSON, E. *Il Tomismo*. Introduzione alla filosofia di San Tommaso d’Aquino. Com un saggio introdutório di Costante Marabelli. Di fronte e attraverso Jaca Book. Biblioteca di Cultura Medievale. Edizione italiana condotta sulla sesta edizione francese. Titolo originale: introduction á la philosophia de Saint Thomas d’Aquin. Milano – IT. 2011. P. 435

inspirado na *boa intenção*, porque é nele onde se encontra o mérito da ação moralmente boa.²⁴⁶ Portanto, as Virtudes Morais são responsáveis por conduzirem os apetites à perfeição a partir do que é prescrito racionalmente.²⁴⁷

2.5. Virtudes Cardeais

As Virtudes Cardeais²⁴⁸ são as principais virtudes, são possuidoras “de modo eminente, [de] alguma das características comumente atribuídas à razão de virtude”²⁴⁹. As Virtudes visam conservar o bem da *razão*, possuem para Aquino três partes: integrantes, subjetivas e potenciais.²⁵⁰ As Virtudes Cardeais regulam a conduta humana na medida em que são participantes da vida racional, são compostas pelas Virtudes Intelectuais e Morais, isto é, pela *Prudência, Justiça, Temperança e Fortaleza*. Através dessas virtudes, que são responsáveis por moderarem os impulsos que estão ordenados à procura do bem, e assim, compete a ela dar consistência à *razão* na escolha das decisões a serem tomadas.²⁵¹ Segundo Aquino,

Porém dessas quatro virtudes, verdadeiramente a prudência está na razão; a justiça, porém está na vontade; a fortaleza, porém no irascível, a temperança, entretanto no concupiscível; as quais são potências podem ser o princípio dos atos humanos, isto é, voluntários.²⁵²

A Fortaleza firma a alma, e a Temperança, refreia ou reprime as paixões²⁵³. Dessa forma, para Aquino, “propriamente se dizem virtudes cardeais aquelas que, de certo modo, dirigem e fundamentam a vida moral, assim como aquelas que são princípios evidentes à vida; por causa dos quais, deste modo são ditas virtudes principais”²⁵⁴, portanto, as Virtudes

²⁴⁶ GILSON, E. *Il Tomismo*. Introduzione alla filosofia di San Tommaso d'Aquino. Com un saggio introdutório di Costante Marabelli. Di fronte e attraverso Jaca Book. Biblioteca di Cultura Medievale. Edizione italiana condotta sulla sesta edizione francese. Titolo originale: introduction á la philosophia de Saint Thomas d'Aquin. Milano – IT. 2011. P. 435

²⁴⁷ TOMÁS DE AQUINO. *Sententia Ethicorum*. Liber1. Lectio 12

²⁴⁸ Tomás de Aquino desenvolve um perfeito sistema, principalmente na correlação das virtudes, para ele, as virtudes cardeais estão interligadas, seguindo uma ordem de classificação: prudência, justiça, fortaleza e temperança, ao passo que as outras virtudes vêm depois dessas. (TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.123, a.12)

²⁴⁹ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.141, a.7

²⁵⁰ Idem. II-II, q.143, a.1

²⁵¹ Idem. II-II, q.141, a.3

²⁵² TOMÁS DE AQUINO. Q. D. *De Virtutibus*. A.1. q. 5. Tradução da autora: “*harum autem quatuor virtutum prudentia quidem est in ratione, iustitia autem est in voluntate, fortitudo autem in irascibili, temperantia autem in concupiscibili; quae solae potentiae possunt esse principia actus humani, id est voluntarii*”

²⁵³ TOMÁS DE AQUINO. *Sententia Ethicorum*. Liber 2. Lectio 8.

²⁵⁴ TOMÁS DE AQUINO. *De Virtutibus*. A.1. q.5. tradução da autora: “*et ideo proprie virtutes cardinales dicuntur in quibus quodam modo vertitur et fundatur vita moralis, sicut in quibusdam principis talis vitae; propter quod et huius modi virtutes principales dicuntur*”.

Cardeais alicerçam, a vida humana, isto é, orientam o homem a uma vida virtuosa, não regrada pelo instinto natural ou nas ações impulsivas, mas nas ações estritamente corretas, justas e honestas.

Portanto para Tomás de Aquino as Virtudes seguem uma ordem, dentre as quais a Prudência é a principal das Virtudes Cardeais, mas por questões metodológicas, reservamos um capítulo exclusivo para ela, estudaremos as demais Virtudes Cardeais – Justiça, Temperança e Fortaleza, imprescindíveis à vida social e coletiva. São chamadas Virtudes Cardeais que “reivindicam de modo todo especial para elas o que pertence em geral às virtudes. Entre muitas outras condições comuns à virtude, há uma que consiste em ‘agir com firmeza’.”²⁵⁵

2.5.1. Justiça

A Justiça²⁵⁶, dentre as várias virtudes propostas por Tomás de Aquino, é uma das Virtudes Morais, que não é uma simplória convenção racional sobre o modo correto da *ação humana*, mas critério comportamental transformado em disposição estável da afetividade e da vontade do próprio indivíduo. A Justiça é uma virtude responsável por orientar e retificar as ações humanas, daí ser uma virtude essencial, sobretudo, à vida coletiva, pois devolve a cada um aquilo que lhe é de fato devido,²⁵⁷ situando e governando as ações humanas a serem realizadas ou evitadas em face a vida social, uma vez que é ela a responsável por possibilitar a relação entre os homens.²⁵⁸

²⁵⁵ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.123, a.11

²⁵⁶ Comumente ouvimos e nos deparamos com equívocos nos conceitos originais das paixões, o homem nas suas limitações, é dominado pelos sentidos, pela concupiscência e pela paixão, mas devemos ser bastante criteriosos no tocante a essas considerações, pois todas elas consistem de uma via de mão dupla, porque nem sempre significam sentimentos maus, mas, são conceitos referentes à natureza humana, é o que podemos notar no que se refere à ira. A qual é uma paixão da faculdade irascível, a partir da qual todas as outras (temor, audácia e desespero) se originam. A ira representa uma das características dos seres racionais, pois através dela o homem pode corrigir erros, reparar injustiças, e principalmente pode impulsioná-lo a alcançar um objetivo maior, por isso ser merecedora de destaque no tocante ao “Tratado das Paixões”. Conforme Aquino, “A ira foi dada aos seres dotados de vida animal para que removam os obstáculos que inibem o apetite concupiscível de tender aos seus objetivos, seja por causa da dificuldade de alcançar um bem, seja pela dificuldade de superar um mal” (TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.23, a.1 apud <http://www.hottopos.com/notand10/jean.htm> acessado em 29/04/2013 às 15:59). A ira também está relacionada à Fortaleza, a exemplo da “guerra justa” a qual assim o é considerada tanto para os soldados que lutam no exército e também quando alguém faz um julgamento justo mesmo mediante a possibilidade de perigos para sua vida. A Fortaleza é uma virtude principal porque “o homem forte se comporta bem diante dos perigos mortais de qualquer espécie” (TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.123, a.5). Portanto, os mártires suportaram ataques pessoais tendo em vista o bem supremo – Deus.

²⁵⁷ OLIVEIRA, C. Introdução a *Suma Teológica*. Volume 6. Edições Loyola. São Paulo – SP. 2005. P. 43

²⁵⁸ OLIVEIRA, C. Introdução a *Suma Teológica*. Volume 6. Edições Loyola. São Paulo – SP. 2005. P. 44

A Justiça pode ser considerada a principal Virtude Moral, porque direciona o homem ao alcance do *bem comum*.²⁵⁹ Esta virtude possui como objetivo o que é correto, pois se trata de uma virtude perfeita e essencialmente humana, porque existe somente em relação aos próprios indivíduos. Temos observado que o homem é constitutivamente social, que está em contato com outros homens que assim como ele também agem em face de tudo aquilo que os cercam, é necessário que haja algo maior e principalmente, inerente a determinado contexto histórico, a fim de possibilitar a convivência entre os homens de uma mesma Sociedade. Dessa forma, a Justiça retribui a cada um aquilo que a natureza de seus atos lhe deve, estando frequentemente relacionada com a *igualdade*.²⁶⁰

Nesse sentido, a Justiça é uma Virtude Cardeal, mas também e antes de tudo, é uma Virtude Social, porque se refere às ações humanas.²⁶¹ É a Virtude que está mais próxima ao Direito, principalmente no tocante às *leis*²⁶², que guiam o sujeito à ação prática, correta e justa. Deve ser considerada uma sociedade justa aquela marcada pelo cumprimento das *leis* e *deveres* por parte de seus governantes e cidadãos, uma vez que há comprometimento, de ambas as partes no tocante a efetivação do *bem comum*.²⁶³ Tomás de Aquino afirma que o homem é racional, por isso, é social, possui uma *obrigação moral* de agir de forma virtuosa e justa, conforme afirma,

Preceito implica ideia de obrigação. Ora, algo pode ser obrigatório de dois modos: ou enquanto incumbe a cada indivíduo e então não pode ser omitido sem pecado; ou enquanto incumbe à sociedade como um todo e, nesse caso, a obrigação não se impõe a cada um dos seus membros em particular, pois há muitas coisas que são necessárias à coletividade e que um só não basta para cumprir, e a coletividade as realiza; enquanto um membro faz uma coisa e outro faz outra²⁶⁴.

Para Tomás, o bem comum é preferível ao bem particular²⁶⁵, por isso cabe à Justiça coibir o homem de tudo aquilo que traga prejuízo a toda a sociedade ou a algum grupo nela inserido, pois o desejo desordenado de determinado indivíduo pode trazer prejuízos a toda Sociedade. Para Aquino é impossível, sem a Justiça, a existência de uma sociedade voltada

²⁵⁹ REGAN. R. *Aquinas: The Cardinal Virtues: prudence, justice, fortitude, and temperance*. Translated and edited, with introduction and glossary, by Richard J. Regan. Hackett Publishing Company, Inc. Indianapolis/Cambridge. 2005. P.XVII, XVIII

²⁶⁰ Idem. Ibidem. P. 30

²⁶¹ Idem. Ibidem. P. 50

²⁶² As *leis* devem ser compreendidas como “preceitos comuns que são estabelecidos para o bem da comunidade” (TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.147, a.4) assim, cabe a justiça a retribuição a cada um aquilo que lhe é devido. Daí é essencial que o legislador decrete leis que sejam justas para serem cumpridas por todos os homens de uma mesma comunidade.

²⁶³ JOSAPHAT, C. *Paradigma Teológico de Tomás de Aquino: sabedoria e arte de questionar, verificar, debater e dialogar: chaves de leitura da Suma de Teologia*. 1ª edição. Editora Paulus. São Paulo – SP. 2012. P. 497

²⁶⁴ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.152, a.2

²⁶⁵ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.152, a.4

para a busca do *bem comum*, pois esta é essencial à coletividade, apenas por meio desta virtude, será possível agir de modo justo com todos os indivíduos da sociedade, vejamos agora a Temperança.

2.5.2. Temperança

A Temperança²⁶⁶ é uma Virtude Moral, mas também uma Virtude Cardeal, do próprio indivíduo, responsável por moderar as concupiscências e os prazeres, por isso não pode ser considerada a maior Virtude Cardeal, pois, está abaixo da Prudência.²⁶⁷ A Temperança é a moderação pela qual nos tornamos senhores de nossos prazeres, ao invés de escravos, principalmente no tocante aos nossos instintos, por isso ela não é considerada por Tomás de Aquino uma Virtude Cardeal tão elevada quanto as demais que são responsáveis pelas ações dos homens. A Temperança possui por objeto regular e refrear os desejos necessários ao homem, os quais são difíceis de serem dominados e por isso, ela deve fazer parte do ser humano com o máximo de energia para refreá-lo.

A Temperança tende ultrapassar e controlar os desejos do homem, na tentativa de equilibrá-los. Assim, no estudo das Virtudes, a Temperança refere-se às renúncias que devem ser feitas pelos homens pertinentes aos prazeres. Todavia é necessário salientarmos que Tomás não considera *prazer* e *deleite* inimigos do homem, nem que devem ser evitados, mas reconhece-os, por vezes, como obstáculos a uma vida virtuosa,²⁶⁸ porque para ele, a Virtude é sempre compreendida como *meio-termo*, pois está entre excesso e falta, dessa forma, é natural e até mesmo louvável que o homem sinta prazer por ter realizado uma boa ação, mas é prejudicial quando esse prazer transforma-se em *soberba* ou *arrogância*.²⁶⁹ Portanto, para Tomás é extremamente prejudicial para o ser dominado pelo *prazer*, pois perde a noção da realidade, passando a ser considerado *intemperante*, e assim, escravo de seu corpo, bem como de seus hábitos²⁷⁰, de seus desejos. A Temperança é uma virtude que deve ser continuamente exercitada, principalmente porque é indispensável à vida humana, pois possibilita um relacionamento agradável aos indivíduos de uma sociedade.

²⁶⁶ Tomás dedicou ao seu estudo vinte e nove questões da II seção da II parte da Suma Teológica, presentes nas questões 141 a 170.

²⁶⁷ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.141, a.8

²⁶⁸ RAULIN, A. Introdução da *Suma Teológica*. Volume 7. Edições Loyola. São Paulo – SP. 2005. P.185

²⁶⁹ Idem. Ibidem. P.185

²⁷⁰ Nesse sentido específico devemos empregar a palavra hábito como compreendida no português, porque aqui não se trata mais de uma disposição, mas de um costume, um ato quase mecânico, atitude adquirida pela repetição frequente.

Dessa forma, a Temperança modera todas as ações e as emoções humanas,²⁷¹ e por isso trata-se de uma Virtude importante para o próprio indivíduo. Sua majestade reside em que através dela, o homem permanece senhor de sua vida e de seus prazeres, e conseqüentemente, de sua liberdade, ela está entre a *apatia* e o *total desregramento*, porque seu oposto, a *intemperança*²⁷² é prejudicial à vida do indivíduo, vai contra a excelência humana que é a *moderação*, pois o homem é um ser detentor de *razão*, mas torna-se o mais reprovável dos seres vivos quando se priva, deliberadamente, do uso desta.²⁷³

O homem é o único ser vivo que tende a um Fim por ele conhecido, muitas vezes compreendido como o Bem, no entanto, para a Ética de Tomás de Aquino, para que o homem alcance o Bem desejado, é essencial que ele possua autodomínio, e assim a Temperança possui a função de apresentar os *limites racionais* aos apetites sensíveis, por isso está relacionada à esfera privada, pois tenta regular a própria natureza humana.²⁷⁴ Concluimos que a Temperança de fato é uma virtude, conforme Tomás afirma,

É próprio da virtude inclinar o homem ao bem. Ora, o bem do homem consiste em 'viver conforme a razão', como diz Dionísio. Portanto, virtude humana é a que inclina ao que está de acordo com a razão. Ora, a Temperança, manifestamente, inclina a isso, pois o seu próprio nome indica certa moderação ou comedimento introduzido pela razão. Logo, a Temperança é uma virtude.²⁷⁵

O homem é um ser constantemente impulsionado pelos apetites, os quais estão presentes em todas as instâncias da vida humana, ordenando naturalmente tudo ao que a ele se refere, e em especial, também o prazer por ele sentido. Assim, a Temperança é uma virtude que age diretamente no próprio indivíduo, não contrariando a natureza humana, isto é, não contraria as tendências naturalmente humanas, mas contraria o que impede sua *razão* de se manter como senhora e guia da vida humana.²⁷⁶ Tomás de Aquino apresenta duas acepções acerca da Temperança, comumente ela é considerada *moderação* ou *equilíbrio* no tocante às ações e às paixões humanas. A Temperança e a Fortaleza

²⁷¹ REGAN. R. *Aquinas: The Cardinal Virtues: prudence, justice, fortitude, and temperance*. Translated and edited, with introduction and glossary, by Richard J. Regan. Hackett Publishing Company, Inc. Indianápolis/Cambridge. 2005. P. 119

²⁷² Intemperante para Tomás de Aquino é o indivíduo prisioneiro de seus desejos, vontades e emoções, que não consegue abster-se daquilo que lhe traz prazer desordenado, assim, a intemperança corrompe totalmente a Prudência (TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.153, a.5)

²⁷³ REGAN. R. *Aquinas: The Cardinal Virtues: prudence, justice, fortitude, and temperance*. Translated and edited, with introduction and glossary, by Richard J. Regan. Hackett Publishing Company, Inc. Indianápolis/Cambridge. 2005. P. 126

²⁷⁴ ELDERS, L. *The Ethics of St. Thomas Aquinas: Happiness, Natural Law and the Virtues*. Peter Lang. 2000. P. 280

²⁷⁵ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.141, a.1

²⁷⁶ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.141, a.1

consistem em duas Virtudes Morais e Cardeais, responsáveis por fazerem com que o homem resista a intensidade e a violência de sua natureza animal, porém ambas diferem no sentido que a Temperança afasta o homem das paixões referentes aos *bens sensíveis* – prazer e desejo²⁷⁷, os quais referem-se ao apetite concupiscível, uma vez que, “a concupiscência implica certo impulso do apetite para o bem deleitável, impulso que deve ser refreado”²⁷⁸. Assim, há uma tênue linha entre Temperança e Fortaleza,²⁷⁹ pois a primeira versa sobre os desejos, ao passo que a Fortaleza versa sobre o domínio da *razão* sobre os impulsos naturais.²⁸⁰

A Temperança ocupa-se dos desejos dos prazeres máximos, referentes à conservação da natureza do indivíduo e da espécie – comida, bebida e reprodução²⁸¹, que são considerados prazeres mais intensos.²⁸² Esta Virtude assume as necessidades da vida do homem como *norma* para avaliar aquilo que lhe é prazeroso, na tentativa de utilizá-las de acordo com a necessidade que se apresenta. A Temperança possui a função de governar bem os prazeres e os desejos humanos porque “todas as coisas prazerosas de que o homem se serve estão dirigidas a alguma necessidade desta vida”²⁸³. Assim, a moderação é louvável e necessária a qualquer virtude, especialmente à Temperança, pois age nos prazeres, sobretudo nos prazeres do tato, porque Tomás considera-os como “prazeres mais naturais ao homem”²⁸⁴, são os mais difíceis de serem evitados, assim, por causa dessa dificuldade de resistir aos prazeres, os prazeres do tato, gerados também pela *concupiscência* são prazeres mais violentos e por isso dificilmente evitados, porque são de uma causa natural, por isso são mais frequentes e duradouros, a Temperança é considerada como uma virtude “moderadora” das sensações e impulsos humanos.²⁸⁵

Para Aquino²⁸⁶, a sensação de prazer no homem é algo essencial e totalmente natural, porque é algo que lhe foi dado como componente de sua própria natureza. Dessa forma, por consistir numa ordem natural, não é considerado vício ou pecado que o homem

²⁷⁷ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.141, a.3

²⁷⁸ Idem. II-II, q.141, a.3

²⁷⁹ Idem. II-II, q.141, a.3

²⁸⁰ Idem. II-II, q.141, a.2

²⁸¹ Idem. II-II, q.141, a.4

²⁸² Idem. II-II, q.141, a.5

²⁸³ Idem. II-II, q.141, a.6

²⁸⁴ Idem. II-II, q.141, a.7

²⁸⁵ Idem. II-II, q.141, a.7

²⁸⁶ Tomás de Aquino é um autor ímpar porque posiciona o homem como caminhando numa tênue linha, onde se ele perder seu equilíbrio e guiar-se para determinado lado, seja excesso ou falta, ele estará agindo de modo vicioso. Tomás de Aquino lança sobre o homem uma grande responsabilidade, onde um simples deslize ou uma omissão acarretaria em distanciá-lo da virtude. O homem é um ser racional e por isso, por sua Razão, ele deve sempre ser guiado corretamente, nem dirigido pelo excesso e nem pela falta, mas deve estar constantemente equilibrado. Portanto, a *moderação* assume uma palavra de ordem para a vida humana e social, pois consiste no bom uso da Razão, o homem pode agir simplesmente por seus instintos e assim suas ações assumiriam um caráter prejudicial e reprovável para a Sociedade e para ele mesmo.

procure algo que lhe proporcione prazer, seria vício contrariar a aquisição deste, porque isto acarretaria na *insensibilidade*. Entretanto, o homem não é um animal irracional que deve levar a necessidade²⁸⁷ do prazer e a realização deste às últimas consequências, daí a supremacia que a Temperança deve exercer, porque às vezes é necessário que o homem se abstenha dos prazeres²⁸⁸. Para Tomás, não há vantagem alguma no homem distanciar-se daquilo que lhe traga prazer, mas realizar tal atitude seria um vício, ou seja, o homem deve estar atento à tênue linha que separa suas ações virtuosas das ações viciosas, deve, constantemente, refletir sobre seus atos para que aja de modo correto, moderado.

A Temperança é uma virtude nobre, responsável pela *moderação*.²⁸⁹ Ao longo de sua exposição acerca da Temperança, Tomás dedica uma atenção à *honra*, que para ele consiste “num testemunho da excelência de alguém”²⁹⁰, e está intimamente relacionada à Temperança, porque esta virtude trata de regular os desejos interiores e apresentá-los exteriormente. Conforme ele afirma, “o procedimento interior é de natureza honesta na medida em que revela a retidão interior”²⁹¹. Dessa forma, para Tomás, a Temperança é digna de *honra* porque possui uma excelência – ela reprime os vícios mais censuráveis do homem e de sua natureza,²⁹² considera-se assim a *abstinência*, a qual se faz frequente no tocante a Temperança, porque esta virtude, na intenção de reprimir os vícios, pode assumir a posição de *privação* ou pode, quando regulada pela *razão*, assumir um papel de *habitus* ou *ato da virtude*. Portanto, a Temperança é uma virtude de fundamental importância para a vida individual e social, pois é responsável por “frear os prazeres que seduzem demais o espírito”²⁹³. A *abstinência* é parte da Temperança porque consiste na obediência à *reta razão*,²⁹⁴ bem como porque “facilita a aquisição da sabedoria”²⁹⁵.

A Temperança regula as *paixões*, as quais, quando desordenadas conduzem o homem à alegria ou à tristeza.²⁹⁶ Dessa forma, a *sobriedade* deve ser uma marca presente na vida humana, porque está em relação com a justa medida, ou seja, nem com a falta e

²⁸⁷ Observamos repetidas vezes que Tomás, principalmente ao que se refere a Temperança, várias vezes repete a palavra *necessidade*, ele pretende frisar que o homem deve sempre agir e buscar aquilo que sua necessidade lhe predetermina, mas jamais o prazer excessivo e sim o necessário (TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.142,a.1)

²⁸⁸ Para Tomás de Aquino é intrínseco à condição humana que o homem sinta prazer, e ir contra essa necessidade é algo condenável, por isso o homem deve de fato procurar a realização desse prazer, mas deve fazê-lo com moderação, pois não pode agir até as últimas consequências para adquiri-lo, tampouco pode e deve simplesmente evitá-lo, mas o deve fazer, caso possua algo maior em vista, a exemplo de um bem maior, mais nobre e mais perfeito.

²⁸⁹ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.144, a.1

²⁹⁰ Idem. II-II, q.145, a.1

²⁹¹ Idem. II-II, q.145, a.1

²⁹² Idem. II-II, q.145, a.4

²⁹³ Idem. II-II, q.146, a.1

²⁹⁴ Idem. II-II, q.146, a.1

²⁹⁵ Idem. II-II, q.148, a.6

²⁹⁶ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.148, a.6

nem com o excesso.²⁹⁷ É uma virtude essencial porque o homem possui necessidades e quando as sacia de maneira desordenada estará agindo contra sua *razão*, faz-se necessário que o homem faça todas as coisas comedidamente, pois o ato apenas é virtuoso quando bem orientado pela *razão*.²⁹⁸ Nesse sentido, a Temperança possui o intuito de guiar e refrear todos os *desejos*²⁹⁹ *desordenados*,³⁰⁰ está presente nos mais variados campos que se referem ao homem, pois todo excesso é prejudicial. Assim, é de fundamental importância o *comedimento* em tudo o que o homem irá fazer.³⁰¹ Para Aquino, as virtudes e, sobretudo a Temperança, tem dupla relação, reprime os vícios e estimula a razão:

De um lado, com os vícios contrários, excluindo-os, e com as concupiscências, refreando-as; de outro lado, com o fim que ela conduz. Assim, pois, uma virtude pode ser necessária a certas pessoas por duas razões: 1) por terem maior queda para a concupiscência, que devem dominar pela virtude, e para os vícios, que a virtude deve arrancar. Nesse sentido, a sobriedade é extremamente necessária aos jovens e às mulheres. Aos jovens, porque, no ardor da idade, o desejo dos prazeres está neles em pleno vigor. Às mulheres, porque não têm força mental suficiente para resistirem às concupiscências.³⁰²

A Temperança reflete acerca do que é próprio do homem, contraria tudo o que lhe traz prejuízos, os quais estão, muitas vezes, relacionados aos excessos, aos *desejos imoderados*, porque quando não há uma regulação dos desejos humanos, o homem está a caminho do *vício*, isto é, de agir contrariamente a sua natureza, porque tudo o que guia e norteia o homem a agir de forma contrária a sua *razão*, o distancia da perfeição de sua natureza – do Sumo Bem. A Temperança regula os prazeres dos desejos do tato³⁰³, isto é, prazeres carnis,³⁰⁴ conforme Aquino afirma,

A Temperança é melhor que a continência, porque o bem da virtude vem da subordinação à razão. Assim, o bem racional tem vigor maior no temperante, no qual o próprio apetite sensitivo está sujeito à razão e é como que dominado por ela, do que no continente, no qual o apetite sensitivo resiste fortemente à razão, através dos maus desejos. Portanto, a continência está para a temperança como o imperfeito para o perfeito.³⁰⁵

²⁹⁷ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.149, a.1

²⁹⁸ Idem. II-II, q.146, a.2

²⁹⁹ Deve-se compreender por *desejo desordenado* aquele desejo quando se “afasta da ordem racional, na qual consiste o bem da virtude moral” (TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.147, a.1) Tudo aquilo que é desordenado, ou seja, que rege a concupiscência pode ser subvertido de dois modos: quanto ao meio – quando estes não são medidos de modo que sejam proporcionados ao fim, ou quanto ao próprio fim – quando a concupiscência afasta o homem de seu fim último

³⁰⁰ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.148, a.2

³⁰¹ Idem. II-II, q.149, a.1

³⁰² Idem. II-II, q.149, a.4

³⁰³ Idem. II-II, q.151, a.3

³⁰⁴ Idem. II-II, q.152, a.4

³⁰⁵ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.155, a.4

Assim, ela possui a grandeza de regular de forma correta os desejos e vontades que envolvem o homem, uma vez que,

A alma humana, como forma do corpo, tem potências que se servem de órgãos corporais, cujas operações colaboram também com os atos da alma que não dependem desses órgãos, a saber, os atos do intelecto e da vontade, enquanto o intelecto recebe suas imagens dos sentidos e a vontade é impelida pela paixão do apetite sensitivo.³⁰⁶

Portanto, onde houver maior inclinação para pecar, mais grave será o pecado,³⁰⁷ no *homem intemperante* sua vontade se inclina ao pecado por sua própria escolha, e isto devido a um hábito adquirido pelo *costume*, no entanto, o homem que não possui *continência*, se inclinará para o pecado a partir de suas próprias *paixões*, disto resulta que a *intemperança* é pior que a *incontinência*.³⁰⁸ Entretanto, a ignorância destes advém da inclinação de seu apetite para determinado objeto – seja por paixão ou hábito, assim a “cura de um intemperante é mais difícil também por parte da inclinação do apetite, que, no intemperante, vem de um hábito difícil de eliminar, ao passo que a inclinação do incontinente nasce da inclinação, mais fácil³⁰⁹ de reprimir³¹⁰. Dessa forma, a Temperança designa uma relação como freio, pois reprime as *concupiscências*.³¹¹ Ou seja, estabelece a moderação na mais difícil das matérias, porque são matérias que estão diretamente relacionadas aos prazeres corporais, e especialmente, às paixões veementes.³¹² Para Aquino, “o modo de agir da temperança, que a faz extremamente meritória, consiste em refrear ou reprimir os arroubos de determinada paixão. Por isso, todas as virtudes que refreiam ou reprimem os impulsos de certos sentimentos ou ações são consideradas partes³¹³ da temperança³¹⁴. Portanto, cabe a Temperança conter o movimento do apetite

³⁰⁶ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.156, a.1

³⁰⁷ Idem. II-II, q.156, a.3

³⁰⁸ Idem. II-II, q.156, a.3

³⁰⁹ Ao longo de nossa exposição podemos compreender que tudo aquilo que advém de um hábito, isto é, de um costume é mais difícil de ser extraído do próprio homem, porque é adquirido com o tempo e com a repetição, estando mais presente no homem, ao passo que aquilo que começa a fazer parte da natureza do homem advindo de determinada paixão é mais fácil de ser extraído porque a paixão não tem relação com a permanência, pode ser passageira ou não, ao passo que o hábito, se torna permanente e por isso são necessários anos e um esforço constante para que o homem possa retirar de si essa permanência.

³¹⁰ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.156, a.3

³¹¹ Idem. II-II, q.157, a.3

³¹² Idem. II-II, q.160, a.1

³¹³ Tomás dedica ao estudo da Temperança uma significativa parte de sua obra, ao longo de sua exposição notamos a relação a determinadas virtudes que fazem parte da Temperança, como entre as principais podemos destacar a continência, a humildade, a modéstia, e tantas outras, entretanto, em nossa pesquisa é mais essencial tratar com mais atenção das virtudes cardeais em si, por isso, essas virtudes “secundárias” não serão tratadas com tanto afinco na presente dissertação.

³¹⁴ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.161, a.4

para que o homem não tenda ao que é naturalmente desejado – a partir de suas necessidades físicas advindas de sua natureza corpórea.³¹⁵ O indivíduo necessitará do auxílio de outra virtude: a Fortaleza.

2.5.3. Fortaleza

O homem possui uma dupla natureza, é possuidor de estímulos naturais referentes às suas paixões, sensações e reações, e também é racional, o que lhe permite escolher agir *não por opção, mas por dever*. Dessa forma, a vida individual e social, é marcada pela frequente resistência às pressões que sobrevém aos homens.³¹⁶ A Fortaleza³¹⁷ é uma virtude integral e potencial, porque está relacionada à *paciência* e à *perseverança*,³¹⁸ é uma Virtude Cardeal porque “faz com que o homem se comporte em conformidade com a *razão*. Portanto, deve-se dizer que a virtude da alma não se afirma na fraqueza da alma, mas na fraqueza da carne, [...]. cabe à fortaleza da alma suportar corajosamente a fraqueza da carne”³¹⁹.

Aquino compreende-a como uma virtude geral porque implica certa firmeza da alma como também pode suportar e afastar as mais terríveis dificuldades, ou seja, a Fortaleza possui como propriedade, *resistir* aos ataques dos vícios.³²⁰ Uma de suas funções enquanto virtude reside em *resistir* e *atacar* todas as coisas prejudiciais ao próprio indivíduo, pois o homem está mundo concreto e real, mas também está voltado para o futuro, por isso precisa “exterminar suas dificuldades e garantir a segurança no futuro”³²¹. O homem é possuidor de *vontade*, por isso à Fortaleza cabe, “proteger a vontade do homem para que ela não recue diante de um bem da razão por medo de um mal físico”³²² a exemplo dos mártires³²³. Essa virtude é responsável por “unir” *razão* e *vontade*, a fim de que ele não aja

³¹⁵ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.166, a.2

³¹⁶ RAULIN, A. Introdução a *Suma Teológica*. Volume 7. Edições Loyola. São Paulo – SP. 2005. P. 43

³¹⁷ Tomás dedica ao estudo da Fortaleza as questões 123 à 140 presentes na II seção da II parte da *Suma Teológica*.

³¹⁸ TOMÁS DE AQUINO. *The Cardinal Virtues: prudence, justice, fortitude, and temperance*. Introdução de REGAN, R. translated and edited, with introduction and glossary, by Richard J. Regan. Hackett Publishing Company, Inc. Indianápolis/Cambridge. 2005. p. XIX

³¹⁹ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.123, a.1

³²⁰ Idem. II-II, q.123, a.2

³²¹ Idem. II-II, q.123, a.3

³²² Idem. II-II, q.123, a.4

³²³ A História nos mostra a existência de vários mártires, homens e mulheres que morreram por uma causa que julgavam digna de por ela padecerem, principalmente ao que se refere a história do Cristianismo, como por exemplo, Estevão, apóstolo Paulo, Pedro, os quais morreram defendendo sua fé. A razão desses mártires tinha consciência de que defendiam uma causa merecedora mesmo sob o impacto da dor física, não se deixaram abater por dores momentâneas, que acarretaram, para muitos, a morte. São mártires que conquistaram a imortalidade pelo exemplo de suas vidas, que perpassam gerações, graças a fortaleza de suas almas. O martírio é um exemplo que merece nossa

guiado principalmente pelo que prediz sua vontade, mas a partir do que sua *razão ordena*. O homem é um ser que busca a conservação de sua vida, e por isso tenta, a todo custo eliminar os males corporais, e, sobretudo, a morte, que é considerada o maior mal corporal.³²⁴ Assim, a necessidade e a importância da Fortaleza, consiste nela “suportar as adversidades”³²⁵ que sobrevenham ao homem, especialmente aos maiores males.

A Fortaleza tende por si mesma a um bem, embora sua principal função seja a *resistência*, suportando as provações, a fim de que a *razão* não se deixe absorver pela dor física,³²⁶ entretanto, não se refere a casos insuperáveis, pois o homem considerado forte, possuidor da virtude da Fortaleza, “prefere, por escolha, prever os perigos que podem surgir, a fim de poder mais facilmente a eles resistir”³²⁷. Entretanto, cabe também a ela, a manifestação do *habitus* virtuoso, porque seus objetos são os casos súbitos. Assim, é responsável por permitir que o homem não aja de modo impulsivo, mesmo diante de algo repentino, pois o *habitus* age de acordo com sua natureza. Conforme afirma Aquino, “se uma pessoa, sem premeditação, faz tudo o que manda a virtude, quando surge um perigo repentino, isto é, uma das maiores provas de que a fortaleza está confirmada como um hábito na sua alma”³²⁸. Os atos da Fortaleza referem-se tanto a resistir quanto atacar mediante o uso da *razão*.³²⁹

A Fortaleza reivindica o mérito da *firmeza*³³⁰ para si, é uma virtude que torna o homem forte, capaz de não ser vencido por seus desejos e instintos, mas a resistir a tudo que o afasta do Bem³³¹. Tomás de Aquino é fiel ao pensamento aristotélico ao afirmar que as virtudes representam necessariamente o *meio-termo*, a justa medida das ações dos

consideração num empreendimento como este, pois demonstra a grandeza e a importância da virtude da fortaleza, pois poucos são aqueles capazes de desenvolver essa virtude nesse grau último.

³²⁴ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.123, a.4

³²⁵ Idem. II-II, q.123, a.4

³²⁶ Idem. II-II, q.123, a.8

³²⁷ Idem. II-II, q.123, a.9

³²⁸ Idem. II-II, q.123, a.9

³²⁹ Idem. II-II, q.123, a.10

³³⁰ Por sua visão cristã e religiosa, Tomás de Aquino considera o mártir religioso o principal tipo de mártir, pois é um martírio cometido segundo a visão da Fé. O martírio é por ele considerado como o melhor exemplo de firmeza, uma vez que o mártir conseguiu resistir firmemente àquilo que iria trazer-lhe o maior mal a ser evitado pelo homem, que é o medo de morrer ou de sentir determinada dor física.

³³¹ Devemos ressaltar que o temor é um pecado, porque é pecado tudo o que é contrário à ordem dos atos humanos, porque o ato humano consiste numa certa ordem. Para Aquino, os males da alma devem ser mais temidos que os corporais, e esses mais temidos que os que afetam aos bens materiais (TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.125, a.4) e isto torna-se evidente porque é na alma do homem onde está sua Razão e assim um medo que afete sua alma, afetará sua razão. No caso da Fortaleza isso se justifica no caso do homem que teme ou no caso do homem que não teme nada, porque no homem temente, o temor impede-lhe de efetuar as ações que deveria, ou seja, evitando-as e ao passo que o homem que nada teme, torna-se intrépido, e, por conseguinte, pode tornar-se orgulhoso ou estúpido, e assim, será um homem vicioso (TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.126, a.1) Portanto, o homem ser intrépido, não temer a nada é oposto a fortaleza, porque destrói o seu meio-termo (TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.126, a.2)

homens, pois esses tanto podem pecar por excesso ou por falta.³³² Entretanto, à Fortaleza compete o *temor moderado* racionalmente, pois para Aquino as Virtudes devem ser exercitadas a fim de que o homem não sofra nem antecipada ou posteriormente, mas no momento certo em que os fatos acontecem, como ele afirma, “o homem deve temer o que é conveniente temer, na hora em que convém”³³³.

As virtudes requerem continuamente o exercício das ações humanas, o que equivale também à Fortaleza, pois seu ato é duplo, consiste tanto em *atacar* como *resistir*, e para isso, primeiramente o espírito do homem deve estar preparado para atacar, e também preparado para levar a execução de uma ação até seu fim, sem desistir no meio de seu desenvolvimento, o mérito consiste na *resistência*.³³⁴ Quanto à ação de resistir, são necessárias duas condições, a primeira é que o homem não deixe que seu coração se arrase pela tristeza e nem desista da nobreza de sua ação, e também que não venha nem se angustiar e nem desistir diante da execução de suas ações.³³⁵

As Virtudes são consideradas desde o pensamento aristotélico como uma *perfeição*, conforme Aquino afirma, “a virtude é uma certa perfeição da potência elevada à sua capacidade máxima”³³⁶, que se refere à ação da Fortaleza.³³⁷ Esta Virtude está diretamente relacionada àquilo que não possui qualquer presença do medo, como a *segurança*, que consiste numa “certa tranquilidade perfeita na alma libertada do medo”³³⁸, como pode ser percebido no tocante à *confiança*, a qual é por Tomás de Aquino considerada como condição da Fortaleza,³³⁹ pois esta possui como papel primordial, “produzir” força no homem, principalmente no tocante às paixões que os guiam a fugir dos males ocasionados ao corpo, através do temor e da audácia.³⁴⁰

Para Tomás de Aquino, a Fortaleza, “ocupa-se com os temores e as audácias referentes aos males máximos, que acabam com a natureza humana, ou seja, o perigo de morte”³⁴¹. A Fortaleza está ordenada ao *bem comum*³⁴², sendo responsável também por “revigorar a alma contra os temores que desviam do bem racional”³⁴³, assim, esta virtude designa uma certa *firmeza* diante dos perigos.³⁴⁴ Diante dessa ordenação ao bem comum, em sua exposição acerca da Fortaleza, Tomás trata da *honra* compreendida por ele,

³³² TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.126, a.1

³³³ Idem. II-II, q.127, a.2

³³⁴ Idem. II-II, q.128, artigo único

³³⁵ Idem. II-II, q.128, artigo único

³³⁶ Idem. II-II, q.129, a.1

³³⁷ Idem. II-II, q.129, a.2

³³⁸ Idem. II-II, q.129, a.7

³³⁹ Idem. II-II, q.129, a.7

³⁴⁰ Idem. II-II, q.141, a.3

³⁴¹ Idem. II-II, q.141, a.4

³⁴² TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.141, a.3

³⁴³ Idem. II-II, q.157, a.3

³⁴⁴ Idem. II-II, q.166, a.2

Não [como] o prêmio da virtude para o próprio virtuoso, neste sentido que ele deva procurá-la à guisa de recompensa. A recompensa que ele deve procurar é a beatitudo, que é o verdadeiro fim da virtude. A honra é a recompensa da virtude por parte dos outros, porque não há nada melhor que a honra para recompensar o homem virtuoso. E esta honra tira sua grandeza do fato que ela acaba sendo um testemunho prestado à virtude.³⁴⁵

Aquino considera a *honra* como algo que o homem deve receber por seus atos, entretanto, o homem que age de modo correto pensando unicamente na honra a ser recebida não está agindo de forma virtuosa³⁴⁶, porque para Aquino, é imprescindível a ação baseada no *dever* de agir corretamente, não pelas honras, mas pela *obrigação moral* que lhe é racionalmente imputada. Concluímos que a *honra* é uma consequência da ação moralmente correta, mas jamais o motivo propulsor da ação. Para Aquino, a ação moralmente correta deve ser realizada obrigatoriamente, não pela quantidade de pessoas que verão a ação, se muitas ou se apenas o próprio homem, mas deve agir de modo correto porque isso lhe foi posto pela sua própria natureza, conforme afirma, “alguns são provocados à ação virtuosa pelo desejo da glória humana³⁴⁷, ou até mesmo pelo apetite de outros bens. Mas aquele que age virtuosamente por apetite da glória humana, não é verdadeiramente virtuoso”³⁴⁸.

O homem forte deve ser *magnânimo*, uma vez que a *magnificência* consiste em “fazer algo de grande”³⁴⁹, e nesse sentido, Tomás esclarece que a prioridade do *magnânimo* versa em fazer coisas grandes para a *comunidade humana*, não exclusivamente para si próprio ou apenas para as pessoas próximas a ele, dessa forma, a *magnificência* se refere ao bem considerado maior – aquele referente a um maior número de pessoas.³⁵⁰ Assim, a *magnificência* pertence a Fortaleza enquanto se apresenta como uma virtude secundária, possuindo em comum com a Fortaleza a tentativa e a inclinação de tender para algo complexo.³⁵¹ Portanto, a Fortaleza conduz o homem a resistir a tudo aquilo considerado intenso ou prejudicial à sua vida, ao longo do estudo realizado por Tomás acerca da Fortaleza, dedica grande atenção à *paciência*, possuidora do dever de *proteger* o bem da

³⁴⁵ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.131, a.1

³⁴⁶ Idem. II-II, q.131, a.1

³⁴⁷ Ao longo da filosofia tomista notamos muitas inovações de seu pensamento, Tomás continua atual em cada proposição, pois notamos que a compreensão e obrigação de “fazer o bem sem olhar a quem” que corriqueiramente ouvimos, é algo que já aparece demonstrado em seu pensamento. Porque para ele é imprescindível que o homem aja de forma correta, justa e honesta para com o outro e para consigo, independente de receber honras, glórias ou até mesmo prejuízos, pois para Tomás, mais importa que o homem agrade a Deus e receba Dele a beatitudo, que elogios vindos dos homens.

³⁴⁸ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.131, a.1

³⁴⁹ Idem. II-II, q.134, a.1

³⁵⁰ Idem. II-II, q.134, a.1

³⁵¹ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.134, a.4

razão contra a *tristeza*, que provoca o desânimo, fazendo com que o homem não seja abatido por essa. Segundo Aquino,

Habitualmente o nome das virtudes designa também os atos das virtudes. Assim a paciência, enquanto é hábito, é considerada uma virtude; mas quanto ao prazer que seu ato proporciona, é considerada como um fruto da virtude. E isto principalmente pelo fato de a paciência impedir que a alma se deixe abater pela tristeza.³⁵²

Evidenciamos que a *paciência* não é a mais poderosa das Virtudes, por sua inferioridade às demais, entretanto, a *paciência* realiza uma obra perfeita na tentativa de suportar as adversidades que produzem a *tristeza*, a *ira*, o *ódio* e o *dano injusto*,³⁵³ assim, a *paciência* pertence à Fortaleza como parte potencial, isto é, como secundária, porque cabe a ela resistir e suportar os males, especialmente os mais difíceis, como por exemplo, os perigos mortais, todavia, a Fortaleza recorre à *paciência* porque ela resiste aos males de qualquer espécie.³⁵⁴ O ato da Fortaleza não é apenas preservar o Bem, mas também não se deixar abater pela tristeza ou pelo sofrimento atual, pois trata-se de uma virtude que se ocupa dos grandes temores.³⁵⁵ Assim, para Aquino, a Temperança e a Fortaleza são virtudes especiais, uma modera o tato e a outra governa os temores e as audácias.³⁵⁶ Paralelamente ao estudo da Fortaleza, Tomás também trata da *perseverança*, compreendida como uma virtude.³⁵⁷ Para Aquino,

A uma virtude principal se atribui principalmente algo que diz respeito ao louvor da virtude, na medida em que o realiza na matéria que lhe é própria, na qual observá-lo é difícil e ótimo. Assim, a fortaleza é uma virtude principal porque guarda a firmeza naqueles domínios os perigos mortais. [...]. É a razão pela qual a perseverança se anexa à fortaleza como uma virtude secundária a uma principal.³⁵⁸

A *perseverança* governa certas paixões, como o *medo*, o *cansaço* ou *fracasso*.³⁵⁹ Esta virtude possui como função persistir contra as grandes dificuldades provenientes da longa duração do ato, assim, a *perseverança* é uma parte da Fortaleza importante como a *constância*.³⁶⁰ Assim, a Fortaleza implica uma firmeza da alma, solicitada para praticar o Bem e para resistir ao mal, é responsável por aperfeiçoar a alma humana no sentido de

³⁵² TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.136, a.1

³⁵³ Idem. II-II, q.136, a.2

³⁵⁴ Idem. II-II, q.136, a.4

³⁵⁵ Idem. II-II, q.136, a.4

³⁵⁶ Idem. II-II, q.137, a.1

³⁵⁷ Idem. II-II, q.137, a.1

³⁵⁸ Idem. II-II, q.137, a.2

³⁵⁹ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.137, a.2

³⁶⁰ Idem. II-II, q.137, a.3

resistir a todos os perigos que venham contra a preservação de sua natureza.³⁶¹ Portanto, as Virtudes Morais e Cardeais são a couraça de que o homem dispõe para não ser corrompido pelos vícios, nem pelo pecado.

2.6. Os Vícios e os Pecados

Nos bastidores onde atuam as Virtudes, estão também os vícios e pecados, considerados por Tomás de Aquino como, “tudo o que a natureza humana faz contra a ordem habitual”³⁶². Nesse sentido, é considerado por ele vicioso, tudo o que contraria a determinada ordem natural.³⁶³ Dentre os vícios, Tomás denomina *vício capital* aquele que “dá origem a outros vícios, como causa final dos mesmos, isto é, aquele cujo fim é muito desejável e cujo desejo provoca os homens a pecarem de muitos modos”.³⁶⁴

O homem deve sempre guiar-se por sua *razão*, a qual é responsável por utilizar os meios convenientes ao Fim por ele esperado.³⁶⁵ Dentre os vícios ressaltados por Tomás de Aquino, um dos que se apresenta mais censurável é o da *intemperança*, porque é contrário à excelência humana.³⁶⁶ Para Aquino, é considerado vício e pecado os atos humanos que contrariam a ordem racional,³⁶⁷ por isso, merecem a reprovação,³⁶⁸ especialmente, o *vício capital*, que “se propõe a um fim bastante desejável, a ponto de tal desejo levar o homem a cometer muitos pecados, todos oriundos desse vício como de um vício principal”³⁶⁹, dentre os quais Tomás resalta a *luxúria*. Acerca dos Pecados que podem destruir a virtude, contrariá-la ou usá-la mal,³⁷⁰ Tomás distingue-os em *mortais* – aqueles cometidos contra a vida do homem;³⁷¹ e o pecado *capital* – aquele do qual podem nascer muitos pecados, como é o caso da *ira*³⁷² e da *inveja*³⁷³.

Dessa forma, nas ações humanas tudo o que contradiz a *razão* é considerado *vicioso*³⁷⁴, embora esse vício não esteja nas coisas exteriores aos homens, pois é encontrado no próprio homem que as usa mal.³⁷⁵ Tomás de Aquino trata acerca das Virtudes, mas também sobre muitos vícios, como por exemplo, o da *parcimônia* que consiste

³⁶¹ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.139, a.1

³⁶² Idem. II-II, q.130, a.1

³⁶³ Idem. II-II, q.142, a.1

³⁶⁴ Idem. II-II, q.142, a.5

³⁶⁵ Idem. II-II, q.152, a.2

³⁶⁶ Idem. II-II, q.142, a.4

³⁶⁷ Idem. II-II, q.153, a.2

³⁶⁸ Idem. II-II, q.142, a.2

³⁶⁹ Idem. II-II, q.153, a.4

³⁷⁰ Idem. II-II, q.162, a.2

³⁷¹ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.154, a.2

³⁷² Idem. II-II, q.158, a.6

³⁷³ Idem. II-II, q.162, a.8

³⁷⁴ Idem. II-II, q.168, a.4

³⁷⁵ Idem. II-II, q.168, a.1

num vício oposto a *magnificência*.³⁷⁶ Tomás também ressalta a *soberba*, considerada como orgulho excessivo. Assim, para ele, tudo o que contraria a inclinação natural é *pecado* porque contraria a lei natural, pois toda realidade possui uma inclinação natural para exercer uma atividade ajustada à sua potência.³⁷⁷

A oposição entre *vício* e *virtude* se mede segundo a sua espécie.³⁷⁸ O *vício* é um mau hábito, que impulsiona o homem a agir em sentido contrário à *reta razão*; deforma por completo o homem na conduta e na vida, porque anula a *razão* e a inclina a *vontade* em vista a um mau fim.³⁷⁹ Para Tomás de Aquino o homem é possuidor de uma *disposição*³⁸⁰ para agir corretamente, no entanto e principalmente, por possuir livre-arbítrio, nada o impede de pecar. Por isso, Tomás constantemente retoma a necessidade do homem exercitar sua *razão*, pois quando o homem deliberadamente não exerce suas virtudes, colocando-as em prática, acabará caindo em pecado, como é o caso do *pusilânime*, o qual “é capaz de grandes coisas segundo a disposição para a virtude que se encontra nele, seja pelo bom temperamento, seja pela ciência, seja pelas vantagens exteriores, mas, quando se recusa essas disposições, pôr isso a serviço da virtude, torna-se pusilânime”³⁸¹, por sua indolência, sua fraqueza de caráter, deixa de exercitar a virtude da Fortaleza, que o levaria a ser muito útil no convívio de sua comunidade, e torna-o um “peso inerte”.

Concluimos o presente capítulo afirmando que o homem procura acima de tudo a sua Felicidade, mas, *viver bem* significa agir bem, por isso deve *decidir* agir segundo sua racionalidade e não a partir unicamente de impulsos passionais. Para a Filosofia, e especialmente para Tomás de Aquino, o homem sempre possuirá como condição principal para sua vida, a liberdade de escolha, a partir da qual deve *sempre* tomar decisões que o direcionem a agir corretamente, porque o homem é racional e por isso, é, por si mesmo, direcionado a agir em conformidade com o que lhe proporcione o alcance de sua Felicidade, e a de seu semelhante, isto é, todos os que estão inseridos em sua comunidade civil. Somente será considerado virtuoso o homem que se posiciona com as tendências mais

³⁷⁶ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.135, a.1

³⁷⁷ Idem. II-II, q.133, a.1

³⁷⁸ Idem. II-II, q.133, a.2

³⁷⁹ LAGRANGE-GARRIGOU, R. *La vida eterna y la profundidad del alma*. Tradução de Ansenio Pagios Lopez. Patmos. Libros de Espiritualidad. 2ª edición. Ediciones Rialps. Madrid – ES. 1951. P. 29 “*la virtud perfecciona al hombre, lo dirige hacia un fin recto y hace de él no sólo un buen pintor, buen escultor, un buen matemático, sino un hombre de bien. El vicio es un habito malo, que impulsa a obrar en sentido contrario a la recta razón; deforma por completo al hombre em la conducta y en la vida, porque toca la voluntad y la inclina hacia un fin malo*”.

³⁸⁰ O homem é possuidor de disposições, e por isso nada o impede de agir de forma correta para determinadas coisas e de forma errada para outras, principalmente ao que se refere ao princípio de individuação, notamos que Tomás afirma que algumas pessoas possuem facilidade para determinadas coisas e não para outras, ou seja, isso nos revela que o homem deve estar sempre exercitando sua racionalidade e sua inteligência para conseguir um dia agir de forma correta sempre.

³⁸¹ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.133, a.1

fortes de sua natureza, que não age a partir de impulsos desordenados, mas que age racionalmente.

O homem agirá corretamente, quando sob o escudo natural, revestido das Virtudes Intelectuais, Morais e Cardeais, que o guiam, o fortalecem, o impulsionam para seguir a estrada do Bem, evitando os percalços do vício, desviando-se das falsas aparências do pecado, chegará ao seu derradeiro nicho, o Sumo Bem, o Fim Último. A lei natural infusa por Deus na alma humana, lhe proporciona a justamedida do agir corretamente, pois mostra-lhe tudo o que precisa ser feito de um modo objetivo e muito direto.

Portanto, para alcançar a verdadeira felicidade, basta que o homem siga os itens da Lei Natural, e assim seu relacionamento com os outros membros da sociedade, será quase perfeito, porque a Perfeição verdadeira pertence ao âmbito divino. Mas, conseqüentemente, seu viver será fácil, harmonioso e feliz, pois respeita e é respeitado, auxilia e é auxiliado; honra e será honrado, ama e será amado. Assim, tendo concluído nosso estudo acerca dos hábitos e das virtudes, precisamos tratar da Prudência, a chave mágica que permitir-lhe-á usar as virtudes, viver de acordo com a Lei Natural, essa chave que abre e fecha todas as portas.

TERCEIRO CAPÍTULO DA PRIORIDADE DA PRUDÊNCIA

O pensamento de Tomás de Aquino, especialmente sobre a Prudência advém de uma união das Escrituras Sagradas, da obra aristotélica, e do *Comentário das Sentenças de Pedro Lombardo*. Nesse contexto, a Prudência surge como a principal Virtude Cardeal, responsável por governar a vida humana, e, por orientar as demais virtudes, embora não se imponha sobre elas. Tomás de Aquino compreende-a como uma virtude de capital importância, “a arte de decidir corretamente”³⁸² a partir da realidade. A Prudência é a causa da Felicidade porque é a perfeita prática da *razão*, estimulando a responsabilidade do homem consigo mesmo e, por conseguinte, com o seu próximo.

A Prudência dirige a conduta dos indivíduos,³⁸³ posicionando-se como mãe e guia das virtudes, é oposta a ela toda e qualquer atitude intempestiva, que contradiz o que é predeterminado *racionalmente*.³⁸⁴ É a única Virtude Moral a fazer parte das Virtudes Cardeais, embora todas as Virtudes Morais possuam relação entre si com a Prudência, conforme afirma Tomás de Aquino,

A conexão das virtudes não deve ser entendida com relação aos atos, no sentido que cada virtuoso deveria ter os atos de todas as outras virtudes. Dessa forma, o ato da magnanimidade não convém a todos os homens virtuosos, mas apenas aos maiores. Mas as virtudes são conexas entre si de acordo com princípios da prudência e da graça, ou seja, pela coexistência de seus hábitos na alma, seja em ato, seja em disposição próxima.³⁸⁵

A Prudência pertence ao *sujeito*, embora não seja uma virtude exclusiva do indivíduo, pois também está voltada para o universal, é essencial ao homem refletir sobre essas duas instâncias – particular e coletiva,³⁸⁶ a fim de alcançar, através da reflexão, sob a luz da *razão*, o Bem para consigo e para a sociedade em que está inserido.³⁸⁷ Sua prioridade reside em esclarecer e guiar constantemente o agir humano, sobretudo ao que se refere às principais decisões no âmbito da vida do próprio indivíduo e daqueles que o

³⁸² LAUAND, L. J. *TOMÁS DE AQUINO: A Prudência*. Tradução de Jean Lauand. Editora Martins Fontes. São Paulo – SP. 2005. P. X

³⁸³ TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.53, a.2

³⁸⁴ Idem. II-II, q.127, a.1

³⁸⁵ Idem. II-II, q.129, a.3

³⁸⁶ Idem. Eth, I.6, I.6

³⁸⁷ Idem. Eth, I.6, I.7

cercam.³⁸⁸ Ela ocupa o papel de responsabilidade por moderar todas as outras Virtudes,³⁸⁹ pois sua perfeição consiste em sua conexão harmoniosa.³⁹⁰

Portanto, a Prudência é o centro de toda a vida moral,³⁹¹ posto ser uma virtude de *homens livres*³⁹² - não são dirigidos por *impulsos e paixões*, mas sabem exatamente o que querem e como devem agir para alcançarem seus objetivos³⁹³, por isso, sua importância como Virtude Cardeal reside em ser *sabedoria prática*, responsável por orientar o agir humano, pois lhe é próprio não apenas a consideração racional, mas principalmente sua aplicação à ação concreta. Assim, a Prudência, se põe a serviço dos fins, preocupando-se com a *escolha* dos meios através dos quais alcançará aquilo que julga bom para o indivíduo conquistar o Bem Supremo, o seu Fim Último.

3.1. Da *phronesis* grega à *Prudentia* latina

Ao que a Filosofia Moderna conhece pelo termo “Prudência” teve sua origem na Grécia Antiga com Aristóteles sob a denominação *phronesis*³⁹⁴ e foi incorporado na Idade Média como *prudentia*. O termo *phronesis* desenvolvido por Aristóteles refere-se a uma *excelência* do pensamento, tendo por base o agir humano diante do mundo, referindo-se à autoconstituição do homem visando sua satisfação pessoal dentro do contexto histórico no qual vive.³⁹⁵ É um termo utilizado para indicar o *conhecimento*³⁹⁶, como uma *virtude dianoética*³⁹⁷, consistindo numa disposição que permite a *escolha*, entre a vida

³⁸⁸ JOSAPHAT, C. *Paradigma Teológico de Tomás de Aquino: sabedoria e arte de questionar, verificar, debater e dialogar: chaves de leitura da Suma de Teologia*. 1ª edição. Editora Paulus. São Paulo – SP. 2012. P. 564

³⁸⁹ TOMÁS DE AQUINO. De Virt, q.5, a.3

³⁹⁰ Idem. De Virt, q.5, a.2

³⁹¹ JOSAPHAT, C. *Paradigma Teológico de Tomás de Aquino: sabedoria e arte de questionar, verificar, debater e dialogar: chaves de leitura da Suma de Teologia*. 1ª edição. Editora Paulus. São Paulo – SP. 2012. P.564

³⁹² No século XIII uma das correntes defendidas era a favor da escravidão, na obra tomista, podemos notar que Tomás dedica ao estudo da escravidão a questão (q. 57) da II seção da II parte Suma Teológica, mas nesse ponto, ao tratarmos de homens livres, nos referimos aqueles homens que não são dominados por suas emoções e sentimentos, mas que posicionam a Razão como a norteadora de todas as suas ações.

³⁹³ JOSAPHAT, C. *Paradigma Teológico de Tomás de Aquino: sabedoria e arte de questionar, verificar, debater e dialogar: chaves de leitura da Suma de Teologia*. 1ª edição. Editora Paulus. São Paulo – SP. 2012. P. 568

³⁹⁴ O termo *phronesis* esteve presente desde o início da Filosofia com Sócrates, que o considerava como virtude-ciência, enquanto que para Platão, era compreendida como uma sabedoria teórica e prática (AUBENQUE, P. A Prudência em Aristóteles. P. 230)

³⁹⁵ CAEIRO, António de C. *ARISTÓTELES: Ética a Nicômaco*. Tradução de António de Castro Caeiro. Editora Atlas. São Paulo – SP. 2009. Introdução à Edição Brasileira. P. 2

³⁹⁶ AUBENQUE, P. *A Prudência em Aristóteles*. Tradução de Marisa Lopes. Discurso Editorial. Editora Paulus. 2ª edição. São Paulo – SP. 2008. P. 22

³⁹⁷ Palavra derivada do grego “dianoia” que significa atividade do pensamento discursivo, especialmente do pensamento necessário e do contingente. Trata-se de uma virtude concernente ao

contemplativa e a vida prática e política, a fim de dirigir a ação humana, quanto a conformidade do critério para o desenvolvimento de determinada ação.

Nesse sentido, a *phronesis*³⁹⁸ é uma especificidade da compreensão moral, pois o homem é participante da universalidade e precisa agir de acordo com a moral. Dessa forma, a *phronesis* visa o Bem como algo a ser realizado, a partir do caráter histórico e contingente da existência humana³⁹⁹, os quais são elementos decisivos na formação ética, visando as regras de conduta baseadas, muitas vezes, na *contingência*.⁴⁰⁰ Percebemos que a retidão das Virtudes Morais depende da *phronesis*,⁴⁰¹ um saber singular, cuja missão é guiar as demais Virtudes Morais, a fim de encontrar o melhor meio do homem alcançar determinado Fim, tornando-se uma habilidade exclusiva do ser humano, por se tratar de uma *sabedoria prática*, meritória, pois possui um valor moral essencialmente relacionado às ações humanas.

O homem é age no “aqui” e no “agora”, pois não é possível ter conhecimento antecipado das situações subseqüentes, nem preparação prévia para agir e fazer deliberações preestabelecidas sobre um horizonte ainda indefinido. Entretanto, a ação humana é baseada no *livre-arbítrio*, o qual lhe permite uma gama de criatividade que lhe propicia os meios para participar da universalização do contexto histórico do momento. Todavia, o termo grego, *phronesis*, perdeu seu significado primeiro, não possuindo o mesmo valor que tinha para os gregos, passou a ser traduzido por *prudencia*, é hoje, o que a Modernidade conhece como *prudência*, e muitas vezes compreendido como mera cautela. Dessa forma, a Prudência não expressa mais aquela “excelência do intelecto prático” que era fundamental para o pensamento grego.⁴⁰² Portanto, Prudência significa “previdência, discrição, perícia e conhecimento exato”⁴⁰³, e assim, considerada a Virtude da Inteligência – Sabedoria.⁴⁰⁴ A *phronesis* não se restringe ao conhecimento, mas visa melhorar a ação humana, está sempre voltada para o exercício do agir. Para Aristóteles através da *phronesis*

pensamento em geral. (AUBENQUE, P. A Prudência em Aristóteles. Tradução de Marisa Lopes. Discurso Editorial. Editora Paulus. 2ª edição. São Paulo – SP. 2008. P. 236)

³⁹⁸ Os latinos traduziram como *prudência* a *phronesis* formulada pelos gregos, concepção advinda de Aristóteles e dos estóicos. A prudência é uma *virtude intelectual*, que permite deliberar corretamente sobre o que é bom ou mau para o homem, responsável por influenciar todas as outras virtudes a nortear a vida humana.

³⁹⁹ Cf. in <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/563/393> acessado em 01.02.2012 às 19:22

⁴⁰⁰ Cf. in <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/563/393> acessado em 01.02.2012 às 19:22

⁴⁰¹ AUBENQUE, P. A Prudência em Aristóteles. Tradução de Marisa Lopes. Discurso Editorial. Editora Paulus. 2ª edição. São Paulo – SP. 2008. P. 77

⁴⁰² Cf. in <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/563/393> acessado em 01.02.2012 às 19:22

⁴⁰³ Cf in Dicionário latino-portugues. Amós Coêlho da Silva e Airto Ceolin Montagner verbete *prudencia*.

⁴⁰⁴ LAUAND, L. J. TOMÁS DE AQUINO: A Prudência. Tradução de Jean Lauand. Editora Martins Fontes. São Paulo – SP. 2005. P. XIII

é possível construir a *práxis*. O homem deve sempre ser bem educado a fim de agir corretamente, pois deve possuir o controle e a disciplina de suas ações, visando a superação de suas *paixões* e *desejos*, para que possa desfrutar da vida boa e justa. Dessa forma, faz-se essencial que o homem rejeite a vida devotada ao pecado e vício, pois somente rejeitando tais empecilhos, conseguirá viver de modo adequado consigo mesmo e com os outros.

Para Tomás de Aquino, apenas mediante a aplicação do conhecimento à prática, o homem poderá fazer boas escolhas, pois à medida que ele age de acordo com sua racionalidade, poderá agir de modo virtuoso. *Phronesis* e *prudentia* são um pensamento prático que combina a capacidade das coisas racionais com o conhecimento, permite a possibilidade da realização de considerações racionais à ações práticas. *Phronesis* e *prudentia* são virtudes intelectuais usadas por deliberarem acerca das ações sociais, se boas ou más para os homens.

3.2. Relação: Synderesis e o Homem prudente

Em nossa exposição acerca da Prudência, precisamos voltar uma atenção especial à *synderesis*⁴⁰⁵, iremos apresentar seu aspecto ético, sobretudo no pensamento de Tomás de Aquino⁴⁰⁶. Os grandes pensadores de sua época propuseram uma explicação intelectual da *synderesis*, que se refere à noção da *consciência*, a qual permite ao homem discernir entre o que é apropriado e o censurável, pois a *consciência* é um atributo muito desenvolvido no Homem. Contudo, é Tomás de Aquino o principal representante da concepção da relação entre *consciência* e *synderesis*. Para ele, o *conhecimento* apresenta-se como responsável pela execução das ações humanas, podendo ser apreendido sem investigações prévias acerca dos princípios comportamentais básicos, a *consciência* aplica os primeiros princípios da *synderesis* à situações particulares e individuais.⁴⁰⁷

Para Aquino é de fundamental importância aplicar os princípios determinados pela *synderesis* às circunstâncias particulares predeterminadas pela Prudência, que está envolvida no desenvolvimento de situações particulares e individuais. A *synderesis* é uma faculdade, um *habitus*, de julgar e pode ser considerada como centro da *consciência* –

⁴⁰⁵ A concepção do termo *synderesis* assim como nos é conhecido, teve início com os estoícos, entretanto, foi com Pedro Lombardo em seu livro das Sentenças que a Idade Média se abriu a esse conceito. Todavia os gregos Platão e Aristóteles já conheciam o termo *sínteresis*. (cf in <http://plato.stanford.edu/entries/conscience-medieval>

acessado em 26.01.2013 às 20:43)

⁴⁰⁶ Aquino expõe a questão acerca da *synderesis* nas obras de *Summae Theologiae* (q. 79 e 94) e nas *Quaestiones Disputatae De Veritate* (1256) (q.16)

⁴⁰⁷ Cf in <http://plato.stanford.edu/entries/conscience-medieval/>
Acessado em 26.01.2013 às 20:43

conjunto de leis práticas que possuem relação com a Moral.⁴⁰⁸ Conforme afirma Tomás de Aquino,

O ato, se não permanece sempre em si mesmo, permanece, entretanto, sempre em sua causa: a potência ou o habitus. Os habitus, pelos quais a consciência é informada, ainda que sejam muitos, todos recebem a sua eficácia de um primeiro, a saber, do habitus dos primeiros princípios, que se chama *synderesis*. Por isso, e de modo especial, esse habitus é por vezes chamado consciência.⁴⁰⁹

Expomos que a *synderesis* é um *habitus* e não um poder, possui íntima relação com a Prudência porque governa o homem para fazer aquilo que julga ser bom e evitar aquilo que julga mau, dessa forma torna-se evidente que a *synderesis* é uma *disposição natural*,⁴¹⁰ que predispõe o indivíduo ao bom senso e à circunspeção, por isso é algo permanente e imutável a fim de possibilitar a conservação da ordem natural.⁴¹¹ A *synderesis* faz-se essencial ao estudo da Prudência e das Virtudes de modo geral, porque possui como tarefa primordial advertir o homem em relação a tudo o que lhe é mal e prejudicial, bem como a tudo aquilo ao que ele está inclinado para o bem, por isso na *synderesis* não pode haver possibilidade alguma de equívoco.⁴¹² Segundo Aquino, “o ato da *synderesis* não é estritamente um ato da virtude, mas uma espécie de prelúdio para o ato da virtude, assim como os dons naturais são prelúdios de virtudes dadas gratuitamente e adquiridas”⁴¹³.

A *synderesis* é uma das partes principais da Prudência, pois a direciona, porque a Prudência é posta em prática no que se refere aos atos morais pela consciência individual.⁴¹⁴ Ao aprofundarmo-nos no estudo da obra de Aquino, notamos que ele considera a *synderesis* como o *habitus* em face aos primeiros princípios da *razão prática* de onde se originam as mais significativas resoluções racionais, por isso é tão importante.⁴¹⁵ O

⁴⁰⁸Cf in <http://www.iep.utm.edu/synderes/>
Acesado em 26.01.2013 às 20:44

⁴⁰⁹ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.79, a.13

⁴¹⁰ Cf in

http://philosophicalinvestigations.uk/index.php?option=com_content&view=article&id=322&catid=41&Itemid=54

Acessado em 26.01.2013 às 20:46

⁴¹¹ TOMÁS DE AQUINO. De Ver, q.16, a.2

⁴¹² Idem. De Ver, q.16, a.2

⁴¹³ Idem. De Ver, q.16, a.2 “quod actus synderesis non est actus virtutis simpliciter, sed praeambulum ad actum virtutis, sicut naturalia sunt praeambula virtutibus gratuitis et acquisitis”

⁴¹⁴ STANCIENE, D. *synderesis* in *Moral Actions*. Cf in http://pdfdownloadfree.net/?pdfurl=1qeXpurpn6Wih-SUpOGumKynh7_o5MnZ2srj29yO3dSVutTe0OKFtcvZ2eHX4Zah6KeWppHch6_bn6Oqo5Dc2undn5ue25LV2drZ4MrhotTa4ZTc09yU59zG3tXS0-LLo93J0pGx4g

Acessado em 27.01.2013 às 09:58

⁴¹⁵ STANCIENE, D. *synderesis* in *Moral Actions*. Cf in http://pdfdownloadfree.net/?pdfurl=1qeXpurpn6Wih-SUpOGumKynh7_o5MnZ2srj29yO3dSVutTe0OKFtcvZ2eHX4Zah6KeWppHch6_bn6Oqo5Dc2undn5ue25LV2drZ4MrhotTa4ZTc09yU59zG3tXS0-LLo93J0pGx4g Acessado em 27.01.2013 às 09:58

raciocínio humano possui uma espécie de movimento advindo da inteligência das coisas.⁴¹⁶ Os princípios da ordem da ação que formam o homem naturalmente, não pertencem a uma potência especial, mas a um *habitus* especial denominado *synderesis*, que incita ao Bem, e condena o Mal, na medida em que o homem, a partir dos primeiros princípios, busca descobrir e julgar o que encontra no cotidiano. Conforme afirma Aquino,

Ora, os primeiros princípios da ordem especulativa, de que somos dotados naturalmente, não pertencem a uma potência especial, mas a um *habitus* especial que é chamado (...) de *intelecto dos princípios*. Por conseguinte, os princípios da ordem da ação, de que somos dotados naturalmente, não pertencem a uma potência especial, mas a um hábito natural especial, que chamamos *synderesis*. Por isso se diz que a *synderesis* incita o bem, e condena o mal, na medida em que nós, mediante os primeiros princípios, buscamos descobrir e julgamos o que encontramos. A *synderesis* não é pois uma potência, mas um *habitus* natural.⁴¹⁷

A *synderesis* como *habitus* é o que permite ao homem conhecer, conforme Aquino afirma, “essas razões imutáveis são os primeiros princípios da ordem da ação, a respeito dos quais não pode haver erros. São atribuídos à razão, como potência, e à *synderesis*, como *habitus*. Em consequência, julgamos naturalmente por ambas, isto é, pela razão e pela *synderesis*”⁴¹⁸. Percebemos que a *synderesis* trata-se de uma consciência dos princípios morais mais universais, sobretudo no tocante à avaliação dos casos concretos.⁴¹⁹ Portanto, para Tomás de Aquino a *synderesis* é um *habitus* perfeitíssimo, presente em todo Homem, especialmente no homem prudente.

O homem prudente (derivado do latim *prudens, prudentis*) não pode ser confundido com o indivíduo fraco ou apático, que foge a um enfrentamento real; também não pode ser tomado como o indivíduo impetuoso que desconhece o perigo, ignora as circunstâncias e se arremete irrefletidamente sem raciocínio, sem averiguações. O homem prudente, por sua vez, escuta a *razão*, pesa a consciência, avalia, reflete e então toma a decisão mais correta para si mesmo e para os outros. Sua ação é contínua, independente das dificuldades que lhe sobrevenham, pois contorna, segue em frente, volta, quantas vezes for necessário, desde que sua ação seja meritória, e jamais fique estagnada diante das adversidades, isto

⁴¹⁶Cf in <http://pdfdownloadfree.net/?pdfurl=1qeXpurpn6Wih-SUpOGum6enh7-4xKk38be1xbLBIL-Vw7S4xMS5tayfkDQov-nPOBbTjNzryurNhdGS1c-U3OTZ2trj18mWo9iqo6OQ2oiw4J-joLCH3NzZ4KyYnefP49HK3tTpzueWy9nezuGi3eTfydz29jnlsjf35igpJatnJacnunO4szK4tfc1-eT7prb29vr0-jJyZ7izdSWofl>

Acessado em 27.01.2013 às 10:05

⁴¹⁷ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.79, a.12

⁴¹⁸ Idem. II-II, q.79, a.12

⁴¹⁹ ROVIGHI, S. *Introduzione a Tommaso d'Aquino*. Filosofi. Editori Laterza. Bari – IT. 1973.

porque segue sempre a *reta razão*, o que permite a convivência pacífica entre os indivíduos de uma mesma sociedade.⁴²⁰

Assim é próprio do homem prudente bem deliberar, prevê, conhecer, é perito que atua com experiência, inteligência e habilidade.⁴²¹ Dessa forma, o homem prudente, segundo Tomás, é aquele que consegue ordenar os atos humanos ao devido fim, é possuidor de uma *responsabilidade* de evitar o que é mal para si e para os outros.⁴²² No homem virtuoso a *razão* deve estar relacionada a todos os seus atos voluntários, porque *razão* e Virtude estão interligadas de tal modo que existe, uma interdependência entre elas.⁴²³

O homem virtuoso é responsável e consciente de suas obrigações e direitos, age corretamente – em extrema coerência consigo e com os demais. É aquele que reconhece sua finitude, suas habilidades e imperfeições, mas que tem consciência que deve agir corretamente de acordo com sua *razão* e com os outros indivíduos, usa o bom senso no seu modo de interagir com o ambiente; é precavido, pleno de *circunspeção* e *temperança*, traz em sua memória os itens em que precisa usar Fortaleza para agir com sabedoria, sempre que necessário. Compreendemos que o homem virtuoso não é livre e isento de toda e qualquer possibilidade de cometer erros e equívocos, mas, é aquele que age sempre racionalmente.

Vivendo num mundo em ascensão permanente, onde o avanço tecnológico tem impactado a humanidade em suas várias instâncias, esse avanço tem muitas vezes gerado um retrocesso nas relações interpessoais e na própria vida humana. Cabe ao homem ser prudente para não ser impregnado pelas carentes predeterminações mundanas, mas guiado por sua racionalidade, buscando um agir virtuoso – deve ser sábio, justo, temperante e forte diante dos mais variados acontecimentos. Deve procurar agir não apenas na tentativa de evitar punições, ou receber elogios, mas, deve agir corretamente porque sua consciência o ordena a assim proceder, dessa forma, o homem prudente é o homem consciente.

Portanto, o homem é o reflexo perfeito da *synderesis*, uma vez que se diz “lei de nosso intelecto, enquanto é hábito que contém os preceitos da lei natural, os quais são os primeiros das obras humanas”⁴²⁴, assim, o homem possui um intelecto prático que lhe permite conhecer profundamente sua consciência, pois para Tomás de Aquino, todo indivíduo, possui uma consciência que lhe permite identificar se seu agir está dentro dos padrões da *razão* e da *consciência*. Sabendo-se que, sendo o homem racional, todas as

⁴²⁰ TOMÁS DE AQUINO. *De Ver*, q.16, a.2

⁴²¹ Cf in dicionário latino-portugues Amós Coêlho da Silva e Aírto Ceolin Montagner, verbete *prudens*

⁴²² TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.144, a.4

⁴²³ TORREL, J-P. *Santo Tomás de Aquino: Mestre Espiritual*. Tradução de J. Pereira. 2ª edição revista e acrescida de um Posfácio. Edições Loyola. São Paulo – SP. 2008. P. 327

⁴²⁴ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.94, a.1

suas ações são deliberadas, jamais poderão ser desculpadas pelo subterfúgio da involuntariedade das ações e afirmações. Dessa forma, o homem é sempre responsável por suas atitudes, independente dos resultados que delas advirão. O homem prudente ouve sua *razão*, confere e segue detalhadamente a Lei Natural.

3.3. Prudência e Lei Natural: Fundamentos da Vida Social

Tomás é capaz de, como poucos, nos surpreender ao longo da leitura de suas obras, sobretudo pela facilidade na abordagem de temas complexos, como é percebido no tocante ao seu estudo acerca da *lei natural* e Prudência, base da moral por ele formulada. Aquino refere-se à *lei natural* como participação da Providência Divina na criatura racional e por extensão, a todos os seres da natureza. O homem, para usufruir os benefícios da *lei natural*, tem a necessidade primordial de usar a Virtude como fonte de reflexões sobre o ambiente que o cerca. Os recursos da natureza são inesgotáveis, todavia obedecem à *lei natural* e o homem participa ativamente dessa natureza, deve usar a Prudência como um fator principal. Se assim o fizer, ele terá respeito por tudo aquilo que o cerca, sendo guiado pela Prudência, Temperança, pela Sabedoria, auxiliado pela vontade plena da Fortaleza. A Prudência, portanto, é um elo que liga o homem à *lei natural*.⁴²⁵

O homem como único ser possuidor de livre-arbítrio, é levado a assumir suas inclinações livremente. Dessa forma, estudarmos acerca *lei natural* em relação à Prudência é algo necessário, pois esta, como principal virtude, permite que o homem aja corretamente com seu próximo e ainda se dirija para Deus. Para Aquino,

Todo agente age em vista de um fim que tem para ele valor de bem. por isso o primeiro princípio na razão prática é o que se funda sobre a razão de bem: 'o bem é aquilo que todos os seres desejam'. Este é, pois, o primeiro princípio da lei: 'deve-se fazer e procurar o bem e evitar o mal'. Sobre esse axioma se fundam todos os outros preceitos da lei da natureza, e a razão prática naturalmente os apreende como bens humanos.⁴²⁶

A natureza, para Aquino, é um manancial, algo bom em si, pois foi criada por Deus, logo, tudo o que vai contra essa natureza é *pecado*. Os homens são naturalmente inclinados a viver em sociedade, por essa razão,⁴²⁷ a filosofia de Tomás é permeada por conceitos cristãos, os quais concebem Deus como único Criador e ordenador do Universo, que

⁴²⁵ TORREL, Jean-Pierre. *Santo Tomás de Aquino: Mestre Espiritual*. Tradução de J. Pereira. 2ª edição revista e acrescida de um Posfácio. Edições Loyola. São Paulo – SP. 2008. P. 339

⁴²⁶ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.94, a.2

⁴²⁷ TORREL, Jean-Pierre. *Santo Tomás de Aquino: Mestre Espiritual*. Tradução de J. Pereira. 2ª edição revista e acrescida de um Posfácio. Edições Loyola. São Paulo – SP. 2008. P.342

estabeleceu *leis* aos homens, a fim de conservarem sua vida, e permitirem a “amizade social”. Em cada exposição de Tomás de Aquino sua concepção acerca da relação criatura e Criador torna-se mais sólida, pois o homem vive em sociedade, e encontra nas *leis*, especialmente, nas *leis jurídicas*, regras e normas de conduta que ditarão as formas de se viver na sociedade em questão, contudo, até mesmo essas leis tiveram como início a *lei divina*, através dos mandamentos⁴²⁸ dados por Deus a Moisés no Monte Sinai.

Portanto, a criatura é projeto de Deus, o qual constituiu o homem de liberdade, administrador de seus próprios atos, tanto no tocante a suas ações ou como membro da sociedade, dessa forma, existem tipos de lei que regem o homem: a *lei divina* – regula a relação do homem para com Deus e a *lei humana* – regula a relação dos homens entre si.⁴²⁹ Dessa forma, a *lei* está intrinsecamente ligada à Prudência, pois possui como objetivo central, permitir o bem comum dos indivíduos que vivem em sociedade.⁴³⁰ Porém para atingir a boa convivência entre os indivíduos, faz-se necessário que a sociedade seja composta por homens prudentes, porque para Tomás de Aquino, é essencial que se pense prioritariamente no bem comum, conforme afirma, “cada homem é parte da cidade, é impossível que um homem seja bom, a menos que seja bem proporcionado ao bem comum, nem todo pode subsistir bem, a não ser pelas partes a ele bem proporcionadas. Portanto, é impossível que o bem comum da cidade se obtenha bem a não ser que os cidadãos sejam virtuosos”⁴³¹. A vida em sociedade é uma exigência da própria natureza humana,⁴³² é fundamental que o homem ao agir, decida pensar prioritariamente no *bem comum*.

A *lei natural* consiste numa “certa regra e medida dos atos, segundo a qual alguém é levado a agir ou a afastar-se da ação”⁴³³, a *razão* é a regra e a medida das ações humanas, pois trata-se de ser o primeiro princípio dos atos humanos. O Fim Último da vida humana consiste na *beatitudo*, está relacionada aos atos humanos. Todas as coisas estão sujeitas à providência divina, pois Deus inseriu a *lei natural* nas mentes humanas.⁴³⁴. Assim, a *lei*

⁴²⁸ Nos capítulos anteriores temos exposto que o homem é livre, e por isso não pode ser coagido a agir de determinada maneira. Assim, as leis civis indicam formas através das quais o homem deve agir, cabe a esse homem, decidir se agira de acordo ou não com as leis, e a partir de sua decisão livre, ele receberá louvor ou reprovação pelos seus atos. Portanto, o homem sempre é livre, mesmo num grupo marcado por regras, ele continua a ter a opção de escolher seguir ou não as regras.

⁴²⁹ TORREL, Jean-Pierre. *Santo Tomás de Aquino: Mestre Espiritual*. Tradução de J. Pereira. 2ª edição revista e acrescida de um Posfácio. Edições Loyola. São Paulo – SP. 2008. P.344

⁴³⁰ Conforme afirma TORREL, ““criar um conjunto de condições gerais que tendam a facilitar trocas e comunicações e finalmente a amizade entre membros, de sorte que cada pessoa chegue à sua realização própria no respeito aos outros e que uma real solidariedade torne possível a busca do ideal comum” (TORREL, Jean-Pierre. *Santo Tomás de Aquino: Mestre Espiritual*. Tradução de J. Pereira. 2ª edição revista e acrescida de um Posfácio. Edições Loyola. São Paulo – SP. 2008. P.344)

⁴³¹ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.92, a.1

⁴³² TORREL, Jean-Pierre. *Santo Tomás de Aquino: Mestre Espiritual*. Tradução de J. Pereira. 2ª edição revista e acrescida de um Posfácio. Edições Loyola. São Paulo – SP. 2008. P.345

⁴³³ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.90, a.1

⁴³⁴ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.90, a.4

natural é a *lei eterna* na criatura racional, pois pela *razão* o homem distingue o bem e o mal, delibera, decide e age.⁴³⁵ O homem é eticamente responsável por seus atos, devido a sua *liberdade* e a sua *razão*, através da qual ele pode dirigir a si próprio, e até influenciar os outros indivíduos. O homem é dirigido de modo sobrenatural ao Fim Último pela Lei.⁴³⁶ Para Aquino, “a lei natural dirige o homem segundo alguns preceitos comuns, nos quais se encontram tanto os perfeitos quanto aos imperfeitos, e assim, é uma para todos”⁴³⁷

A *lei natural* é regra e medida da *lei eterna*, faz com que o homem se volte para seus próprios atos e fins. Esta lei protege a natureza humana, suas inclinações e anseios consolidando suas ações sob o manto da virtude, compelindo-o a ser virtuoso. As virtudes estão relacionadas às *potências*, ao *habitus* e as *paixões*, pois o bem deve ser feito e procurado, o mal, por sua vez, deve ser evitado, sobre tais interesses se fundam os preceito da *lei natural*.⁴³⁸ O homem possui uma inclinação natural para o que é bom, devido à *lei natural*, responsável pela conservação da vida do homem, conservada ou impedida de acordo com as circunstâncias, e com os atos realizados. Portanto, pertence à esta lei também o que a natureza ensinou a todos os animais – a *sobrevivência pelo instinto*, bem como a inclinação do homem segundo a natureza da *razão* para que o homem conheça a verdade a respeito de Deus e para que viva em sociedade.⁴³⁹

Os atos virtuosos pertencem à *lei natural*, a qual está presente na vida do homem, mas pode ser destruída pelo próprio indivíduo, devido “aos costumes depravados e hábitos corruptos”⁴⁴⁰. Portanto, o plano de Deus é que todo homem alcance a plena realização de sua vida com paz na consciência e a satisfação íntima do dever cumprido. Tomás de Aquino é extremamente racional ao situar o homem como o único possuidor de responsabilidades quanto a alcançá-la, pois o posiciona como totalmente responsável por seus atos, daí a importância da vida virtuosa, porque somente mediante a ela o homem poderá alcançar o Fim Último. Toda *lei* humanamente imposta deriva da *lei natural*,⁴⁴¹ a qual é imutável, pois seus preceitos são universais,⁴⁴² procedentes da vontade divina.⁴⁴³ Assim, a *lei natural* visa articular a instância normativa da ética, e passa a assumir o cerne da ética formulada por

⁴³⁵ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.91, a.2

⁴³⁶ Idem. II-II, q.91, a.4

⁴³⁷ Idem. II-II, q.91, a.5

⁴³⁸ Idem. II-II, q.94, a.2

⁴³⁹ Idem. II-II, q.94, a.2

⁴⁴⁰ Idem. II-II, q.94, a.6

⁴⁴¹ Idem. II-II, q.95, a.2

⁴⁴² Idem. II-II, q.97, a.1

⁴⁴³ Idem. II-II, q.97, a.3

Aquino, pois possibilita as relações humanas num plano mais elevado, ao abrigo das paixões.⁴⁴⁴

Portanto, o homem possui naturalmente a aptidão para a virtude, sua perfeição consistirá em afastar-se dos prazeres indevidos. A *lei* é uma imposição para que haja paz entre os homens, a virtude, apresenta-lhe uma arma – a *razão* para superar suas concupiscências.⁴⁴⁵ O homem guiado pela *lei natural* está plenamente capacitado para uma vida digna e feliz, pois diante das situações que se apresentam, ele pondera, reflete e prevê as consequências que poderão advir ao deliberar sua ação. Concluimos que a Prudência é o elo que dá sustentação ao homem, conduzindo-o para a convivência coletiva, à vida digna e assim, à *beatitudo*. A *lei* é essencialmente moral, ela obriga a vontade, mas deixa ao livre-arbítrio a escolha entre o bem e o mal.⁴⁴⁶

Tomás, herdando o pensamento aristotélico, considera a Prudência como regulação racional das ações morais e particulares. É uma virtude que deve dirigir a conduta humana, a fim de possibilitar o êxito no desempenho das tarefas propostas racional e culturalmente. É a perfeição do entendimento prático, possuindo conexão com todas as outras Virtudes Morais, tornando boas e excelentes todas as ações humanas. Assim, Tomás classifica a Prudência como a primeira Virtude Cardeal, responsável por permitir ao homem julgar e agir corretamente.

A Prudência⁴⁴⁷ é uma virtude metafisicamente fundada⁴⁴⁸, pertencente à potência cognoscitiva, é compreendida como o *habitus* capaz de aperfeiçoar o intelecto prático para agir corretamente nas ações humanas, permitindo uma praticidade útil e sublimando os sentimentos vulgares do indivíduo.⁴⁴⁹ Para Tomás de Aquino, trata-se mais de uma virtude complexa que de uma pueril cautela, pois consiste numa virtude integradora do ser humano, trabalhando em relação a *razão* na previsão e execução das tarefas humanas, pois se faz necessário que o homem reflita e analise as situações, para então colocar sua ação em

⁴⁴⁴ JOSAPHAT, C. *Paradigma Teológico de Tomás de Aquino: sabedoria e arte de questionar, verificar, debater e dialogar: chaves de leitura da Suma de Teologia*. Editora Paulus. 1ª edição. 2012. São Paulo – SP. P. 464

⁴⁴⁵ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.95, a.1

⁴⁴⁶ JOLIVET, R. *Tratado de Filosofia IV*. Moral. Trad. Gerardo Dantas Barretto. Livraria Agir Editora. Rio de Janeiro – RJ. 1966. P. 94

⁴⁴⁷ A prudência é uma virtude essencial, a quem Tomás dedica uma atenção ímpar, conforme afirma JOSAPHAT, “Tomás caracteriza o ato próprio e central da prudência como o ‘preceito’ (=praeceptum), o ‘império’ (=imperium), a ‘ordem’ dada (=ordinatio). É o ato final da razão prática, convergência de inteligência e de vontade, intimando o rumo do agir, agir ou deixar de agir e fazê-lo da maneira julgada conveniente, após o processo de deliberação e julgamento. Esse ato conjunto da inteligência e vontade, analisando no estudo do agir humano, corresponde substancialmente à ‘decisão’”. (JOSAPHAT, C. *Paradigma Teológico de Tomás de Aquino: sabedoria e arte de questionar, verificar, debater e dialogar: chaves de leitura da Suma de Teologia*. 1ª edição. Editora Paulus. São Paulo – SP. 2012. P. 562)

⁴⁴⁸ AUBENQUE, P. *A Prudência em Aristóteles*. Tradução de Marisa Lopes. Discurso Editorial. Editora Paulus. 2ª edição. São Paulo – SP. 2008. P. 13

⁴⁴⁹ Cf. in http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/36474_4079.PDF
acessado em 07.01.2012 às 14:39

prática. Assim, o ato da Prudência é um processo que envolve atenção e orientação das faculdades intelectuais que abrangem o conhecer e o querer.⁴⁵⁰

Tomás de Aquino seguindo a esteira de Aristóteles, afirma a existência de três potências no homem: *apetitiva*, *sensitiva* e *cognoscitiva*, esta última refere-se à *razão*, conseqüentemente à qual a Prudência pertence. A Prudência tanto considera como também é responsável pela aplicação de algo desejado, reflete sobre o objetivo da *razão prática*. A Prudência é uma das bases da fundamentação da ética de Tomás de Aquino, pois tudo que a contradiz deve ser evitado, conforme Aquino afirma,

O mérito da prudência não consiste somente na consideração, mas na aplicação à obra, que é o fim da razão prática. Portanto, se houver alguma deficiência neste, será em grau máximo contrário à prudência, porque, assim como o fim é o principal na ordem das coisas, uma deficiência nele é péssimo. Donde o Filósofo acrescentar que a prudência 'não está somente na razão, a prudência comporta a aplicação à obra que se realiza pela vontade'.⁴⁵¹

Nenhuma Virtude Moral pode prescindir da Prudência, porque como *habitus* eletivo, seleciona as opções do agir humano.⁴⁵² O Homem é, para Aquino, essencial e naturalmente político, daí o porquê das Virtudes Cardeais serem também chamadas de *virtudes políticas*, pois quando os homens as praticam, estão agindo corretamente nas ocorrências cotidianas.⁴⁵³ Assim, gerir corretamente os acontecimentos humanos faz-se quando o homem age de acordo com a Prudência, nem quando cede às paixões, nem quando se entrega aos vícios, “quando abandona os afazeres humanos impostos pela necessidade”⁴⁵⁴. A Prudência é considerada como o *meio-termo*, que impulsiona o homem a não fugir de sua natureza humana – sujeito a influência das paixões, porque se o homem ignorar tal instância, estaria agindo de maneira errada, mas também o impulsiona a considerar sua busca pela *beatitudo*, alcançada na vida futura. A Prudência é a principal virtude, pois conforme afirma Tomás de Aquino, “a virtude implica a disposição de alguma coisa que se encontra bem conforme à sua natureza. A virtude é uma bondade, porque a bondade consiste para cada um em encontrar-se bem segundo o modo de sua natureza. E o fim da virtude são as boas ações”.⁴⁵⁵ Ainda segundo Tomás,

⁴⁵⁰ JOSAPHAT, C. *Paradigma Teológico de Tomás de Aquino: sabedoria e arte de questionar, verificar, debater e dialogar: chaves de leitura da Suma de Teologia*. 1ª edição. Editora Paulus. São Paulo – SP. 2012. P. 561

⁴⁵¹ TOMÁS DE AQUINO. II-II, q.47, a.1

⁴⁵² Idem. I-II, q.65, a.1

⁴⁵³ Idem. I-II, q.61, a.5

⁴⁵⁴ Idem. I-II, q.61, a.5

⁴⁵⁵ Idem. I-II, q.71, a.1

A virtude não implica somente a perfeição da potência que está no princípio do ato. Ela implica a boa disposição do sujeito que a possui, porque cada um age na medida em que está em ato. É preciso que algo se encontre bem disposto para que seja operativo do bem. É nesse sentido que o vício opõe-se à virtude.⁴⁵⁶

As virtudes tornam bons aqueles que as possuem, são conexas, interligadas. A Prudência é verdadeira somente se for justa, moderada e forte, por isso consiste na principal de todas as Virtudes, pois dirige as Virtudes Morais tanto na escolha dos meios quanto na predeterminação do Fim,⁴⁵⁷ a qual considera os meios pelos quais se chega à Felicidade. Cabe à Prudência aplicar os princípios universais, às conclusões particulares do modo como devemos agir, os meios pelos quais o homem orienta sua ação.⁴⁵⁸ A Prudência aborda sobre o que deve ser feito, o melhor meio para que algo seja alcançado, ou evitado, sobretudo pelas escolhas cabíveis à liberdade do homem.⁴⁵⁹ Conforme afirma Aquino,

O fim não pertence às virtudes morais, como se elas mesmas o estabelecessem, mas porque elas tendem ao fim estabelecido pela razão natural. Presta-lhes ajuda a prudência que lhes prepara o caminho dispondo os meios. Por conseguinte, resulta que a prudência é mais nobre que as outras virtudes morais e as põe em movimento. Mas a *synderesis* move a prudência como o intelecto dos princípios move a ciência.⁴⁶⁰

A Prudência⁴⁶¹ é uma *inteligência moral*, crítica, que visa agir a partir da realidade, pode ser denominada como *educação moral*, desde que a ação esteja em conformidade com o que nos aparece no cotidiano. Ela engloba três atos: *deliberar*, *julgar* e o principal deles, *comandar*, baseia-se no que predetermina a *razão*, especialmente na *razão prática*.⁴⁶² Diante desses três atos que fazem parte da Prudência,⁴⁶³ ela é concebida como uma capacidade de *discernimento prático* ou *sabedoria de vida* referente à avaliação e execução dos atos humanos.⁴⁶⁴ Versa sobre as coisas humanas, sobre o bem humano, visa o bem tanto do indivíduo particular como também o coletivo. É a virtude da *deliberação*, da *decisão*

⁴⁵⁶ TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.71, a.1

⁴⁵⁷ Idem. I-II, q.66, a.3

⁴⁵⁸ Idem. I-II, q.47, a.6

⁴⁵⁹ Idem. I-II, q.47, a.5

⁴⁶⁰ Idem. I-II, q.47, a.6

⁴⁶¹ A Prudência está contida nas Virtudes Cardeais, as quais herdaram esse termo do latim *cardo*, que quer dizer dobradiça, fechadura, ou seja, a Prudência, por ser a virtude que conduz o homem a realizar determinada ação, é compreendida como uma virtude final, que permite que uma ação seja realizada ou evitada. A Prudência é um dos fundamentos da ética da responsabilidade do homem consigo e com o outro, podemos notar que Tomás pensa o particular para então pensar o todo, isto é, todos os indivíduos de uma mesma sociedade, como é o caso da Política.

⁴⁶² TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.47, a.8

⁴⁶³ Idem. I-II, q.47, a.9

⁴⁶⁴ NASCIMENTO, Carlos A. R. do. *Tomás de Aquino – Um mestre no ofício*. Editora Paulus. 1ª edição. São Paulo – SP. 2011. P. 87

corajosa e da *responsabilidade individual*, e *bom senso*, uma vez que o homem, por ser racional, deve lidar com a obrigação de escolher livremente aquilo que lhe parece bom.⁴⁶⁵

A fundamentação ética de Tomás reside numa relação de reciprocidade entre os homens. A Ética e a Política, em seu pensamento, possuem uma relação de interligação, em especial porque a Prudência é “Ética” quando faz com que o homem aja visando o Bem, e passa a ser “Política” quando esse Bem passa a se referir ao Bem Comum, conforme afirma Aquino, “esta é chamada prudência segundo a razão comum de prudência, isto é, por ser a reta razão do que se deve fazer. E se chama política por sua ordenação ao bem comum”.⁴⁶⁶ Ainda segundo Aquino,

Aquele que procura o bem comum da multidão, por via de consequência, procura também seu próprio bem, por duas razões. Primeiro porque o próprio bem não pode subsistir sem o bem comum da família, da sociedade ou da pátria. Segundo, porque sendo o homem pai de uma casa e de uma cidade, deve procurar o que é bom para ele pelo prudente cuidado a respeito do bem da multidão, dado que a reta disposição das partes depende de sua relação com o todo.⁴⁶⁷

Tomás distingue três tipos de Prudência: *prudência propriamente dita*, que está ordenada ao bem próprio; a *prudência da família*, quando o chefe da família resolve procurar novos meios para melhor atender as necessidades de sua família; a *prudência política*, que está ordenada ao bem comum, seja da Cidade ou da Nação.⁴⁶⁸ No entanto, somente é verdadeira e perfeita a Prudência que *delibera, julga e comanda* retamente, considerada como a *prudência absoluta*, pois conduz o indivíduo às reflexões úteis e concisas dentro dos parâmetros da *razão*, entretanto mas quando o indivíduo prescinde dessa virtude torna-se frágil diante dos problemas cotidianos, exacerba-se face aos obstáculos, rompe com os ditames da justiça, insurge-se contra a Temperança, torna-se uma ameaça à sã convivência.

Para Tomás, a natureza atribuiu aos animais garras e pele, a fim de serem capazes de se defenderem e procurarem alimentos, mas ao Homem, atribuiu mãos e *razão*. Com isso, todo homem⁴⁶⁹, enquanto ser racional, possui a Prudência, é capaz de dirigir e governar suas ações; nisso constitui sua *dignidade*. Seguindo esse raciocínio, notamos que

⁴⁶⁵ LAUAND, L. J. *TOMÁS DE AQUINO: A Prudência*. Tradução de Jean Lauand. Editora Martins Fontes. São Paulo – SP. 2005. P. XV

⁴⁶⁶ TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.47, a.11

⁴⁶⁷ Idem. I-II, q.47, a.10

⁴⁶⁸ Idem. I-II, q.47, a.11

⁴⁶⁹ Encontramos ao longo da leitura da obra Suma Teológica, especificamente no artigo 12 da questão 47, lemos que Tomás fala do senhor e do escravo, na visão tomista, o homem é livre, mas Tomás ainda baseando-se no pensamento aristotélico, afirma que o homem é diferente do escravo e da mulher, pois para ele, a escravidão é uma consequência do pecado original. Para Tomás de Aquino, o escravo é apenas um instrumento do seu senhor, mas mesmo o escravo, pode pensar, deliberar, ainda que não bote em prática sua vontade.

razão e Prudência estão interligadas, pois todo indivíduo é racional, então todos possuem ou devem possuir a Prudência, seja esta infusa – dada por Deus até mesmo às crianças através de Sua Graça, ou adquirida – advinda das experiências passadas,⁴⁷⁰ conforme afirma Aquino,

A Prudência inclui o conhecimento dos universais e também dos singulares que se devem fazer, aos quais o homem prudente aplica os princípios universais. Quanto ao conhecimento universal, é a mesma razão para a Prudência e para a ciência especulativa. Porque uma e outra conhecem naturalmente os primeiros princípios universais; com a diferença que os princípios comuns da Prudência são mais conaturais⁴⁷¹ ao homem. Mas, os princípios universais posteriores, seja da razão especulativa, seja da razão prática, não são conaturais. São descobertos pela experiência, ou pela instrução.⁴⁷²

A Prudência é resultado do Conhecimento ou da Vontade, seu ato principal é *comandar*, é aplicar o conhecimento ao desejo e à ação, é uma virtude intrínseca ao indivíduo, e somente as paixões a impedem de atuar.⁴⁷³ É a principal virtude, composta por oito partes: *memória*, *razão*, *intelecto*, *docilidade*, *sagacidade*, *previdência*, *circunspeção*⁴⁷⁴ e a *precaução*. A Prudência constitui-se de uma forma de olhar o passado (*memória*) e o presente (*inteligência*), o conhecimento de algo mediante o ensinamento (*docilidade*) ou pela descoberta (*eustochia*⁴⁷⁵), refere-se também à avaliação do meio-termo rapidamente (*sagacidade*), também utilizar o conhecimento e julgamento das coisas, o que se dá a partir da ordenação de algo convenientemente ao seu fim (*previdência*), considerar as circunstâncias das situações (*circunspeção*) e finalmente, evitar os obstáculos (*precaução*)⁴⁷⁶, é diante da quantidade de partes da Prudência que Tomás afirma categoricamente que a Prudência “se encontra sobretudo nos anciãos”.⁴⁷⁷

⁴⁷⁰ TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.47, a.14

⁴⁷¹ Para a compreensão do Tratado da Prudência de Tomás devemos ter em mente o princípio de individuação, segundo o qual se afirma que o homem é um ser composto, que possui forma e matéria, por conseguinte, tem habilidades que o diferem de todos os demais indivíduos, conforme afirma Tomás, “um homem pode ser naturalmente mais apto que outro para discernir esses meios (meios para realizar o fim das coisas humanas)” (TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.47, a.15) Isto é, alguns homens são dotados de uma inclinação natural, as quais podem ser compreendidas como disposições, logo, são uma espécie de virtude que os dirigem para os fins desejáveis.

⁴⁷² TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.47, a.15

⁴⁷³ Idem. I-II, q.47, a.16

⁴⁷⁴ É uma característica do homem que se comporta cautelosamente diante de todas as circunstâncias que o cercam.

⁴⁷⁵ Tomás de Aquino herdou esse conceito de Platão, que compreendia *eustochia* como o olhar certo que fixa um alvo, como uma inteligência ou aptidão que permite o alcance de determinado objetivo, como um arqueiro que se volta em direção ao alvo que está sob sua mira.

⁴⁷⁶ TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.48

⁴⁷⁷ Idem. I-II, q.47, a.15

Todavia, a Prudência também contém partes potenciais, referentes ao conselho (*eubulia*⁴⁷⁸), ao juízo relativo às circunstâncias ordinárias (*synesis*), e ao que se refere ao juízo sobre os casos (*gnome*), mas acima de tudo, cabe à Prudência o ato principal que é o de *comandar*,⁴⁷⁹ porque a Prudência trata das ações contingentes, as quais são dirigidas por acontecimentos frequentes,⁴⁸⁰ pois o homem deve agir de acordo como as circunstâncias lhe aparecem, uma vez que não existe uma fórmula para bem agir, faz-se necessário seu frequente exercício, conforme afirma Aquino: “a Prudência tem uma aptidão natural, mas recebe seu acabamento pelo exercício ou pela graça”⁴⁸¹, e nisso há a importância da *memória*, porque “a Prudência aplica o conhecimento universal às ações particulares, das quais os sentidos se ocupam; por isso, a Prudência necessita de muitos elementos sensíveis, entre os quais a *memória*”⁴⁸².

A *memória* é uma das partes da Prudência porque através de lembranças passadas é possível deliberar a respeito do futuro. O homem possui *intelecto*, embora este não seja considerado uma potência intelectual, mas responsável por avaliar corretamente os princípios, pois para Tomás, possuímos naturalmente *princípios universais* – especulativos e práticos, os quais nos foram dados por Deus através da *lei natural*, pois “é necessário que todo processo da Razão proceda de algo conhecido. Porque a Prudência é a reta razão do que se deve fazer, é necessário que seu desenvolvimento proceda do Intelecto. É por isso que o Intelecto é considerado como uma das partes da Prudência”⁴⁸³.

Portanto, é necessário que haja o bom uso da *razão*, daí a necessidade do homem saber raciocinar bem, o que é possível apenas mediante a superação de suas *paixões* e *inclinações* humanas, pois mesmo seu intelecto possuindo imperfeições e limitações, ele necessita do bom uso de sua *razão* para que aja de modo correto. Conforme afirma Tomás,

Por isso, ainda que a razão seja mais certa em outras potências intelectuais do que a Prudência, requer-se para a Prudência sobretudo que o homem seja capaz de raciocinar corretamente, de modo que ele possa aplicar adequadamente os princípios universais aos casos particulares, que são variados e incertos.⁴⁸⁴

⁴⁷⁸ *Eubulia* é o bem aconselhar-se, embora nem toda retidão possa assim ser compreendida, a *eubulia* é o que dirige o conselho ao fim comum da vida humana. É um termo compreendido desde Aristóteles como a boa deliberação, que pode proporcionar uma justa correspondência entre meios e os fins. Portanto, a *eubulia* é considerada parte da prudência, pois refere-se a execução de determinada ação.

⁴⁷⁹ TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.48

⁴⁸⁰ Idem. I-II, q.49, a.1

⁴⁸¹ Idem. I-II, q.49, a.1

⁴⁸² Idem. I-II, q.49, a.1

⁴⁸³ Idem. I-II, q.49, a.2

⁴⁸⁴ Idem. I-II, q.49, a.5

A Prudência refere-se aos meios a serem ordenados ao devido fim, porque as ações humanas são contingentes – podem ou não serem executadas na tentativa que determinado fim seja alcançado ou evitado. Nesse sentido, podemos perceber que a Prudência age como um meio de aprofundamento e julgamento das ações humanas, conforme afirma Aquino,

Compete principalmente à prudência ordenar corretamente alguma coisa a seu fim. Isto só é possível se o fim for bom e se o que é ordenado ao fim é também bom e conveniente ao fim. Ora, porque a prudência tem como objeto as ações singulares, às quais concorrem muitas coisas, acontece que alguma coisa, considerada em si mesma, seja boa e conveniente ao fim, a qual, entretanto, pode tornar-se má ou importuna ao fim.⁴⁸⁵

É necessário frisarmos que a Prudência refere-se às ações práticas, e, por conseguinte, contingentes, as quais são sua própria matéria, dessa forma, o homem está sujeito a uma grande variedade das ações que frequentemente se apresentam, então, faz-se necessário a *precaução* para que haja a Prudência, pois somente mediante a ela é que o homem pode escolher os bens e evitar os males.⁴⁸⁶ Conforme afirma Tomás de Aquino,

A precaução não é necessária nos atos morais para se precaver dos atos virtuosos; mas, para que se previna contra aquilo que pode impedir tais atos. Deve-se precaver dos males opostos e buscar o bem têm a mesma razão. Mas, evitar os impedimentos extrínsecos, é algo diferente. Por isso a precaução e a providência são distintas, ainda que ambas pertençam à virtude da prudência.⁴⁸⁷

Aquino focaliza a Prudência como um instrumento ético referente às ações práticas, pois o homem é um ser que está no mundo, sujeito às ações que o toquem no “aqui” e no “agora”, e que surgem diante dele frequentemente ou não, todavia é diante da possibilidade das ações, dos acontecimentos e das circunstâncias que é necessário ao homem, e em especial à Prudência, a *precaução*, conforme ele afirma,

Entre os males que o homem deve evitar, alguns acontecem frequentemente. É possível abrangê-los pela razão. É contra tais males que se dirige a precaução, para que sejam evitados totalmente ou para que causem menos danos. Outros, porém, acontecem com menor frequência e por acaso. Sendo eles infinitos não podem ser abrangidos pela razão, nem o homem pode precaver-se deles totalmente. Embora, o homem possa, com a ajuda da razão, dispor-se contra os contratempos do acaso para que seja menos prejudicado.⁴⁸⁸

⁴⁸⁵ TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.49, a.7

⁴⁸⁶ Idem. I-II, q.49, a.8

⁴⁸⁷ Idem. I-II, q.49, a.8

⁴⁸⁸ Idem. I-II, q.49, a.8

Diante disto, a *synesis* é um juízo reto nas ações particulares que são o objeto da Prudência, tal juízo se refere à potência cognoscitiva, para que receba as coisas provenientes da natureza, por isso é de extrema importância para o Homem a *eubulia* e a *synesis*, assim,

A Prudência ou a *eubulia*, seja adquirida ou infusa, dirige o homem na investigação do conselho segundo os dados que a razão pode compreender. Por isso, pela prudência ou *eubulia*, o homem se torna bom conselheiro de si ou de outros. Como a razão humana não pode abarcar todos os casos singulares e contingentes que podem ocorrer, resulta que “os pensamentos dos mortais são tímidos, e nossas previsões incertas”. Por isso o homem tem necessidade, na busca do conselho, pelo qual o homem é dirigido, por assim dizer, pelo conselho que recebe de Deus. De modo semelhante, nas coisas humanas, aqueles que não encontram por si mesmo o conselho desejado requerem o conselho de homens mais sábios.⁴⁸⁹

Ao nos aprofundarmos no estudo da Prudência, chegamos à conclusão que, quando o objeto central de estudo é o homem, existe uma dualidade constante. Todavia, a Prudência é o fio condutor das reflexões justas e corretas, mas, existe uma Prudência adjunta que é responsável pela precipitação, a temeridade, a inconsideração, a inconstância ou *negligência*,⁴⁹⁰ tais atos são derivados do mau uso da *synesis* e da *eubulia*, pela má deliberação, mau julgamento ou mau preceito.⁴⁹¹ A Prudência participa de todas as virtudes porque as dirige, uma vez que “toda retidão da razão prática pertence, de algum modo, à prudência”⁴⁹². Dessa forma, a Prudência é responsável por toda retidão da *razão prática*, bem como por tudo que se refere ao fim da vida humana⁴⁹³, logo, a Prudência é a reta razão do que deve ser feito, pois segundo Aquino,

Quando alguém age contra uma virtude qualquer, age contra a prudência. De fato, sem esta não pode existir nenhuma virtude moral. E com a prudência desaparecem todas as virtudes morais, pelo menos quanto à existência perfeita e formal de virtude que têm enquanto participam da prudência.⁴⁹⁴

Portanto, a Prudência é a responsável por realizar a conexão entre todas as virtudes, pois determina o que deve ser basicamente escolhido ou evitado, porque a ela cabe o discernimento de todos os atos humanos, não pode ser jamais ignorada, pois dela surgem as boas reflexões, que distanciam o homem do mau e da infelicidade, é a virtude mais

⁴⁸⁹ TOMÁS DE AQUINO. I-II, q.52, a.1

⁴⁹⁰ Idem. I-II, q.52, a.4

⁴⁹¹ Idem. I-II, q.53, a.2

⁴⁹² Idem. I-II, q.53, a.5

⁴⁹³ Idem. I-II, q.55, a.2

⁴⁹⁴ Idem. I-II, q.73, a.1

essencial à vida humana não por comodidade, mas obrigatoriamente para que seja possível um bom convívio entre o homem e seus semelhantes, porque o indivíduo apenas será pleno no alcance de sua Felicidade, Fim mais desejável, se viver dignamente no contexto histórico em que se encontra, pois apenas se torna Homem à medida que é confrontado e supera suas limitações, alcançando uma vida virtuosa.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho expomos os traços marcantes do pensamento de Tomás de Aquino, essenciais à Filosofia, até mesmo à Modernidade. Podemos perceber que Tomás de Aquino, mesmo diante de severas críticas, se mantém como grande mestre da Filosofia e da Teologia, e por isso deve ser estudado ou, no mínimo, conhecido, pois no século XIII antecipou questões que são hoje, no século XXI, ainda incertas e pouco questionadas. Portanto, um pensador de seu porte, na fluência de seus três mil artigos da *Summae Theologiae*, torna-se imperativo ser estudado, ainda que este não fosse seu objetivo. Dessa forma, a filosofia de Tomás nos impulsiona a termos uma visão mais abrangente e mais aprofundada daquilo que nos cerca e do que nos inquieta, seja no âmbito físico ou metafísico.

Em nossa dissertação tratamos do homem como um ser de fato humano, como possuidor de uma *obrigação moral* de agir não conforme seus desejos, mas como convém à Sociedade, independente de qual seja ela – civil ou religiosa. Percebemos que o homem é único, um indivíduo *essencialmente* livre, *necessariamente* senhor de seus atos e de suas consequências, donde suas ações são a mola propulsora de benefícios ou malefícios à Sociedade e à Humanidade, pois o indivíduo situa-se o centro de toda a Criação Divina, é o único capaz de usar a *razão*, as *sensações* e os *sentimentos* e expressá-los em linguagem entre os membros de sua comunidade.

O homem deve ser comedido, pois, apenas uma tênue linha separa-o de uma vida virtuosa ou de uma vida abatida pelo vício. Deve orientar-se sempre pela *razão* que determina e aconselha o agir corretamente. Em sua busca incessante pela Felicidade, deve deliberar suas ações, pois ao checá-las estará agindo como a *razão* predeterminou. Assim, a ética para Aquino está fundamentada na vida virtuosa, na vida marcada pela Prudência, Temperança, Justiça e Fortaleza, pois tanto excesso quanto falta são vícios, são prejudiciais a vida individual e social, faz-se então necessário que o homem haja comedido, baseado em sua racionalidade, como esta lhe determina e aconselha a agir, deliberar sobre suas ações, pois ao realizar essa deliberação, estará agindo racionalmente.

Concluimos que ao que se refere a filosofia de Tomás de Aquino, jamais pode-se, seguir parâmetros de juízos predeterminados, ou formular conceitos julgando os homens como iguais entre si, esperando que tenham sempre as mesmas atitudes e impressões, embora possamos julgar que todos esperam alcançar a Felicidade, devem sempre usar sua *razão* na realização de seus atos. Logo, para Aquino, o homem não pode ser representado como uma máquina inerte, mas como possuidor de uma alma que o torna um ser único, diferente de todos os demais. É nesta fundamentação que consiste a grandiosidade do

pensamento de Aquino, ao captar e unir as mais variadas componentes humanas – físicas, psíquicas e sensíveis, e delas formular conceitos éticos e morais. Portanto, Tomás consegue captar e conhecer o homem, em suas mais variadas instâncias, inserindo-o numa sociedade, com regras, direitos e deveres e acima de tudo, como um ser de fato humano, em contato com outros homens, que devem buscar sempre e antes de tudo, uma convivência pacífica, respeitosa e virtuosa.

Dessa forma, mostramos que para Tomás de Aquino o homem não é inocente, não age sem querer agir, ou não expressa o que não quer expressar, sua ação, boa ou má, é uma ação consciente, e por isso, não pode ser retirado dele, a culpa ou o louvor por seus atos. Em virtude desta responsabilidade que o homem tem para consigo, com o outro e com tudo o que o cerca, ele deve ser prudente, deve ter sua vida pautada na Prudência, porque ele possuindo-a possuirá todas as demais virtudes, uma vez que elas estão conexas, e projetam um homem prudente, forte, justo e temperante.

Concluimos nosso trabalho afirmando que é de extrema importância e necessidade, para a existência de uma Ética, que haja uma ordem nas relações intersubjetivas, estabelecendo uma reciprocidade entre direitos e deveres, que governem os indivíduos face às predeterminações da Sociedade. Jamais podemos dividir o pensamento de Tomás de Aquino, mas devemos sempre, incansavelmente, lê-lo, procurando realizarmos uma abordagem fiel.

BIBLIOGRAFIA

PRINCIPAL

- AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Volume 1. Edições Loyola. Edição Bilingue. São Paulo – SP. 2005
- _____. **Suma Teológica**. Volume 3. Edições Loyola. Edição Bilingue. São Paulo – SP. 2005
- _____. **Suma Teológica**. Volume 4. Edições Loyola. Edição Bilingue. São Paulo – SP. 2005
- _____. **Suma Teológica**. Volume 5. Edições Loyola. Edição Bilingue. São Paulo – SP. 2005
- _____. **Suma Teológica**. Volume 6. Edições Loyola. Edição Bilingue. São Paulo – SP. 2005
- _____. **Suma Teológica**. Volume 7. Edições Loyola. Edição Bilingue. São Paulo – SP. 2005
- _____. **A Prudência**. Trad. Luiz Jean Lauand. Editora Martins Fontes. São Paulo – SP. 2005
- _____. **Le passioni e l'amore**. A cura di Umberto Galeazzi. Saggio introduttivo, traduzione, note e apparati di Umberto Galeazzi. Bompiani Testi a Fronte. 2012. Milano – Italy.
- _____. **Il male e la libertà** (dalle Questioni disputate sul male). Introduzione e note di Umberto Galeazzi. Traduzione di Umberto Galeazzi e Raffaella Savino. Biblioteca Universale Rizzoli. Classici del pensiero. 2002. Milano – Itália.
- _____. Opera Omnia Iussu Leonis XIII. P. M. edita, t.47: **Sententia Libri Ethicorum** (Ad Sanctae Sabinae, Romae, 1969) 2 vol.
- _____. Quaestiones Disputatae, t.2: **Quaestiones Disputatae de Virtutibus Cardinalibus**. Ed. E. Odetto (10ª ed.: Marietti, Taurini-Romae, 1965), p. 813-828

DICIONÁRIOS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 4ª edição, São Paulo: Martins Fontes. 2003
- FERREIRA, A. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5ª edição, Paraná: Editora Positivo. 2010
- SILVA, A.; MONTAGNER, A.C. **Dicionário Latino-Português**. Rio de Janeiro. Editora Vozes. 2008
- TORRINHA, F. **Dicionário Latino-Português**. 3ª edição, Porto: Editora Maranus. 1945

SECUNDÁRIA

- AMATUZZI, M.M. **A Alma Humana em Tomás de Aquino: um debate antigo e atual**. Alínea Editora. Campinas – SP. 2008
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. António de Castro Caeiro. Editora Atlas. São Paulo – SP. 2009
- _____. **Da Alma (De anima)**. Introdução, tradução e notas por Carlos Humberto Gomes. Textos Filosóficos. Edições 70. Lisboa – PT.
- AUBENQUE, Pierre. **A Prudência em Aristóteles**. Tradução de Marisa Lopes. Discurso Editorial. Editora Paulus. 2ª edição. 2008. 352 p.
- BIGONGIARI, Dino. **The Political Ideas of St. Thomas Aquinas**. The Free Press. New York – USA. 1997

COSTA, J. S. **Tomás de Aquino – A Razão a Serviço da Fé.** 2ª edição. Editora Moderna. Coleção Logos. São Paulo – SP. 1993

ELDERS, L. **The Ethics of St. Thomas Aquinas: Happiness, Natural Law and The Virtues.** Peter Lang. 2000

GARDEIL, H.D. **Iniciação à Filosofia de S. Tomás de Aquino.** Tradução do Pe. Augusto J. Chiavegato. TOMO III – PSICOLOGIA. Duas Cidades. São Paulo – SP. 1967.

GARRIGOU-LAGRANGE, R. **La vida eterna y la profundidad del alma.** Traducción de Arsenio Pagios Lopez. Patmos. Libros de espiritualidad. Ediciones Rialps, S.A. Madrid – ES. 1951

GILSON, E. **Il Tomismo.** Introduzione alla filosofia di San Tommaso d'Aquino. Com un saggio introduttivo di Costante Marabelli. Di fronte e attraverso Jaca Book. Biblioteca di Cultura Medievale. Edizione italiana condotta sulla sesta edizione francese. Titolo originale: introduction à la philosophie de Saint Thomas d'Aquin. Milano – Itália. 2011

JOLIVET, R. **Tratado de Filosofia IV. Moral.** Trad. Gerardo Dantas Barretto. Livraria Agir Editora. Rio de Janeiro – RJ. 1966

JOSAPHAT, C. **Paradigma Teológico de Tomás de Aquino: sabedoria e arte de questionar, verificar, debater e dialogar: chaves de leitura da Suma de Teologia.** Editora Paulus. 1ª edição. 2012. São Paulo – SP.

MONDIN, B. **Humanismo filosófico de Tomás de Aquino, O.** Tradução de Antonio Angonese. Edusc. Bauru – SP. 1998

_____. **O homem, quem é ele?: Elementos de Antropologia Filosófica.** Tradução de: R. Leal Ferreira e M.A.S. Ferrari. Título original: l'uomo: chi è? Edições Paulinas. 2ª edição. 1977

NASCIMENTO, Carlos A. R. do. **Um mestre no ofício: Tomás de Aquino.** Editora Paulus. 1ª edição. 2011. São Paulo – SP. 116 p.

OLIVEIRA, M. A. **Ética e Sociabilidade.** Edições Loyola. São Paulo – SP. 1993

PEGORARO, O. **Ética dos Maiores Mestres: Através da História.** 4ª edição. Editora Vozes. Petrópolis – RJ. 2006

REGAN, R. **Aquinas: the cardinal virtues – prudence, justice, fortitude, and temperance.** Translated and edited, with introduction and glossary, by Richard J. Regan. Hackett Publishing Company, Inc. Indianápolis/Cambridge. 2005

ROUSSELOT, P. **A Teoria da Inteligência segundo Tomás de Aquino.** Tradução de Paulo Meneses e apresentação de Henrique Vaz. Coleção Filosofia. Edições Loyola. São Paulo – SP. 1999

ROVIGHI, S.V. **Introduzione a Tommaso D'Aquino.** I Filosofi. Editori Laterza. 1973. Bari – Italy

SCIACCA, M. F. **El hombre, este desequilibrado.** Luis Miracle Editor. Barcelona – ES. 1958. 344p.

TORREL, Jean-Pierre. **Iniciação a Santo Tomás de Aquino: sua pessoa e sua obra.** Tradução de Luiz Paulo Rouanet. Edições Loyola. 2ª edição. São Paulo – SP. 1999

_____. **Santo Tomás de Aquino: Mestre Espiritual.** Tradução de J. Pereira. 2ª edição revista e acrescida de um Posfácio. Edições Loyola. São Paulo – SP. 2008.

VIRTUAL

http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/36474_4079.PDF
acessado em 07.01.2012 às 14:39

<http://plato.stanford.edu/entries/conscience-medieval/>
acessado em 26/01/2013 às 20:43

http://www.philosophicalinvestigations.co.uk/index.php?option=com_content&view=article&id=322&catid=41&Itemid=54

acessado em 26/01/2013 às 20:46

http://pdfdownloadfree.net/?pdfurl=1qeXpurpn6Wih-SUpOGumKynh7_o5MnZ2sri29yO3dSVutTe0OKFtvcZ2eHX4Zah6KeWppHch6_bn6Oqo5Dc2undn5ue25LV2drZ4MrhotTa4ZTc09yU59zG3tXS0-LLo93J0pGx4g

acessado em 27/01/2013 às 09:58

<http://pdfdownloadfree.net/?pdfurl=1qeXpurpn6Wih-SUpOGum6enh7-4xKk38be1xbLBIL-Vw7S4xMS5tayfkDQov-nPOBbTjNzryurNhdGS1c-U3OTZ2trj18mWo9igo6OQ2oiw4J-joLCH3NzZ4KyYnefP49HK3tTpzueWy9nezuGi3eTfydzh29jnlsjf35igpJatnJacnunO4szK4tfc1-eT7prb29vr0-jJyZ7izdSWofl>

acessado em 27/01/2013 às 10:05

http://www.iscsp.utl.pt/~cepp/lexico_grecoromano/phronesis.htm

acessado em 25/02/2013 às 16:52

<http://www.slideshare.net/caiogrimberg/resumo-da-concepo-aristotlica-de-phrnesis-lima-vaz>

Acessado em 25/02/2013 às 16:55

<http://www.hottopos.com/notand10/jean.htm>

acessado em 29/04/2013 às 15:59

http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/as_virtudes_no_pensamento_de_santo_tomas_de_aquino.pdf

acessado em: 26/04/2013 às 22:45

<http://ifch.unicamp.br/cpa/boletim/boletim/05/08.silva.pdf>

acessado em 29/04/2013 às 01:00

<http://institutumsapientiae.files.wordpress.com/2011/07/sc-2011-07-joc3a3o.pdf>

acessado em 29/04/2013 às 02:05